

### UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB) MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS PROF-LETRAS

# ANDREA MACÁRIO DE OLIVEIRA

NÓS E A GENTE: UMA ANÁLISE DESSA VARIAÇÃO EM PRODUÇÕES ESTUDANTIS EUNAPOLITANAS

VITÓRIA DA CONQUISTA 06 DE JUNHO DE 2017

### ANDREA MACÁRIO DE OLIVEIRA

# NÓS E A GENTE: UMA ANÁLISE DESSA VARIAÇÃO EM PRODUÇÕES ESTUDANTIS EUNAPOLITANAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

**Orientadora:** Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Valéria Viana Sousa **Coorientador:** Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da

Silva

#### Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia Programa Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

#### BANCA EXAMINADORA

Aféria liona Sousa
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Valéria Viana Sousa (UESB)
(Orientadora)
Prof/Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB) (Coorientador/ Membro Titular Interno)
Prof/Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)
(Coorientador/ Membro Titular Interno)
Prof. Dr. Gessilene Silveira Kanthack(UESC)
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Gessilene Silveira Kanthack(UESC)
(Membro Titular Externo)

Vitória da Conquista - BA, 06 de junho de 2017.

Resultado: APROVADA

#### **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Professora Doutora Valéria Sousa, que não poupou tempo para me esclarecer e orientar, em meio a minha falta de tempo, que se dedicou sem reservas; que me tratou com humanidade; incentivou-me a buscar sempre o melhor que eu pudesse. Acreditou em mim nos momentos em que eu mesma duvidei e trouxe-me calma nos momentos de angústia e apreensão.

À minha colega Marcelle Teixeira, por ter me auxiliado em um momento muito difícil da minha vida. Quando todos aqueles que me amam já estavam ocupados cuidando de mim, ela se colocou à minha disposição e me ajudou não uma única vez. Praticamente sem me conhecer se mostrou mais que uma colega, uma amiga.

À CAPES, pelo apoio financeiro e disciplinar muito importante que garantiram que, mesmo distante do meu domicílio, eu tivesse condições financeiras para custear todas as despesas.

À Secretaria Municipal de Educação, que me concedeu afastamento a fim de que dispusesse do tempo necessário para a realização deste estudo.

Aos professores doutores Jorge Augusto e Lucas Campos, pelas importantes e oportunas contribuições no momento da Qualificação e aos demais professores das disciplinas do ProfLetras: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida Gusmão; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Pacheco; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marian Oliveira; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valdira Meira.

Ao colegiado escolar, por atender à solicitação da turma quando iniciamos o curso, reorganizando a distribuição da carga horária, concedendo-me assim condições de cursar o Mestrado.

Aos meus dezenove colegas, pelas conversas, desabafos, alentos, consolos e palavras de ânimo.

À minha família, minha mãe Zenaide Macário, por, muitas vezes, cuidar dos meus filhos; ao meu esposo Nilton Seixas, que sempre me deu apoio; aos meus filhos Isaac e Micaely, que compreenderam e aceitaram minhas ausências, mesmo estando presente e às minhas irmãs Alessandra e Polianna, que, por muitas vezes, ocuparam minhas funções familiares enquanto eu estudava.

Aos meus colegas de trabalho, que me incentivaram e apoiaram nos momentos de desânimo.

Ao novo grande amigo Warley, que me ajudou com o tratamento dos dados estatísticos.

E, finalmente, agradeço a DEUS, por me direcionar ao porto almejado, por colocar em minha viagem tanta GENTE que me ajudou soltar as amarras e pela certeza de que todas as ondas navegadas contribuíram para o meu bem.

E é por tudo isso que A GENTE se sente muito feliz.



#### **RESUMO**

Este trabalho investigou a variação que ocorre no uso dos itens lexicais nós/ a gente na função pronominal de 1ª pessoa do plural, procurando constatar quais fatores linguísticos e extralinguísticos motivam a escolha lexical observada na amostra que compõe o nosso corpus, produções textuais nas modalidades escrita e oral de vinte e sete estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Eunápolis/BA. Motivados por essa questão, inicialmente, apresentamos uma discussão teórica na qual buscamos compreender os conceitos de língua(gem) e de variações linguísticas presentes em estudos desenvolvidos nos polos Formalista e Funcionalista, dando ênfase, sobretudo, à Sociolinguística, ao Funcionalismo e ao Sociofuncionalismo; dando continuidade à discussão, apresentamos as considerações a respeito do fenômeno de variação linguística e do nosso objeto de estudo nas gramáticas normativa, descritiva, reflexiva e internalizada, bem como em algumas coleções de livros didáticos; descrevemos o processo de gramaticalização do substantivo gente até se transformar em a gente e observamos a seleção entre as formas variantes nós/a gente. Por meio dos dados obtidos, realizamos análises e discussões que nos permitiram concluir que a maioria (76%) dos estudantes pesquisados evita as formas que não seguem as orientações gramaticais tradicionais ensinadas pela escola e que o principal fator que impulsiona a escolha entre uma e outra variante é a modalidade escrita ou oral. Nesta dissertação, acreditamos que proporcionamos uma reflexão que conduza à compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística e, quiçá, um incentivo às discussões no espaço escolar sobre pronomes pessoais, possibilitando a adoção de uma proposta de ensino inovadora a respeito do estudo dos pronomes com vistas às normas gramaticais orientadas pelo uso que os falantes fazem.

**Palavras-chave**: Variação linguística. Sociolinguística. Funcionalismo. Sociofuncionalismo. Variação pronominal *nós/a gente*.

#### **ABSTRACT**

This work consists of investigating the variation that occurs in the use between the lexical items nós / a gente in the pronominal function of the 1st person of the plural. Besides that, we aimed at prove on which linguistic and extralinguistic factors that motivate the lexical choice observed in the sample that composes our *corpus*. The *corpus* is composed of twenty-seven students' textual productions in written and oral modalities that were produced in a 9th grade class of Elementary School of a public school in the city of Eunápolis-BA. We, motivated by this question, initially, presented a theoretical discussion in which we seek to understand the concepts of language and linguistic variations present in studies developed in the Formalist and Functionalist poles. We emphasized, above all, Sociolinguistics, Functionalism and Sociofunctionalism. We presented the considerations about the phenomenon of linguistic variation and our object of study present in normative, descriptive, reflexive and internalized grammars, as well as in some collections of textbooks. We described the process of grammaticalization of the noun gente until it becomes a gente. In addition, we observe the selection between the variant forms  $n \acute{o} s/a$  gente. With the data obtained, we made analyses and discussions that allowed us to conclude that the majority (76%) of the students surveyed avoid forms that do not follow the traditional grammatical orientations, which are taught by the school, and that the main factor that drives the choice between one and the other variant is the written or oral modality. In this dissertation, we believe that we provided a reflection that leads to the understanding of the phenomena of variation and linguistic change and, perhaps, an incentive to the discussions in the school space about personal pronouns, making possible the adoption of a proposal of innovative teaching regarding the study of the pronouns with rules based on the use that the speakers make.

**Keywords**: Linguistic variation. Sociolinguistics. Functionalism. Sociofunctionalism. Pronominal variation *nós / a gente*.

# LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Percur	so hi	stórico o	de ge	ente (substantivo)	> a	gente (prono	ome).	•••••	•••••	38
Figura 2 -	Mapa	da	Costa	do	descobrimento	_	localização	da	cidade	de	
	Eunáp	olis/I	3A	•••••		••••					83
Figura 3 -	Fotogr	afia (	da Escol	la Mı	unicipal Gabriel J	losé	Pereira			••••	84

# LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Resultados totais na modalidade oral	92
Gráfico 2 -	Resultados totais na modalidade escrita	93
Gráfico 3 -	Ocorrência da função sintática sujeito	96
Gráfico 4 -	Ocorrência da função sintática não-sujeito	96
Gráfico 5 -	Variável linguística função sintática na escrita	97
Gráfico 6 -	Variável linguística função semântica na oralidade	100
Gráfico 7 -	Variável linguística função semântica na escrita	101
Gráfico 8 -	Variável linguística paralelismo formal na oralidade	105
Gráfico 9 -	Variável linguística paralelismo formal na escrita	106
Gráfico 10 -	Variável linguística concordância verbal marcada na oralidade	108
Gráfico 11 -	Variável linguística concordância verbal não marcada na oralidade	108
Gráfico 12 -	Variável linguística concordância verbal na escrita	110
Gráfico 13 -	Variável linguística tipo textual na oralidade	114
Gráfico 14 -	Variável linguística tipo textual na escrita	115
Gráficos 15 A/	B- Variável extralinguística sexo masculino e feminino na escrita	117
Gráficos 16 A/	B- Variável extralinguística sexo masculino e feminino em relação à	118
	oralidade	
Gráfico 17 -	Variável linguística função sintática de sujeito e não sujeito na escrita	119
Gráfico 18 -	Variável modalidade linguística escrita e oralidade	120
Gráfico 19 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável modalidade textual	121
Gráfico 20 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática sujeito e	122
	não-sujeito	
Gráfico 21 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do	123
	sujeito	
Gráfico 22 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável paralelismo formal	124
Gráfico 23 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável concordância verbal	125
Gráfico 24 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável tipo textual	126
Gráfico 25 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável extralinguística sexo	127
Gráfico 26 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do	128
	sujeito	
Gráfico 27 -	Variável modalidade textual oralidade e escrita	129

Gráfico 28 -	Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática	130
Gráfico 29 -	Respostas à questão número 1	135
Gráfico 30 -	Respostas à questão número 2	136
Gráfico 31 -	Respostas à questão número 3	137
Gráfico 32 -	Respostas à questão número 4	138
Gráfico 33 -	Respostas à questão número 5	139
Gráfico 34 -	Respostas à questão número 6	140

# LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes pessoais (gramáticas tradicionais)	65
Quadro 2 - Pronomes pessoais (gramática linguística)	69
Quadro 3 - Coleções didáticas	75
Quadro 4 – Distribuição por faixa etária e sexo dos participantes	88
Quadro 5 - Distribuição de renda familiar mensal dos participantes	89
Quadro 6 - Escolaridade dos genitores	90
Quadro 7 - Profissões/ocupações dos genitores	90
Quadro 8 - Resultados totais na modalidade oral	92
Quadro 9 - Resultados totais na modalidade escrita	93
Quadro 10 - Variável linguística função sintática na oralidade	96
Quadro 11 - Variável linguística função sintática na escrita	97
Quadro 12 - Variável linguística função semântica do sujeito na oralidade	99
Quadro 13 - Variável linguística função semântica na escrita	101
Quadro 14 - Variável linguística paralelismo formal na oralidade	104
Quadro 15 - Variável linguística paralelismo formal na escrita	105
Quadro 16 - Variável linguística concordância verbal na oralidade	108
Quadro 17 - Variável linguística concordância verbal na escrita	109
Quadro 18 - Tempos verbais e maior produtividade da 1ª pessoa do plural	110
Quadro 19 - Variável linguística tipo textual na oralidade	114
Quadro 20 - Variável linguística tipo textual na escrita	114
Quadro 21 - Variável extralinguística sexo na escrita	116
Quadro 22 - Variável extralinguística sexo em relação à oralidade	117
Quadro 23 - Variável linguística função sintática de sujeito e não-sujeito na escrita	119
Quadro 24 - Variável modalidade linguística escrita e oralidade	120
Quadro 25 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável modalidade	
textual1	121
Quadro 26 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática de	
sujeito e não-sujeito1	122
Quadro 27 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do	
sujeito1	123
<b>Quadro 28</b> - Oralidade e escrita juntas em relação à variável paralelismo formal	124

Quadro 29 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável concordância verbal	125
Quadro 30 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável tipo textual	126
Quadro 31 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável extralinguística sexo	127
Quadro 32 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do	
sujeito	128
Quadro 33 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável modalidade textual	129
Quadro 34 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática	130
Quadro 35 - Respostas à questão número 1	134
Quadro 36 - Respostas à questão número 2	135
Quadro 37 - Respostas à questão número 3	136
Quadro 38 - Respostas à questão número 4	137
Quadro 39 - Respostas à questão número 5	138
Quadro 40 - Respostas à questão número 6	139
Quadro 41 - Perfil dos professores	140
Quadro 42 - Respostas dos professores às questões linguísticas	141
Quadro 43 - Respostas dos professores sobre variação linguística	142
Quadro 44 - Síntese das questões dissertativas sobre aspectos da LP	143
Quadro 45 – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação à	
formalidade/informalidade	152
Quadro 46 – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação a	
oralidade e escrita	153
Quadro 47 – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação à faixa	155
<b>Quadro 48</b> – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação ao sexo	155

# LISTA DE ESTUDANTES PARTICIPANTES

ORDEM	PARTICIPANTES	SEXO	IDADE
1	ACFO	MASCULINO	16 ANOS
2	ACSS	FEMININO	16 ANOS
3	BSN	FEMININO	14 ANOS
4	BSO	FEMININO	14 ANOS
5	CHFM	MASCULINO	14 ANOS
6	CSS	FEMININO	17 ANOS
7	CSV	FEMININO	15 ANOS
8	EPB	MASCULINO	14 ANOS
9	ESO	FEMININO	14 ANOS
10	GRS	MASCULINO	14 ANOS
11	HSJ	MASCULINO	14 ANOS
12	IRP	MASCULINO	14 ANOS
13	IRX	MASCULINO	15 ANOS
14	ISL	MASCULINO	14 ANOS
15	JCB	FEMININO	14 ANOS
16	KDBS	MASCULINO	14 ANOS
17	LRS	FEMININO	14 ANOS
18	LRTS	FEMININO	14 ANOS
19	MLS	MASCULINO	15 ANOS
20	MVS	MASCULINO	16 ANOS
21	NSS	MASCULINO	14 ANOS
22	RCO	MASCULINO	14 ANOS
23	TPS	FEMININO	16 ANOS
24	VKMA	FEMININO	14 ANOS
25	VMOG	MASCULINO	14 ANOS
26	WHO	MASCULINO	18 ANOS
27	WOEA	MASCULINO	15 ANOS

# SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
2 INICIANDO UMA NAVEGAÇÃO: A ROTA DAS CORRENTES TEÓRICAS	22
2.1 NAS ÁGUAS DAS CORRENTES LINGUÍSTICAS - DUAS DIREÇÕES	22
2.1.1 Navegando nas águas do Polo Formalista	23
2.1.1.1 O Estruturalismo	23
2.1.1.2 O Gerativismo	24
2.1.2. Navegando nas águas do Polo Funcionalista	25
2.1.2.1 Princípios do Funcionalismo	27
2.1.2.1.1 Iconicidade	28
2.1.2.1.2 Marcação	29
2.1.2.1.3 A gramaticalização	30
2.1.2.1.3.1 Princípios da gramaticalização	33
2.1.2.1.3.2 Um exemplo de Gramaticalização: o caso do <i>você</i>	35
2.1.2.1.3.3 A gramaticalização do substantivo gente até o SN <i>a gente</i>	36
2.1.2.1.3.4 Aportando a gramaticalização	39
2.1.3 Navegando nas águas da Sociolinguística	39
2.1.3.1 Aspectos da variação linguística	42
2.1.3.1.1 Variação interna	43
2.1.3.1.2 Variação externa	44
2.1.3.2 Problemas de mudança linguística	46
2.1.3.2.1 Restrições ou fatores condicionantes	46
2.1.3.2.2 Encaixamento da mudança ou variação	47
2.1.3.2.3 Transição	48
2.1.3.2.4 Implementação	48
2.1.3.2.5 Avaliação	49
2.1.3.3 Um estudo da variação pronominal imerso na Sociolinguística	51
2.1.4 Navegando nas águas do Sociofuncionalismo	53
2.1.4.1 Um estudo da variação imerso no Sociofuncionalismo	56
2.1.4.2 Enlace teórico das correntes	57
2.1.4.3 Manobrando nas correntes linguísticas	58

3	NAVEGANDO	NAS	ONDAS	DA	GRAMÁTICA	TRADICIONAL,	DA
	LINGUÍSTICA	E DOS	LIVROS D	) IDÁT	ICOS	••••••	•••••
3.	1 CONCEPÇÃO I	DE LÍNO	GUA NAS (	GRAM.	ÁTICAS		
3.	1.1 Concepção de	Gramáti	ca Normati	va			
3.	1.2 Concepção de	Gramáti	ca Descritiv	/a			
3.	1.3 Concepção de	Gramáti	ca Internali	zada			
3.	1.4 Concepção de	Gramáti	ca Reflexiv	a			
3.	1.5 Manobrando n	o circuit	o gramatica	ıl			
3.	1.6 O uso de <i>nós</i> e	a gente.	ancorando	no obj	eto de estudo		
3.	1.6.1 Aspectos da	variação	do empreg	o dos p	ronomes pessoais:	nós/ a gente	
3.	1.6.2 O uso de <i>nós</i>	e do NS	<i>a gente</i> na	tradiçã	ío gramatical		
3.	1.6.3 O uso de <i>nós</i>	e do a g	<i>gente</i> na trac	dição li	nguística		•••••
3.	1.7 O uso de <i>nós</i> e	do a ger	nte nos livro	os didát	ticos		
4	A CARTA NAÚI	TICA: M	IETODOL	OGIA.	•••••		•••••
4.	1 METODOLOGI	A					
4.	1.1 Método	•••••					
4.	1.2 Localização da	a pesquis	a	•••••			
4.	1.2.1 Descrição da	comuni	dade pesqu	isada			•••••
4.	1.3 Procedimentos	metodo	lógicos				
4.	1.3.1 Recolhiment	os dos d	ados	•••••			
4.	1.3.2 Detalhament	o dos pr	ocedimento	s: desei	nvolvendo o projeto	)	
4.	2 FATORES CON	IDICION	NADORES.				
4.	2.1 Faixa etária			•••••			
4.	2.2 Escolarização.				•••••		
4.	2.3 Valoração e m	arca de i	dentidade				•••••
4.	2.4 Nível Social e	condiçõ	es de vida f	amiliar			
4.						NTES E ANÁLISE	
	DADOS				•••••		
4.	3.1 Variável deper	ndente					•••••
4.	3.2 Variáveis inde	pendente	es linguístic	as e va	riável extralinguísti	ca	
4.	3.2.1 Variável ling	guística f	unção sintá	tica de	sujeito e não-sujeit	0	
4.	3.2.2 Variável ling	guística r	natureza sen	nântica	do sujeito		
4.	3.2.3 Paralelismo	formal					

4.3.2.4 Concordância verbal marcada e não-marcada	10
4.3.2.5 Variável independente linguística: tipos textuais	1
4.3.2.6 Variável independente extralinguística: sexo	1
4.3.2.7 Análise dos dados de escrita: oralidade e as variáveis linguísticas	1:
4.3.3 Avaliação social das formas variantes na escola	1:
4.3.3.1 Análise da avaliação social das formas variantes na escola	1:
5 TRAÇANDO UMA ROTA	1
5.1 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	1
5.1.1 A Oficina pedagógica	1
5.1.1.1 O Relatório da intervenção pedagógica	1
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	1
REFERÊNCIAS	1
ANEXOS	1
Anexo 1 - Letra da música: "violência doméstica"	1
Anexo 2 - Folder publicitário	1
Anexo 3 - Cartaz informativo	1
Anexo 4 - Cartaz campanha publicitária	1
Anexo 5 - Texto informativo	1
Anexo 6 - Lista das músicas para trabalhar variação pronominal	1
Anexo 7 - Letras das músicas	1
Anexo 8 – CD gravação das músicas	
APÊNDICES	1
Apêndice 1 – Projeto	1
Apêndice 2 - Questões para diálogo	1
Apêndice 3 - Modelos das propostas para produções textuais	1
Apêndice 4 - Modelos dos questionários da avaliação social das variantes	1
Apêndice 5 - Plano de aula para a Oficina	2
Apêndice 6 - Atividades da Oficina	2
Apêndice 7 – Depoimento sobre a Oficina (CD)	

### 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS



As demandas da língua exigem que novos termos sejam criados com o objetivo de nomear novos significados. Contudo, os falantes não ficam inventando a todo tempo termos novos. Eles utilizam aqueles já empregados, porém atribuem a esses novos significados e/ou funções. Todo esse movimento de entrada de novos termos ou novas atribuições de funções, valores e significados a um item já existente na língua provoca variações e, muitas vezes, mudanças no sistema linguístico.

Neste trabalho optamos por empregar termos relacionados à metáfora da navegação marítima, pois acreditamos que assim como o oceano é infinito, profundo, complexo, encantador e misterioso, também é a linguagem. Portanto, cabe a nós nos lançarmos às águas desse vasto oceano como navegadores-exploradores.

A fim de compreendermos melhor como ocorrem essas mudanças e variações no sistema linguístico, recorremos aos estudiosos que se lançaram às águas das correntes linguísticas e, assim, iniciamos nossa navegação na seção 2, com nosso leme oscilando em duas direções, a saber: polo Formalista e polo Funcionalista.

No polo Formalista, encontramos a teoria Estruturalista e o Gerativismo. Da primeira, compreendemos que é uma teoria linguística segundo a qual a língua é regida por um sistema interno pré-estabelecido estruturalmente. Para essa corrente linguística, não há possibilidade

de compreensão da linguagem com influência externa. O sistema linguístico é considerado homogêneo. As mudanças ocorridas são regidas por leis próprias e possíveis de serem estudadas dentro de um recorte temporal sincrônico.

A segunda teoria linguística é o Gerativismo. Entendemos que essa teoria concebe a linguagem uma competência inata ao falante. Para o Gerativismo, todo indivíduo ao nascer traz consigo um sistema linguístico interno que possui regras próprias, mesmo que o indivíduo a desconheça, a competência comunicativa. Para o Gerativismo, também, a língua não é um sistema homogêneo.

Navegaremos também em direção ao polo Funcionalista. Nesse encontramos teorias modernas que muito contribuíram para o estudo das variações linguísticas, a saber: Sociolinguística, o Funcionalismo e o Sociofuncionalismo.

A partir das águas da Sociolinguística vemos que a língua e sociedade estão interligadas e seu objeto de estudo é justamente os aspectos de variação em relação à forma linguística, entendendo-a como um princípio geral e universal passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são sempre influenciados e as alternâncias são sempre motivadas e possíveis de sistematização.

Das águas do Funcionalismo, extraímos a ideia de que a linguagem não é um sistema homogêneo e estático. As línguas passam sempre por mudança e variação. Assim como ocorre na Sociolinguística, o Funcionalismo também concebe que essas mudanças são influenciadas tanto por fatores internos à língua como por fatores externos. O Funcionalismo procura analisar a função atribuída aos itens lexicais que passaram ou estão passando por mudanças ou sofrendo variações no momento da interação verbal. Grosso modo, podemos dizer que o Funcionalismo estuda língua na perspectiva do emprego/uso, imputando-lhe grande importância em relação à função que exerce.

Entendemos que nas águas do Sociofuncionalismo emerge uma orientação de pesquisa a partir do enlace entre a Sociolinguística e o Funcionalismo. Dessas correntes, o Sociofuncionalismo abarca alguns conceitos, levando-os para o cerne dos postulados de sua orientação de pesquisa para os estudos da variação e mudança linguística. Destarte, o Sociofuncionalismo compreende a língua como um sistema vivo e passível de ser modificado, por fatores internos e externos à língua, ou seja, o falante é responsável por influenciar as mudanças linguísticas no momento em que opta por um determinado item lexical, em um determinado contexto de interação social e com uma determinada função.

Finalizadas essas navegações, realizamos na seção 3, um passeio pelas gramáticas: normativa, descritiva, internalizada e reflexiva com o propósito de averiguar como estas trabalham nosso objeto de estudo: a variação que ocorre no uso dos itens lexicais *nós/a gente* na função pronominal de 1ª pessoa do plural e as variações linguísticas existentes no uso desses pronomes.

Levados pela investigação sobre os fatores linguísticos (sintáticos, morfológicos e semânticos) e extralinguísticos (sociais, científicos, geográficos etc.) que motivam a escolha dos estudantes em relação à variação entre o pronome *nós* e o Sintagma Nominal<sup>1</sup> *a gente*, são nossos objetivos: (i) descrever o uso variável do *nós/a gente* à luz da Sociolinguística; (ii) analisar e categorizar os valores semânticos do SN *a gente*, à luz do Sociofuncionalismo; (iii) identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que corroboram para tal fenômeno e (iv) elaborar uma proposta de intervenção didática pedagógica.

Nessa perspectiva, adotamos, como modelo referencial, o quadro dos pronomes seguindo o modelo tradicional, também defendido por Neves (2011). Acompanhamos a origem do substantivo *gente* e o processo de mudança de classe gramatical até se transformar em *a gente*. Observamos a seleção entre as formas variantes, (i) equivalência em valores (grau de determinação, generalização e inclusão do eu), (ii) interação comunicativa (formal ou informal), (iii) aspectos sociais, (iv) morfologia, (v) sintaxe e adequação verbal e (vi) diamésica: avanço nas modalidades (fala e escrita).

Com base nessa questão maior, as hipóteses que nortearam nosso trabalho são as seguintes:

- (i) Os contextos de sujeito indeterminado e mais generalizado favoreceriam o uso do SN *a gente*;
- (ii) O SN *a gente* seria mais favorecido nos textos narrativos, ao passo que nos textos argumentativos e dissertativos seria a forma conservadora *nós*;
- (iii) A primeira variante usada em uma sequência discursiva influenciaria o emprego da mesma forma variante posteriormente;
- (iv) O SN *a gente* se realizaria com maior frequência com o verbo no singular, já o pronome *nós* se realizaria com verbo no plural;
- (v) Os estudantes utilizam mais o SN a gente na oralidade do que na escrita;

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Adotamos nesta dissertação, o termo "sintagma nominal (SN)" para a forma a gente, empregada por Neves (2011).

#### (vi) O SN a gente é mais recorrente, na função de sujeito.

Nossa pesquisa contará com um *corpus* formado por vinte e sete estudantes que responderam a um questionário social, participando da aula dialogada, refletindo e debatendo sobre o tema, produzindo textos argumentativos ou dissertativos, analisando a questões problemas por escrito, relatando oralmente para gravação e respondendo ao teste sobre avaliação do uso do SN *a gente*.

Na seção 4, Metodologia, apresentamos uma rota para alcançarmos nossos objetivos e comprovarmos nossas hipóteses, composta pela seguinte trajetória: o método e os procedimentos metodológicos (delimitação e explicitação do *corpus*; a descrição do local pesquisado; e o recolhimento dos dados). Logo após, são expostos alguns fatores condicionadores: (i) faixa etária; (ii) localização geográfica; (iii) escolarização; (iv) valoração e marca de identidade; (v) nível social e (vi) condições de vida. Definimos e analisamos as variáveis linguísticas dependentes (nós/a gente) e variáveis linguísticas independentes (variável linguística sintática de sujeito e não-sujeito, variável linguística semântica do sujeito, paralelismo formal, concordância verbal marcada e não-marcada, variável tipos textuais) e a variável extralinguística sexo. As análises são realizadas a partir dos dados coletados durante a pesquisa na escola. Cada variável é conceituada, discutida e demonstrada através de quadros e gráficos ilustrativos.

Após esse percurso, apresentamos e analisamos os dados obtidos na aplicação de um teste sobre a avaliação social do uso do SN *a gente* e sua variação com o pronome *nós*, direcionado aos alunos e a cinco professores de Língua Portuguesa. Finalizando nosso trabalho na seção 5, inseriremos o plano da Oficina: proposta de intervenção pedagógica, onde buscamos desenvolver a veiculação do pronome pessoal *nós* e o SN *a gente* em atividades escritas e orais, utilizando como recurso letras musicais. Por fim, fizemos uma análise comparativa entre os dados da pesquisa e os dados do teste de avaliação social das variantes e, finalmente, chegamos às considerações finais fazendo uma síntese de toda essa navegação.

Nos anexos e apêndices constam os modelos dos testes de avaliação social do uso das variantes; o planejamento e as atividades do projeto aplicado para obtenção dos dados, bem como o planejamento e as atividades da proposta de intervenção pedagógica.

Acreditamos que esta dissertação servirá aos docentes da comunidade à qual este estudo foi realizado, para possibilitar uma reflexão que conduza à compreensão das ocorrências desses fenômenos linguísticos, e daí, incentivá-los a adotar uma proposta de

ensino inovadora a respeito do uso dos pronomes. Proposta esta que está baseada no estudo dos pronomes pessoais do caso reto orientado por uma visão Sociolinguística e Sociofuncionalista, quiçá capaz de potencializar o conhecimento linguístico dos estudantes. Também acreditamos que poderá servir àqueles que amam a Língua Portuguesa e são curiosos quanto aos aspectos de variação e mudança pelos quais a Língua passa e até mesmo a outros pesquisadores que poderão dar continuidade à discussão sobre o tema.

Ressaltamos que o projeto para esta pesquisa está registrado sob o CAAE 54731416.9.0000.0055, foi aprovado pelo comitê de ética CEP/UESB, em 30/06/2016, de acordo com o parecer número: 1.616.606.

# 2 INICIANDO UMA NAVEGAÇÃO: A ROTA DAS CORRENTES TEÓRICAS



Todo navegador precisa se preparar quando quer realizar uma viagem. Principalmente se é a primeira vez que se propõe a essa aventura e ainda desconhece o lugar aonde quer chegar, ainda que seja conhecido por ouvir falar. Então, repleto de expectativa o navegador precisa se preparar, se organizar, definir a rota a que se seguirá, elaborar e percorrer os passos de uma carta náutica, para depois lançar seu barco às correntes. Assim, iniciaremos nossa viagem através desse grande oceano da linguagem, examinando as correntes iniciais exploratórias, a fim de entendermos algumas rotas, correntes e vagas percorridas por nossa língua com o propósito de prosseguirmos com os caminhos sinalizados.

# 2.1 NAS ÁGUAS DAS CORRENTES LINGUÍSTICAS – DUAS DIREÇÕES

Navegando nas águas Linguísticas, compreendemos que ela se constitui como ciência que se dedica ao estudo da linguagem. Com o desenvolvimento das sociedades modernas e das relações de comunicação, principalmente no século XX, algumas importantes correntes linguísticas surgiram. Cada uma delas possui um método investigativo, de estudo, análise e, sucintamente, tem como objetivo compreender a constituição das relações linguísticas, ou

seja, a linguagem. Dentre as correntes linguísticas, destacamos: o Estruturalismo, o Gerativismo, a Sociolinguística, o Funcionalismo e o Sociofuncionalismo. Essas, por sua vez, organizam-se em dois grandes grupos: o polo Formalista e o polo Funcionalista. Os conceitos referentes a estes dois grandes polos foram observados na obra organizada pelos autores Cunha, Martelota e Oliveira (2003).

#### 2.1.1 Navegando nas águas do Polo Formalista

O polo Formalista diz respeito a uma vertente que compreende o estudo da língua como uma entidade livre, racional, formal, abstrata e fixa. Para esse modelo teórico, o estudo da língua não está condicionado ao seu uso em situações reais de comunicação, tampouco às circunstâncias sociais de interação, mas sim ao seu próprio sistema homogêneo. O polo formalista obteve relevância ao contar com os estudos de alguns renomados linguistas como Saussure, Bloomfield e Chomsky, que comungaram dos postulados oriundos dessa vertente linguística. Desse modo, dentro do polo formalista destacamos a teoria Estruturalista e a teoria Gerativista.

#### 2.1.1.1 O Estruturalismo

Muitos estudiosos dedicaram-se ao estudo científico da língua. Dentre eles, Saussure, linguista europeu, um expoente da Corrente Estruturalista, que, em 1916, tem seu estudo divulgado através da publicação do **Curso de Linguística Geral<sup>2</sup>**. A referida obra conceitua língua como um sistema de signos (palavras, morfemas e fonemas). Para Saussure (1995 [1916]), a língua é um fato social, resultado da competência inata da linguagem humana no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.

O Estruturalismo propõe o estudo das relações existentes entre os elementos que formam um sistema linguístico, composto por seus signos linguísticos, como os morfemas, as palavras e os fonemas. Assim, para o Estruturalismo em todo sistema linguístico existe uma relação entre os signos e a linguagem. De um lado, há um significante, uma imagem acústica. Do outro lado, há um significado, um conceito. Faz parte dos pressupostos do Estruturalismo a célebre distinção entre "langue" e "parole", isto é, língua como um sistema e fala como um ato individual. A língua é considerada por essa teoria como a parte social do processo de

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup>SAUSSURE, Ferdinand. (1995 [1916]). Obra póstuma: **Cours de Linguistique General**, (organizada por seus discípulos). Para esta dissertação, foi consultada a tradução da obra realizada pelos autores: Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. Publicado pela editora Cultrix, em 1995. Os principais conceitos abordados estão localizados nas páginas: 15-32, 79- 94.

comunicação, assim, a langue é um sistema de signos, abstrato, homogêneo, estruturado e social. Trata-se de uma capacidade essencial da espécie humane. Já a fala, *parole*, é considerada como um ato individual. É a capacidade individual do Falante. É heterogênea e é a materialização concreta da *langue*. Devido ao caráter heterogêneo e individual da *parole*, Saussure (1995 [1916]) dá preferência ao estudo da *langue*.

Em relação ao estudo da linguística levando em consideração o tempo, o linguista define os conceitos de sincronia e diacronia. Na perspectiva sincrônica, a língua é analisada a partir de um recorte no tempo tanto passado ou presente. Trata-se do estudo da língua em um determinado momento histórico, observando as relações e interações da língua nesse tempo específico, sem se ater à passagem do tempo. Ao passo que, a perspectiva diacrônica analisa a língua através do tempo histórico. Dentro desta perspectiva, estuda-se a língua observando as mudanças e alterações no sistema linguístico, ocorridas ao decorrer do tempo. Nessa dicotomia, Saussure (1995 [1916]) elege a sincronia para o estudo científico da língua.

Destarte, Saussure (1995 [1916]) foi o primeiro linguista a estudar a língua como um sistema abstrato, contudo, sistemático e estrutural.

#### 2.1.1.2 O Gerativismo

A partir da década de 1960, o linguista americano Noam Chomsky apresenta importantes contribuições para o estudo da língua. Chomsky inaugura uma corrente linguística denominada Gerativismo, postulando que a língua é um sistema de princípios universais e aborda o conceito de competência linguística. O Gerativismo interessa-se pelo sistema abstrato de regras que atuam na formação das sentenças gramaticais.

Essa corrente de estudo reconhece a importância da Teoria Estruturalista ao propor como função principal da linguística descrever as relações existentes no sistema linguístico. Porém, a corrente Gerativista elege outra função como principal em relação aos estudos linguísticos. Essa teoria propõe o estudo da capacidade que os falantes têm de gerar uma quantidade infinita de construções frasais utilizando palavras, morfemas e fonemas limitados dentro do sistema linguístico. A teoria Gerativista defende a ideia de que a língua é inata ao falante. Todos os seres humanos nascem com a capacidade genética de utilizar uma língua, a essa capacidade ele dá o nome de linguagem. Para Noam Chomsky (1960), qualquer ser humano tem condições de utilizar uma língua com criatividade e competência linguística. Norteado por essa compreensão, o gerativismo criou um modelo de estudo que fosse capaz de

descrever e explicar o funcionamento da competência linguística interna que todo falante possui e sua relação com a gramática da língua.

A teoria Gerativista busca, então, explicar o funcionamento da linguagem e os processos cognitivos envolvidos. Ela aponta para dois modelos de gramáticas: a gramática transformacional e a gramática universal. Pelo primeiro modelo, compreende-se que todo falante possui uma gramática internalizada e que, ao entrar em contato com a gramática utilizada por outro falante, sua própria gramática desenvolve-se e consolida-se. Para tal corrente, todo falante possui internamente a estrutura de uma língua e possui conhecimentos normativos. O falante percebe quando uma estrutura sintática está de acordo ou não com as regras da língua, pois o falante não produz estruturas agramaticais, já que segue preceitos internos, intuitivos. A esse conhecimento, os gerativistas deram o nome de competência linguística.

Mais tarde a teoria Gerativista renomeou o termo "competência linguística" para "gramática universal", que foi sustentada posteriormente por Kenedy, (2008, p. 135) como "conjunto das propriedades gramaticais comuns a todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo leque de opções disponíveis na própria gramática universal". Assim, entendemos que gramática universal é o conjunto de regras invariáveis que podem ser usadas em todas as línguas naturais, mas também possui modelos variáveis que fazem a especificação de uma língua em particular em relação à outra, o que é nomeado, nessa teoria, como parâmetro.

Desse modo, compreendemos que o polo formalista está voltado para as correntes linguísticas como o Estruturalismo e o Gerativismo e que, embora possuindo funções básicas distintas, concebem a língua como um sistema homogêneo, fechado, invariável no qual as análises linguísticas podem ser realizadas apenas com o foco "na língua em si".

#### 2.1.2. Navegando nas águas do Polo Funcionalista

Houve, também, encaminhamentos de estudos em direção ao polo Funcionalista. Dentre os vários estudiosos que se dedicaram à linguística voltada para o polo Funcionalista, destaca-se o teórico Labov (2008 [1972]), com a teoria da Variação e os linguistas Givón (1995 [1979]), Hopper (1991) e Thompson (2004), que defendem as ideias do Funcionalismo como o estudo da língua em uso, considerando o contexto linguístico e a situação extralinguística. Para essa concepção, a estrutura frasal está em constante refazimento devido

às circunstancias dos discursos. Essa incompletude ou constante refazimentos do discurso tem como objetivo a comunicação plena. Para Areas e Martelotta (2003),

[...] a linguística cognitiva caracteriza-se por adotar alguns pressupostos contrários à tradição formalista. Entre esses pressupostos está, por exemplo, a ideia de que a significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados de um mundo real de vida independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto. (AREAS, MARTELOTTA, 2003, p.22).

Observamos nessa citação dois aspectos: primeiro, que os autores denominam de linguística cognitiva justamente o Funcionalismo e segundo deixam claro a divergência entre os pressupostos dos termos Formalismo e Funcionalismo. Se, para o Formalismo, a noção de língua reside na estrutura de signos arbitrários, formais, fixos e imutáveis na correspondência ao significado, para o Funcionalismo, o sistema linguístico comporta carga semântica mutável e diversificada para o mesmo símbolo a depender do contexto situacional.

Desse modo, o Funcionalismo se coloca no polo oposto ao polo Formalista, que tende sempre a considerar a língua como homogênea, conforme mencionamos anteriormente. Para o Funcionalismo, a função expressa através dos itens lexicais de uma língua precisa ser investigada, pois a gramática internalizada está sujeita a mudanças e variações que ocorrem por força de fatores linguísticos e extralinguísticos. Portanto, a pesquisa Funcionalista leva em conta todos os fenômenos inseridos no contexto social no qual a linguagem é realizada.

É objetivo de uma Linguística Funcionalista estudar os fenômenos cognitivos, físicos e biológicos que se relacionam para garantir o sucesso dos usuários da língua, quando se comunicam através de recursos linguísticos. Para Sousa (2008),

[...] a história do Funcionalismo sempre foi pautada a partir da instabilidade entre a relação de estrutura e função. Os funcionalistas têm, então, como princípio chave da sua teoria, a noção de que o sistema das línguas é determinado para uma finalidade e pela natureza das suas funções características. A língua, assim, é um sistema de meios de expressão apropriados a um objetivo, a um propósito. (SOUSA, 2008, p.73)

Desse modo, o polo Formalista está voltado para o estudo da língua por meio de modelos formais e considera a forma linguística como o aspecto mais importante, ficando a função linguística num plano secundário. Já o polo Funcionalista está voltado para o estudo da língua considerando o contexto e as influências linguísticas e sociais, nos quais, a função

que o item linguístico exerce no momento da interação é o mais relevante na análise linguística.

Assim, a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante. Essa vertente de estudo atraiu muitos estudiosos e obteve "status" científico grandemente aceito no meio acadêmico, servindo de inspiração para estudos modernos posteriores, a saber: Funcionalismo, Sociolinguística e Sociofuncionalismo.

O Funcionalismo é uma corrente linguística consagrada em 1926 (divisão temporalespacial), que surgiu a partir da instituição do Circuito Linguístico de Praga, incentivado pelo Estruturalismo europeu, e trouxe grandes contribuições para o entendimento dos fenômenos linguísticos. Também denominada de linguística baseada no uso, o Funcionalismo americano se aproxima da orientação de pesquisa denominada Sociofuncionalismo, que se dedica ao processo de fenômenos de variação e mudança na língua. Essas orientações encontram-se, ao passo que buscam entender, analisar e descrever os processos de mudança e variação pelos quais as línguas passam.

Dentro de uma perspectiva Funcionalista, a língua não é estática, não é um sistema homogêneo. Ela apresenta características definidas e comuns. Dentre elas, destacamos: toda língua tem variabilidade de uso. A teoria Funcionalista ocupa-se de estudar a maneira como se dá o funcionamento da língua em situações reais de comunicação, encarrega-se de direcionar o estudo da língua em relação à análise dos itens lexicais e gramaticais, observando a função comunicativa e social que os itens lexicais exercem. Desse modo, a linguagem se constitui em uma atividade essencialmente social e funcional que expressa a complexa rede de interações sociais e seus contextos. A linguagem possui seus códigos, línguas. Toda língua tem leis internalizadas, signos e significantes expressos através dos itens lexicais.

Então, navegando nas águas do Funcionalismo, entendemos que a linguagem é tida como um recurso utilizado na interação social. Ela é o leme da comunicação na essência do termo, possibilitando às pessoas interagirem entre si, dando significação ao contexto social e à comunicação e, a depender da necessidade, ajustando a forma linguística às novas funções.

#### 2.1.2.1 Princípios do Funcionalismo

Após termos iniciado nossa navegação através do limite entre polo Formalista e polo Funcionalista dos estudos linguísticos e navegado pelas águas do surgimento do Funcionalismo, ancoraremos, por ora, em alguns princípios que regem o Funcionalismo.

O Funcionalismo é norteado por princípios que definem os postulados e direcionam as pesquisas. Destacamos neste trabalho três princípios centrais que regem o Funcionalismo e que são, particularmente, de nosso interesse em função da pesquisa que desenvolvemos. São eles: Iconicidade, Marcação e Gramaticalização, os quais, por sua vez, estabelecem-se fixados em subprincípios.

Naveguemos um pouco mais...

#### 2.1.2.1.1 Iconicidade

Podemos dizer que nem todos os funcionalistas compreendem o princípio da iconicidade do mesmo modo. Não há, dessa forma, unanimidade em relação à explicação do conceito de iconicidade. Ficamos com a compreensão de Givón (1995), que relaciona forma e significado de maneira direta e não-arbitrária. Assim, o símbolo linguístico carrega em si propriedades do objeto que representa e expressa essas mesmas propriedades.

Hopper e Traugott (1993), por sua vez, compreendem que há uma semelhança entre um signo linguístico e o seu conteúdo, resultando em uma relação, entre ambos, não-arbitrária. Dessa forma, uma palavra ou uma sentença desempenha uma determinada função comunicativa a partir da motivação que influencia no contexto comunicativo.

Alguns subprincípios aplicam-se ao princípio da iconicidade, dentre eles, Sousa (2008) destaca: quantidade, distância ou proximidade, independência e ordenação.

- Quantidade: esse princípio refere-se à quantidade de informações presentes em um texto. Assim, quanto maior for um texto, mais quantidade de informação ele detém.
- Distância ou proximidade: tem a ver com o distanciamento ou proximidade das expressões linguísticas em relação ao tema abordado, assim, as informações veiculadas sobre um determinado tema, se próximas, corroboram a informação e, se distantes, a informação se esvazia.
- Independência: quando um item por si mesmo revela suficiente independência conceitual. Não precisa estar relacionado a outros itens para lhe dar sentido.
- Ordenação: refere-se à posição espacial que cada elemento linguístico ocupa em relação ao seu grau de importância. Assim, as informações consideradas mais importantes, em uma sentença frasal ou em um texto, estão situadas nas primeiras posições.

Sousa (2008), fundamentada na teoria Funcionalista norte americana, afirma que o princípio da iconicidade pode ser observado de dois ângulos: forte e brando. A autora define, como iconicidade forte, a condição natural de uma língua preservar uma forma para um significado e vice-versa. Já iconicidade branda, esclarece a linguista, dá-se quando um item linguístico se esvazia de sentido, perdendo, assim, sua função e relação com a forma.

#### 2.1.2.1.2 Marcação

O princípio funcionalista da marcação diz respeito ao grau de complexidade interna de estruturas linguísticas, bem como à constância do seu emprego e complexidade cognitiva. Esse princípio serve para análise das mudanças linguísticas que ocorrem na língua em uso e para definição de estabilização da língua em um determinado período. Em Sousa (2008), encontramos três princípios: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade linguística.

- Complexidade estrutural: a estrutura linguística mais complexa ou maior tende a ser a mais marcada. A forma pronominal nós tende a ser a mais marcada em relação à forma SN a gente, devido ao emprego do morfema (s) como marca de plural na estrutura do pronome pessoal plural e assim necessitar de toda uma adequação na concordância com o número de pessoa escolhido.
- Distribuição de frequência: a estrutura linguística menos empregada, possivelmente será a mais marcada, pois exige um maior esforço cognitivo e linguístico. Nos estudos analisados, a forma pronominal *nós* tem ocorrência percentual menor que o SN *a gente*. Então, aquela forma é mais marcada.
- Complexidade linguística: a forma que exige maior esforço cognitivo é considerada a
  mais marcada. Em relação à forma pronominal nós, pensamos que a complexidade
  linguística se dá especificamente no momento da elaboração cognitiva para a
  concordância verbal exigida estruturalmente para essa forma.

Apesar dessa classificação em forma mais marcada ou menos marcada, as estruturas linguísticas, na perspectiva do Funcionalismo, não são estanques, fixas, imutáveis, como bem adverte Gívon (1995):

[...] admite que uma mesma estrutura pode ser marcada num contexto e nãomarcada em outro, e acrescenta que, desse modo, a marcação é um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos. (GIVON, 1995 p. 34)

A partir da citação encontramos que, no Funcionalismo, é condição *sine qua non* o reconhecimento de que o princípio da marcação está relacionado ao contexto linguístico. Para explicação de uma estrutura ser em um momento mais marcada e em outro momento, menos marcada, entram em cena, então, aspectos extralinguísticos como os mencionados por Gívon (1995).

Destarte, navegamos pelos dois princípios centrais do Funcionalismo, a iconicidade e a marcação. Chegamos agora, ao terceiro princípio central, o da gramaticalização.

#### 2.1.2.1.3 A gramaticalização

A gramaticalização é um conceito teórico, no qual muitas pesquisas contemporâneas apoiam-se. É um processo pelo qual determinado item linguístico independente, passa a pertencer a uma categoria gramatical, ou ainda um item lexical pode mudar de uma categoria gramatical para outra ou, se já pertencer a uma categoria gramatical, pode se tornar ainda mais gramatical.

Apesar de extremamente atual, a gramaticalização surgiu há séculos. Recorrendo a Sousa (2008), observamos relatos de estudos de gramaticalização no século X, na China, e acompanhar seu percurso histórico até seu ressurgimento no século XX. Nesse século, o estudioso Meillet (1965, p.131) afirma que a gramaticalização está subordinada a "alguns princípios como: reanálise, analogia, reduções fonológicas, alterações semânticas, unidirecionalidade, transparência metafórica e metonímia".

O conceito de gramaticalização parte do princípio de que a gramática de uma língua sofre influências de fenômenos linguísticos, como os mencionados acima: reduções ou alterações fonológicas (monotongação, ditongação, alteamento, apagamentos, supressões etc.); alterações semânticas, analogia, transparência metafórica e metonímia que podem ocorrer por imposição de fatores extralinguísticos como: sexo do usuário da língua, faixa etária, influências históricas, geográficas, sociais e culturais. Seguindo este entendimento, Tavares (2007) diz que:

[...] o paradigma de gramaticalização, que prevê a mudança de um item lexical em um elemento gramatical ou de uma estratégia discursiva em uma estrutura sintática, decorre da compreensão funcionalista de gramática como

mecanismo mutável e instável, moldado pelo uso, pois sujeito a pressões comunicativas e cognitivas. (TAVARES, 2007 p. 23)

Assim posto, vemos reafirmada, nessa citação, que a gramaticalização é um processo de cunho Funcionalista no qual há a compreensão de que os itens lexicais e as estruturas sintáticas de uma língua não são fixos e imutáveis. Ao contrário, o Funcionalismo explica que essas estruturas são traçadas de acordo com o uso que o falante faz da língua, em situação real de interação e que ao mesmo tempo em que essas estruturas são usadas, o contexto discursivo está imprimindo a elas novas funções, a depender da necessidade de eficiência do ato comunicativo. Segundo Tavares (2007)

[...] o paradigma de gramaticalização busca, então, descrever e explicar, concomitantemente, um tipo especial de variação e mudança linguística e a manutenção das formas que estão em processo de mudança. Em outras palavras, em um dado domínio funcional, novos usos estão em constante processo de emergência. Isto implica... a substituição de usos mais antigos, os quais podem ainda permanecer na língua e interagir com os mais novos. (TAVARES, 2007, p. 35)

Em relação a essa citação, podemos depreender dois aspectos: primeiro, que a gramaticalização constitui-se em um processo, por isso lento, gradual e contínuo. A variação dá-se de forma quase imperceptível dentro do fomentar vivo da língua. Trata-se de um ir e vir, um movimento tipo espiral, no qual os elementos linguísticos vão tendo seu uso intercalado a outros, e, nesse uso, alguns elementos têm sua forma alterada, gerando, algumas vezes, novas formas e alterando com frequência as velhas funções. Em alguns momentos, determinados itens ou estruturas angariam novas funções e ao passo que se gramaticalizam passam a exercer outras funções. É um processo extremamente complexo, contudo cíclico e natural.

Ainda depreende-se da citação a ideia da diacronia na língua. A partir da análise diacrônica da gramaticalização busca-se descrever o processo de variação de formas linguísticas no decorrer do tempo, restaurando a história da língua e comparando-a com períodos históricos de outros tempos. Por outro lado, a gramaticalização se estabelece na consolidação da própria mudança em um determinado recorte do tempo, a sincronia. Observa-se, com base em Sousa (2008, p.78), que, "até os anos 1970, os estudos sobre gramaticalização focalizavam prioritariamente a diacronia [...]. Após 1970, o foco deslocou-se para o entendimento da gramática sincrônica".

A partir da década de 60, com a divulgação dos estudos de Labov, o conceito isolado de sincronia, defendido pelo Estruturalismo, Saussure (1995 [1916]), foi repensado. Em nossa

dissertação, consideramos que tanto a diacronia quanto a sincronia são inseparáveis. Ambas constituem-se faces de uma mesma moeda. Cunha, Martelotta e Oliveira (2003) dizem que o "Funcionalismo tende a adotar uma concepção **pancrônica**³ de mudança". Por pancronia, entende-se uma estreita relação entre análises das variações ocorridas em itens linguísticos em um tempo histórico e em um recorte temporal, portanto na sincronia evidencia a pancronia, pois a cada análise de tempo histórico têm-se um recorte de tempo em tempo formando o tempo contínuo histórico. Desse modo, tanto em relação ao aspecto diacrônico, quanto ao aspecto sincrônico da língua, entendemos que a variação surge a partir da necessidade de maior fluidez no ato comunicativo e que, em uma abordagem pancrônica, é possível compreender de forma mais ampla a complexidade de um objeto.

Consoante o Funcionalismo, a língua em uso como reação ao sistema organizado e estruturado, busca novas formas de adequar-se ao contexto discursivo. Entendendo assim, podemos dizer que há o surgimento de novas funções para velhas formas ou mesmo desestruturando as formas do sistema linguístico, para que haja uma nova reorganização deste, em favor de uma maior e mais simples expressividade linguística. Porém, essa reação da qual falamos não é arbitrária e sim previsível e motivada por fatores internos e externos à língua.

Então, compreendemos que o usuário da língua, muitas vezes, opta por escolher entre uma variante e outra que mais lhe é adequada, que sirva em sua função de comunicar e interagir socialmente, em determinado contexto, em determinado momento e diante de determinados interlocutores.

Ancoramos, nesse momento, em um dos mais importantes princípios do Funcionalismo: a gramaticalização. Para discutirmos a gramaticalização, iniciamos pelo conceito desse princípio; fomos rumo a uma rápida explanação sobre o (re) surgimento do termo e chegamos à compreensão dos conceitos de sincronia e diacronia e de sua íntima relação, gerando a pancronia. Conforme já dito anteriormente, o processo de gramaticalização não é abrupto, antes é gradual e contínuo, sendo assim, a gramaticalização navega suavemente por princípios.

Hopper (1991) aborda cinco princípios: estratificação (camadas), divergência, persistência, especialização e decategorização. Esses princípios têm dois objetivos básicos: primeiro, ajudar a estabelecer quais processos sistemáticos aparecem na língua em uso e

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Grifo dos autores

podem chegar a ser integrados na gramática da língua, e, segundo, identificar quais as etapas da gramaticalização um determinado item linguístico já percorreu em um tempo.

Naveguemos então até eles...

#### 2.1.2.1.3.1 Princípios de gramaticalização

O princípio da **estratificação** ou camadas diz respeito ao fato de duas ou mais formas linguísticas, em seu percurso histórico-temporal, desempenharem a mesma função concomitantemente em um mesmo período de tempo e ainda poderem ser aplicadas em um mesmo contexto interacional. Quando isso ocorre, as formas variantes podem coexistir mutuamente, permanecendo dessa forma até que uma ou outra se diferencie em forma ou conteúdo, devido a influências de fatores internos e/ou externos. Podemos observar esse princípio nas formas *nós/a gente*, pois ambas possuem o mesmo significado e podem ocorrer em um mesmo contexto. Sousa (2008, p.87) diz que, "no princípio de estratificação, percebemos que há a constatação de que uma das consequências da gramaticalização é a convivência de soluções gramaticais distintas em um mesmo corte sincrônico". Esse princípio contribui para que o falante tenha a sua disposição mais formas, dentre as quais pode escolher aquela que melhor lhe convenha no processo interativo do qual participa.

O princípio da **divergência** ocorre quando um item lexical gramaticaliza-se. Então esse item passa de um grau de gramaticalização para outro ainda mais elevado, contudo o item lexical original permanece livre, podendo inclusive sofrer as variações que ocorrem em sua classe gramatical, sendo ainda empregada com seu significado original. É válido ressaltar que uma forma variante pode distanciar-se, sendo empregada em outra função, como se estivesse a seguir outro rumo.

Aplicamos esse princípio à variação do emprego da 1ª pessoa do plural *nós* e a forma concorrente *a gente*. A forma *nós*, continua sendo empregada com seu significado original, ao passo que a forma SN *a gente* é empregada com o mesmo significado de *nós* e ainda comporta funções diversificadas, referências mais ou menos generalizadas, com maior ou menor grau de inclusão do "eu", como, por exemplo, na ilustre frase de Oswald de Andrade: "A gente escreve o que ouve, nunca o que houve" (grifo nosso). Vemos que o autor usa o termo *a gente* para referir-se a si mesmo. Outro exemplo, encontramos em outdoors de uma cooperativa educacional nos quais havia as seguintes frases: "A gente é fera na arte de aprender..." e "A gente é fera na arte de ensinar...", referindo-se, no primeiro, ao coletivo de estudantes dessa escola, e no segundo, referindo-se à própria instituição. Ainda podemos encontrar no texto

atribuído a Sigmund Freud: "Existem momentos na vida da gente, em que as palavras perdem o sentido ou parecem inúteis e, por mais que *a gente* pense numa forma de empregá-las, elas parecem não servir. Então *a gente* não diz, apenas sente." (grifo nosso). Inferimos que nesse momento o autor está externando o que ele mesmo sente em relação aos sentimentos e sua dificuldade em externá-los.

O princípio da **decategorização** constitui-se de uma tendência natural do processo de gramaticalização. Ocorre quando um determinado item gramatical passa de uma categoria principal, como verbos e nomes, para uma categoria secundária, como preposições, adjetivos, artigos etc., através da ação morfológica ou sintática. Sousa (2008, p. 89), a esse respeito, afirma que "as formas, em geral, tendem a perder os traços das categorias mais lexicais ou plenas e passam a assumir marcas de categorias secundárias". Esse princípio não é estático, pois a gramaticalização evidencia mudanças constantes de categoria. Em nosso estudo o item lexical gente (substantivo) gramaticaliza-se no pronome *a gente*.

O princípio da **persistência** fundamenta-se nos moldes de mudança linguística proveniente da conservação de aspectos semântico-pragmáticos, morfossintáticos e estilísticos dos usos originários das estruturas que variam. Sousa (2008, p.88) cita que "persistência diz respeito à manutenção de traços semânticos da forma fonte, por parte da forma em processo de gramaticalização". Podemos observar esse princípio em relação à gramaticalização do item lexical *gente*, o qual originalmente pertence à classe de palavra: substantivo, com a significação de coletivo= o ser humano, como na afirmação de Bagno (2010, p. 120): "[...] as pesquisas sociolinguísticas levaram muita *gente* a se entusiasmar com a ideia de que todas as variedades linguísticas se equivalem [...]" (grifo nosso). Entretanto, após receber a aglutinação do artigo feminino "a", o substantivo gente passa à forma *a gente* com uma nova função e um significado agora ampliado, entretanto, sem abandonar seu significado original de representação de um conjunto. Daí então, o princípio da persistência do significado original, mesmo com as mudanças gramaticais ocorridas. É inegável o valor de coletivo que permanece na forma apesar do seu processo de gramaticalização.

Por sua vez, o princípio da **especialização** assenta-se nos moldes de mudança linguística que podem auxiliar na descoberta da situação vigorante e da posição das estruturas lexicais em contextos reais de interação das estruturas elegidas. Além de fornecer informações sobre os próximos estágios pelos quais irá passar um determinado item variante. Assim, em relação ao princípio da especialização, segundo Tavares (2003), a Sociolinguística e o Funcionalismo antecipam que os processos de variação linguística podem ser definidos no desenrolar do tempo. Quando as estruturas que variam pertencerem ao mesmo campo

funcional, elas podem ser solucionadas a partir de duas direções distintas: em uma as formas variantes podem sofrer generalização funcional, englobando as preferências contextuais de todas as formas variantes que concorrem, sendo que, não mais havendo razão para tal, uma ou mais terão seu uso tão reduzido que podem até desaparecer. Em outra direção, as estruturas variantes podem se definir em uma função específica para cada estrutura, porém todas relacionadas ao mesmo campo funcional, ou pode também cada estrutura variante ser empregada em um contexto diferente, ou seja, cada estrutura variante se aperfeiçoa para agir em um contexto social e linguístico diferente das variantes concorrentes.

Tomaremos como exemplo o item lexical gente que, ao gramaticalizar-se, passa da categoria de substantivo para categoria pronome com a junção do artigo definido feminino. Começa então a assumir a função principal de sujeito, típica das formas pronominais e, assim, especializa-se em uma estrutura formada por a+gente com várias subfunções relacionadas à função secundária, como complemento, objeto direto e indireto.

Após navegarmos pelos cinco princípios da gramaticalização, estratificação (camadas), divergência, persistência, decategorização e especialização, por ora, levantamos âncora, para tentarmos nas próximas subseções, de maneira sucinta, analisar as etapas da gramaticalização pelas quais passaram as formas *você* e *a gente*.

#### 2.1.2.1.3.2 Um exemplo de Gramaticalização: o caso do *você*

Na tese de doutoramento de Sousa (2008), intitulada "Os (des) caminhos do você: uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você", a autora tem como seu objeto de estudo, o item lexical você, sob à luz da Linguística e, apresenta as etapas pelas quais passou esse item lexical em um percurso histórico, pautada nas ideias funcionalistas e no fenômeno da gramaticalização.

Sobre esse importante trabalho, ressaltamos, grosso modo, que a forma original *mercê*, devido a influências sociais e econômicas, sofreu variações linguísticas. Essas variações ocorreram em sua estrutura original e foram de caráter morfológico e fonético: acréscimo de item linguístico, supressão, aglutinação, perdas de sequências sonoras, redução fonética, entre outros fenômenos linguísticos. Ocorreram variações também em relação ao seu caráter semântico e sintático: variação na sua significação e função comunicativa e interacional, daí, incorrendo alterações na própria estrutura frasal. Assim, a formal original *mercê* recebe um acréscimo do item *vossa*, já substituindo o pronome *vós e* passa a designar a figura real com um elevado valor social e de reverência, *vossa mercê*, que varia e concorre

com as formas populares *vossemercê*, *vos mercê*, vossuncê e entre outras, a forma pronominal  $voc\hat{e}$ , que atualmente exerce a função do pronome pessoal do caso reto de  $2^a$  pessoa do singular tu.

Embora, nos compêndios tradicionais da gramática, ainda seja considerado pronome de tratamento, pertencendo assim tradicionalmente a uma categoria gramatical diversa daquela real que está em uso, o item mudou de uma classe gramatical para outra, substituindo-a completamente em alguns contextos sociais e geográficos, ou concorrendo concomitantemente com a forma padronizada tradicionalmente tu. Essa variação, por sua vez, implica também a mudança na concordância verbal. Não obstante, essa mudança linguística não é contemplada pelos compêndios gramaticais.

Sousa (2008) estende sua análise demonstrando que, mesmo após todas as etapas de gramaticalização sofrida pelo item lexical original, na atualidade o item ainda continua a sofrer pressões e influências geradas pelos fenômenos linguísticos como a supressão, pois a forma atual *você* continua a sofrer variações, chegando a ser empregada como *ocê* e cê. Também depreendemos de Sousa (2008) a riqueza de funções contidas na forma atual *você*, a qual não é apenas usada como 2ª pessoa do discurso, pois, às vezes, é empregada como referência de 1ª pessoa e até mesmo com função genérica.

Ainda ancorados na descrição de um exemplo do fenômeno da gramaticalização, voltamo-nos agora na direção de analisar sucintamente, neste espaço, a trajetória pela qual navegou o SN *a gente*.

## 2.1.2.1.3.3 A gramaticalização do substantivo gente até o SN a gente

No Brasil, muitas pesquisas têm sido empreendidas para a compreensão do processo de gramaticalização que ocorre com o Português Brasileiro, doravante PB. Segundo Neves (1999, p. 77), "[...] o tema gramaticalização, [...] está no centro dos projetos em andamento ou mais recentemente concluídos e ainda não publicados". Especificamente, temos muitas pesquisas voltadas para o entendimento e acompanhamento das mudanças sofridas na categoria gramatical pronominal. Sobre isso, Neves (1999) diz que:

Outros estudos de orientação funcionalista (especialmente na linha de Halliday e na de Dik) desenvolvidos no âmbito do Projeto Gramática do Português Falado se centraram no funcionamento de outras classes de palavras. Além do estudo genérico e básico dos pronomes pessoais (Ilari, Franchi, Neves e Possenti, 1996) constituiu objeto de análise a função interacional de marcação de papéis discursivos, investigando-se, dentro dela,

a alternância de pronomes, especialmente na indeterminação de referência (Neves, 1992; 1993). Analisou-se, ainda, a expressão ou a não-expressão do pronome sujeito de primeira pessoa em português, concluindo-se que, na maior parte das vezes, não há determinações rígidas de emprego, caracterizando-se apenas a existência de construções preferenciais condicionadas por fatores prosódicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. (NEVES, 1999, p.84)

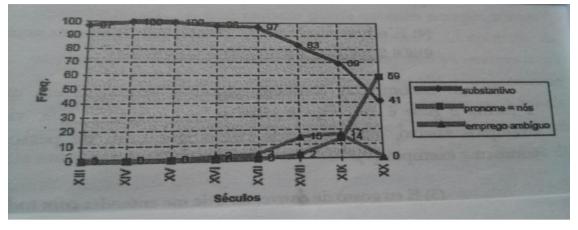
Percebemos, assim, o grande interesse dos linguistas em relação aos processos de gramaticalização. Em nosso caso específico, referimo-nos à variação linguística e suas implicações que estão influenciando uma nova configuração do quadro pronominal do PB. Um grande número desses estudos tem se dedicado à gramaticalização do item lexical *gente* e mostram-nos que a gramaticalização desse item lexical iniciou há séculos.

Em Almeida e Carneiro (2014), constatamos que estudos de ocorrências do século XIII ao século XX demonstravam que o SN *a gente* já era empregado desde o século XIII, contudo timidamente. Porém o SN obteve maior frequência de uso somente a partir do século XIX. Esse item lexical *gente* originalmente é definido como um substantivo feminino, com os seguintes significados: 1. Número maior ou menor de pessoas em geral. 2. Homem, pessoa, ser humano. 3. A família, o pessoal doméstico. 4.Povo, nação. Ver **Melhoramentos:** dicionário prático de Língua Portuguesa de Houaiss (2005),

Sob a perspectiva funcionalista, o item lexical *gente*, originalmente refere-se a um nome coletivo que encaminha para o conceito de + genérico, sendo equivalente ao significado de *toda* e *qualquer pessoa*. Essa função + genérico e + indeterminado ainda persiste no PB até os dias atuais e favorece o uso do SN *a gente* na função de sujeito. Por meio da constatação da evolução do item lexical *gente*= nome, para o SN *a gente*=pronome através dos séculos, Almeida e Araújo (2014), sugerem que esse processo de gramaticalização é bastante vagaroso.

[...] a gramaticalização do *a gente* começa com seu uso genérico e indeterminado no português moderno - ainda como pronome indefinido, tendo um período de variação (substantivo ≈ pronome) a partir do português clássico. (ALMEIDA, ARAUJO 2014, p.147)

A figura 1 nos permite visualizar o percurso histórico do substantivo *gente* até o SN *a gente*:



**Figura 1**- Percurso histórico de *gente* (substantivo) > *a gente* (pronome)

Fonte: Lopes (2002, p.3)

Almeida e Araújo (2014), com base nos Estudos de Lopes (2003), destacam alguns pressupostos que contribuíram para o avanço do uso do SN *a gente* como forma pronominal, a saber: paulatina diminuição da marca de plural no SN *a gente*, ao passo que o termo "homem" começa a não ser mais indefinido; o SN *a gente*, do século XVI e XVII, possibilita interpretação ambígua, e, consequentemente, o aumento do uso do SN como forma pronominal a partir do século XVIII. A análise desse gráfico possibilita-nos compreender que no século XVI já encontramos o SN equivalendo ao pronome *nós*, porém, do século XVI ao século XVIII, há uma variação entre as formas *nós* e *a gente*, entretanto, ainda de baixa frequência. Somente a partir do século XIX, observa-se um considerado aumento da frequência do uso do SN.

Então, é, a partir do século XVI, que o SN *a gente* passa a incorporar outras funções, além da referência de pronome pessoal plural. Lopes (1999, p. 84) faz uma comparação entre dados do século XIII, do século XVI e dos tempos modernos e chega à conclusão de que a presença do traço + plural é alta no período arcaico. Com o decorrer dos séculos essa presença vai diminuindo, e isso sugere a nominalização da forma. Em relação ao gênero gramatical, esse se mantém com pouca alteração até o século XIX. No entanto, as alterações que ocorreram em relação à função de número, são indicativos de mudanças do substantivo gente, como sinônimo de pessoas, para o SN *a gente*, que varia com o pronome nós.

Esse processo de gramaticalização é confirmado no século XX, pois Lopes (1999), pesquisando textos desse século, encontrou provas de que a forma pronominal *a gente* foi registrada em 59% dos dados consultados. As pesquisas também demonstraram que a função de nominativo (sujeito e predicativo do sujeito) aparece em 81,40% das ocorrências no PB, semelhantemente no Português europeu. No entanto, no português europeu a função do SN *a* 

gente limita-se à de sujeito e predicativo, enquanto que no caso do PB outras funções sintáticas são atribuídas ao SN como: genitivo, oblíquo, quantificador e até possessivo.

No século XXI, o SN vem sendo largamente usado pela comunidade linguística brasileira, exercendo cada vez mais a função pronominal, afastando-se da função original de substantivo coletivo. A escolha pelo SN *a gente* ao invés de *nós* dá-se com maior incidência na oralidade; contudo, já percebemos que essa variação também, conforme apresentaremos em nossos resultados, vem ocorrendo na modalidade escrita, principalmente na comunicação publicitária, e influenciando na regra da concordância verbal.

# 2.1.2.1.3.4 Aportando a gramaticalização

Dessa forma, navegamos pelas águas do Funcionalismo, seu (re) surgimento, percurso histórico e geográfico, os princípios que o regem e nos detemos no mais importante deles: a gramaticalização e seus subprincípios. Trouxemos o exemplo de gramaticalização do item lexical "você", e por fim, inserimos a trajetória do percurso histórico do substantivo *gente* até o SN *a gente*. Agora, ancoramos no porto ao qual concluímos que o Funcionalismo é uma teoria linguística amplamente difundida e utilizada nos tempos atuais. Vemos que o Funcionalismo busca investigar quais motivações determinam ou influenciam as formas/funções e as regularidades que ocorrem dentro da língua.

Levantemos nossas velas para iniciarmos mais uma navegação...

## 2.1.3 Navegando nas águas da Sociolinguística

Após navegarmos pelo Estruturalismo e Gerativismo, ambas pertencentes à concepção Formalista dos estudos linguísticos e adentrarmos à corrente do polo Funcionalista, iniciando pelo Funcionalismo, lançamo-nos agora às águas da Sociolinguística.

A Sociolinguística é uma disciplina oriunda da linguística que tem destaque a partir das investigações de Labov na década de 1960. Ela se dedica ao estudo da linguagem em uma comunidade de fala e investiga os fenômenos linguísticos e sociais que envolvem a linguagem inicialmente em uma perspectiva sincrônica. Essa corrente teórica considera que a língua é heterogênea, variável e funcional. Contudo, intrínseco à língua podem existir regras que não são variáveis, pois, caso fossem, dificultaria a comunicação.

Alkmin (2001, p.31) diz que "o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, em situações reais de uso". Seu ponto

de partida é a comunidade linguística, ou seja, agregados. Percebemos assim, que para a Sociolinguística, linguagem é o seu foco. Não uma linguagem engessada, apenas histórica, tipológica, homogênea; mas sim uma linguagem real, em uso por uma determinada comunidade linguística.

A Sociolinguística compreende que a linguagem se estabelece por papéis sociais, isto é, pelo uso que os indivíduos fazem dela. Ela compreende que o ser humano apenas se constitui socialmente pelo uso da linguagem. Então é o estudo da linguagem e da sociedade juntas que provoca seu interesse. Porém a relação entre linguagem e sociedade não é simples, pois não é totalmente estática e imutável. Em alguns aspectos a linguagem possui intrinsicamente regras imutáveis que permitem aos indivíduos se compreenderem ou não, entretanto em outros aspectos a linguagem, através das línguas, possui características que permitem mudanças, as quais representam uma parcela do objeto de estudo da Sociolinguística.

Então, a partir das correntes do Formalismo, e como uma reação às mesmas, começaram a surgir novos estudos que, por sua vez, questionavam as ideias postuladas pelos seus antecessores. A nova forma de compreender a Linguística defende que a relação entre linguagem e sociedade é intrínseca e que o contínuo de uma extremidade a outra não estava explicitado. Era preciso estabelecer novos postulados que dessem conta de esclarecer as relações entre língua e sociedade. Essas inquietações e os estudos empreendidos deram início a um novo ramo da Linguística, a Sociolinguística, também conhecida como Teoria da Variação e tem como precursor o linguista William Labov.

Segundo Hora (2004),

[...] a teoria da Variação opõe-se à ausência do componente social e à concepção de língua que até então impera na linguística estrutural e gerativa. Situa-se em relação ao conjunto *língua sociedade*, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico, e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação (HORA, 2004, p.18).

Conforme vimos no exposto, é a partir da década de 1960 que a Sociolinguística, passa a ter grande expansão e constitui-se em disciplina acadêmica que estuda cientificamente a língua. Seria da competência da Linguística o estudo das variedades e dos complexos fenômenos da língua e a partir daí começa ocorrer à sistematização desses estudos, concebendo, segundo Crystal (2008, [1985] p.243), que a "Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda todos os aspectos da relação entre língua e sociedade". Ainda de acordo

com as ideias desse autor, os sociolinguistas estudam questões referentes à identidade linguística dos grupos sociais, identidade social do emissor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte, as atitudes sociais em relação à língua, as formas padrão e não-padrão, os esquemas, as variantes sociais, os níveis da língua, o multilinguismo etc. Enfim, a língua é investigada, especificamente a língua falada, que é notada, narrada e estudada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso. A esse respeito, Alkmim (2001) afirma:

O que há de novo é a definição de uma área explicitamente voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da linguística, animada pela atuação dos linguistas e particularmente, de estudiosos formados em campos das ciências sociais. (ALKMIM, 2001, p.29)

As contribuições de estudiosos de várias áreas para o campo da Linguística conduziram essa ciência a um foco de estudo específico da relação entre linguagem e sociedade, levando em grande consideração o contexto social da enunciação. Podemos dizer que o surgimento da Sociolinguística se deu pela união das várias pesquisas em diversas áreas, que culminou em uma direção multidisciplinar, conforme esclareceremos ao longo da seção.

As pesquisas empreendidas pelos estudiosos nos levam a constatar que, ao observarmos e analisarmos um grupo social de falantes e ouvintes, o comum é a existência das variedades de fala dentro de uma mesma língua. Essa forma de vários falares é denominada pela Sociolinguística como variedades linguísticas. Esta ciência ainda denomina de repertório verbal o conjunto das variedades linguísticas. Assim, "qualquer língua é representada por um conjunto de variedades" (ALKMIM, 2001, p.33).

Assim, língua e variações são indissociáveis, mesmo amplos, a Sociolinguística considera esses fenômenos como parte que compõe a língua e que são passíveis de sistematização. As variedades e variações que ocorrem dentro de uma comunidade de fala não são problemas a serem superados, muitas vezes, podem ser entendidos como uma falta de conhecimento e escolaridade, mas na verdade é normal à língua, pois essas variações obedecem às estruturas internas da linguagem. Mollica (2008), à luz da teoria laboviana, diz que, embora registradas de forma diferenciada, as formas possuem o mesmo valor de verdade:

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. (MOLLICA, 2008, p. 09)

Destarte, a riqueza e complexidade da língua, por meio dos seus diversos níveis, possuem em seu sistema formas que se equivalem ou adquirem o mesmo valor ou função, provocando assim o dinamismo da língua. A rigor, as variações linguísticas no plano diacrônico representam heranças históricas que os indivíduos transferem a sua comunidade de falantes e, no plano sincrônico, as variações de uma língua estão interligadas a vários fatores no interior de um mesmo grupo social falante como idade, sexo e origem geográfica por exemplo. As pessoas então, condicionadas pelos elementos que as constituem, falam diferentemente.

Desse modo, vamos em direção aos aspectos que influenciam esse falar diferente de cada um e dos grupos sociais. Naveguemos até os aspectos da variação linguística, delimitando-a em variação interna e externa, refletindo em seus tipos e conceitos.

## 2.1.3.1 Aspectos da variação linguística

Segundo Labov (2008, p.313), a língua é considerada um sistema heterogêneo e está subordinada às influências linguísticas e extralinguísticas. O sistema linguístico é composto por elementos diferentes entre si que alternam, combinam-se, organizam-se e reorganizam-se, e esses mesmos fenômenos os permitem sofrer influências de fatores internos e externos.

Labov (2008, p.310) diz que: "as circunstâncias externas são os fatores de mais importante na mudança linguística", porém essas mudanças não ocorrem de qualquer forma, sem fundamentação, de modo aleatório. Elas são impulsionadas por fatores internos, tais como: tonicidade silábica, desdobramento ou reduções de vogais, e externos: classe socioeconômica, grupo étnico, identidade local, papel dos sexos/gêneros (físico e social).

Para melhor compreendermos os aspectos da Variação Linguística, recorremos aos estudos apresentados por Bagno (2007) e Coelho *et al.* (2010) que, retomando os postulados de Labov (2008[1972]) definem como variação linguística a competência que o falante/locutor da língua tem para fazer uso de formas variantes que têm o mesmo significado em um mesmo contexto comunicativo; e, assim, possuem a mesma capacidade de compreensão por parte do ouvinte/receptor, como é o caso do nosso objeto de estudo – a variação de *nós/ a gente*. Os autores citados classificam a variação da linguagem em duas vertentes: uma interna e a outra externa.

## 2.1.3.1.1 Variação interna

Entendemos, assim como Coelho *et al.* (2010), que a variação interna engloba os níveis de Variação Linguística que são:

Variação lexical: aquela em que se observa o fenômeno da troca de uma palavra por outra que tenha o mesmo significado. Temos como exemplo a variação da 1ª pessoa pronominal: "É. Vamos... Mais adiante, **A GENTE** toma um táxi e manda rumar para o Marrocos" (NEVES, 2011, p.469) (grifo da autora).

Variação fonológica: aquela na qual se observa o fenômeno da troca de um fonema por outro que possua alguma semelhança fonética quanto ao ponto de articulação, e outros aspectos fonético-fonológicos, como a troca de /r/ por /l/ em palavras como "framengo" por flamengo, "brusa" por blusa, "grobo" por globo e entre outras.

Variação morfofonológica, morfológica e morfossintática: observam-se em morfemas, fonemas, como por exemplo: "estombru" por estômago e "abobra" por abóbora, e também podem ocorrer na sintaxe da palavra.

Variação sintática: aquela na qual as variações ocorrem muitas vezes no morfema, mas acabam influenciando a estrutura da construção sintática. Trata-se de uma variação extremamente complexa. Citamos como exemplo o uso de "vou não" ao invés de "não vou".

Variação e discurso: aquela que ocorre envolvendo vários fenômenos e expande-se para além da frase de maneira que alcança aspectos textuais e do discurso. Esse nível de variação engloba aspectos semânticos e pragmáticos. Temos um exemplo neste texto:

Dois compadres viajavam de carro por uma estrada de fazenda quando um bicho cruzou a frente do carro. Um dos compadres falou:

— Passou um largato ali!

O outro perguntou:

— Lagarto ou largato?

O primeiro respondeu:

— Num sei não, o bicho passou muito rápido.

(PIADAS COLORIDAS, 2006)4

Contudo, essa classificação não é estanque, pois há situações em que um nível de variação acaba se relacionando com outro tipo. No caso do nosso objeto de estudo, notamos que houve mudança no item lexical *gente* até sua forma *a gente* nos dias atuais, sofrendo, assim, variações ao longo do tempo dentro da estrutura interna linguística. Houve variação em relação aos itens lexicais variantes, mas com o mesmo significado *nós/a gente*; em relação à

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> **Piadas coloridas.** Rio de Janeiro: Gênero, 2006. Disponível em: < http://educacao.globo.com/provas/enem-2013/questoes/132.html>

morfologia ocorreu a mudança de classe gramatical; em relação à sintaxe, ocorreu mudança de funções e posições e os itens *nós* e *a gente* sofreram, ainda, alterações na semântica do SN, alongando-se a outras referências, além do sentido próprio da primeira pessoa da referência plural (ou P4), como define Câmara Jr. (1988). Esclarecemos que realizamos uma análise mais aprofundada desses fenômenos, na seção II, que trata especificamente sobre o objeto de estudo desta dissertação, *nós/ a gente*, e na seção III, na qual abordamos as variáveis linguísticas analisadas a partir dos dados coletados.

Após essas colocações sobre os aspectos da variação linguísticas, os quais podem ser sistematizados em uma vertente da dimensão interna à língua, navegaremos um pouco mais para falarmos sobre a dimensão da Variação Linguística externa.

## 2.1.3.1.2 Variação externa

Entendemos, assim como Coelho *et al.* (2010), que variação externa é classificada em tipos, são elas:

- Variação diatópica, ou regional, ou geográfica: são variações que ocorrem dentro do ambiente físico comum, geográfico e em uma perspectiva horizontal. São os modos de falar dos usuários da língua de um lugar em comparação aos usuários da língua de outro lugar, ou seja, de outro espaço geográfico, regional. Por exemplo: a forma pronominal de 2ª pessoa do singular "tu", empregada prioritariamente na região sul do país e sua forma equivalente "você" empregada prioritariamente na região nordeste do país.
- Variação diastrática ou social: são variações que ocorrem na comparação dos modos de falar de acordo com a diferença das classes sociais. Está relacionada ao modo de falar de cada indivíduo e também da organização social à qual está incluído, ou seja, o contexto e os extratos sociais. Isso ocorre em uma perspectiva vertical. Portanto, falantes de um determinado nível social que obtiveram maior acesso à escola e aos bens culturais, procuram falar de forma mais monitorada, quando estão em uma situação que exija maior refinamento social. Há também o próprio grau de monitoramento do falante que vai variar, dependendo do grau de instrução e conhecimento cultural e letrado que detém. Por exemplo: uma pessoa mais escolarizada provavelmente não empregará o tipo de construção "a gente vamos" ou "a gente fizemos", por sua vez, um falante sem escolaridade, provavelmente estará mais suscetível a empregar esse tipo de construção.

- Variação diamésica (fala X escrita) são as variações observadas na comparação entre língua falada e língua escrita. Nessa variação, é importante o estudo do conceito de gênero textual. Sabemos que, na oralidade, o falante se expressa com determinados vocábulos e com determinados recursos, ao passo que, na escrita, ele utiliza outros, que considera mais adequado a tal modalidade. A escrita tende a ser mais cuidada que a fala, dada a sua característica de refazimento possível, ao passo que a fala expressa nos discursos, palestras, diálogos é de certa forma espontânea, não permitindo refazimentos. Entretanto, ainda existe a diversidade de gêneros textuais que compõem o universo linguístico, e da fala à escrita, há um *continuum* de realizações que vai de textos orais mais formais e próximos à escrita a textos escritos menos formais mais próximos à fala.
- Variação diafásica ou estilística trata-se das variações observadas nas produções individuais de cada falante, comparando os momentos de enunciação, se mais monitorada ou menos monitorada, a escolha de componentes lexicais de cada falante, o grau de entonação e outros recursos individuais do qual o falante lança mão para compor seu estilo pessoal.
- Variação diacrônica são as variações que se verifica na comparação entre diferentes períodos da história de uma língua. Toda língua muda com o decorrer do tempo, entretanto, a estrutura (sistema) da língua não se altera, possibilitando, assim, que os falantes continuem a interagir. Então, compreendemos que os aspectos que sofrem variações são aqueles que não estão na estrutura principal da língua, e sim em dimensões que permitam tal mudança, contudo sem alteração da essência comunicativa.

Concluímos, então, que as variações que ocorrem no interior das línguas são divididas em duas vertentes ou duas dimensões. Uma é a dimensão interna na qual estão incluídos os níveis de variação, que são os aspectos intrínsecos à estrutura física da língua tais como: lexical; fonológico; fonético-fonológico; morfofonológico, morfológico; morfossintático; sintático e discursivo. A outra dimensão, a externa, engloba os aspectos sociais que envolvem a língua e sua relação com os falantes a depender do contexto social e interacional, que são: variação diatópica, ou regional, ou geográfica; variação diastrática ou social; variação diamésica (fala em oposição à escrita); variação diafásica ou estilística e variação diacrônica. Como vimos, eles se entremeiam e se completam. Contudo, toda mudança implica estranhezas, inseguranças e questionamentos gerada pela inserção do novo em meio ao tradicional, conhecido e com relação às formas variantes inovadoras, como *a gente*. Por fim,

ressaltamos que é preciso afirmar ainda que as variações que a língua vivência, por vezes, incorre em problemas de mudança linguística.

## 2.1.3.2 Problemas de mudança linguística

Labov (2008 [1972]), nos desperta para a percepção de que toda mudança linguística pressupõe questionamentos. O que influencia ou favorece uma mudança linguística? De que maneira ela ocorre? Por quais caminhos transita? Por que a mudança encontra espaço dentro da estrutura da língua? E como essa mudança é sentida pela comunidade linguística?

A partir dessas questões a Sociolinguística Laboviana define cinco problemas que precisam ser levantados quando se pretende estudar uma mudança linguística. São eles: problema das restrições ou fatores condicionantes; problema de encaixamento; problema de transição; problema da implementação e problema da avaliação.

Falaremos agora sucintamente sobre cada um desses problemas que norteiam os estudos sobre as mudanças ou variações que ocorrem nas línguas, e daremos uma atenção especial ao problema da avaliação, que embasou teoricamente o teste de avaliação aplicado por nós.

## 2.1.3.2.1 Restrições ou fatores condicionantes

Diz respeito aos fatores linguísticos e extralinguísticos que impulsionam as variações em uma língua, e que, também podem restringir essa variação, interrompendo um processo de mudança que estava em andamento. Segundo Coelho *et al.* (2010),

[...] busca-se investigar o conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para a mudança, que podem ocorrer numa dada estrutura, isto é, os fatores condicionantes da variação e mudança linguística (externos e internos) (COELHO *et al.* 2010, p. 96).

Retomamos agora o conceito de dimensão interna (aspectos internos à estrutura da língua) e externa (relações e inferências sociais e contextuais) que condicionam a mudança linguística. Conforme já exposto, a língua é um sistema heterogêneo que permite mudança. A mudança na língua é um conceito natural e está essencialmente relacionado ao sistema linguístico. Então são vários os fatores que podem impulsionar uma mudança em uma determinada estrutura linguística. Esses fatores podem ser de ordem interna ao sistema, como alterações nas classes das palavras, na semântica, na estrutura sintática frasal etc., e também

podem ocorrer alterações na língua impulsionadas por fatores externos, como faixa etária, nível social, escolaridade, sexo, aspectos geográficos e temporais.

Esses mesmos fatores tanto podem impulsionar a mudança como também restringi-la. Portanto, podemos ter um duelo entre fatores condicionantes da mudança de um lado, impulsionando as inovações linguísticas, como a entrada e uso do *a gente* no quadro pronominal no PB e, do outro lado, podemos ter os fatores que restringem essas inovações, ocasionando, assim, a manutenção das formas canônicas, como a conservação e uso do pronome *nós*. Esse duelo pode existir por muito tempo, até que uma ou outra forma vença, ou ambas consigam permanecer mutuamente dentro do sistema linguístico.

## 2.1.3.2.2 Encaixamento da mudança ou variação

O problema do encaixamento linguístico pode ocorrer tanto no nível estrutural (interno) da língua como no nível social (externo). Esse problema consiste na necessidade de compreendermos de que forma a variação ou mudança linguística está ocorrendo dentro do sistema linguístico. A mudança não pode ser estudada tomando em consideração apenas o aspecto da língua interno ou o aspecto externo. Ambos se relacionam, influenciando e sendo influenciado. Confirmamos isso com a citação de Coelho *et al.* (2010):

Ao explicar os fatores condicionantes, estamos também apontando como a variação/mudança está encaixada na estrutura linguística ou social. Vale lembrar que sem encaixar a mudança no quadro das relações sociais, vamos ter uma visão parcial do condicionamento dela. (COELHO *et al.*, 2010, p.98).

Assim, o problema do encaixamento linguístico está intrinsecamente ligado aos fatores de condicionamento e problemas de restrições, pois, para entendermos como um determinado fenômeno de variação linguística encaixa-se dentro da estrutura da língua, temos que compreender quais fatores o está condicionando ou restringindo a variação. Desse modo, no caso do nosso objeto de estudo *nós/a gente*, precisamos conhecer quais fatores têm impulsionado a forma inovadora e como essa forma tem sido encaixada dentro da nova configuração pronominal do PB. Além disso, quais as outras mudanças têm ocorrido em toda a estrutura do sistema a partir dessa variação.

## 2.1.3.2.3 Transição

O problema da transição diz respeito aos estágios, aos caminhos pelos quais passa a mudança. Durante esses estágios ou períodos sincrônicos da variação, há pouca sistematização dos fenômenos linguísticos, porém a comunicação continua ocorrendo normalmente, sem nenhum problema, pois os falantes possuem um sistema linguístico interno capaz de compreender as variações, isto é, uma competência linguística que capacita a entender o fenômeno da transição que está ocorrendo sem que haja prejuízo à comunicação dos usuários da língua.

Os elementos linguísticos variantes são passados de uma geração a outra, ou de uma comunidade de fala a outra que estão próximas geograficamente, ou de um grupo social a outro, de forma gradativa. A observação da transição das formas linguísticas variantes em um determinado espaço de tempo e um uma determinada comunidade de fala configura-se em uma mudança de tempo aparente ou em uma variação estável. Reafirma assim o pressuposto da Sociolinguística, de que a língua é heterogênea, assim sendo, admite mudança, contudo o sistema linguístico permanece organizado.

## 2.1.3.2.4 Implementação

O problema da implementação está relacionado aos problemas de restrição e condicionamento tanto na dimensão interna, quanto na dimensão externa da língua. Coelho *et al.* (2010, p.105) dizem que "o problema reside em compreender como se estabelece a mudança e porque ela ocorre em determinados contextos linguísticos e não em outros, ou em determinados lugares e não em outros".

A implementação é percebida a partir dos fatores que condicionam a língua, quer na estrutura linguística, quer nos arranjos sociais, e serve como balizamento para a compreensão de quais fatores impulsionaram a variação ou por quais restrições a variante concorrente não se estabeleceu. Contudo, esse problema da implementação é melhor constatado posteriormente, depois que a mudança se consolidou ou não.

## 2.1.3.2.5 Avaliação

O problema da avaliação se refere ao juízo de valor, que cada usuário da língua faz, em relação às mudanças e variações que ocorrem dentro da variedade linguística da sua comunidade.

Tradicionalmente, as sociedades em situações concebidas como formais consideram adequada uma linguagem mais próxima da instituída como padrão, que é a variedade utilizada pelos grandes escritores, nos meios acadêmicos, no meio jornalístico e por profissionais intelectuais. Entretanto, a depender do contexto social, os falantes utilizam um modo próprio de falar. Desse modo, cada falante possui sua variedade linguística. Alkmim (2001) nomeia esse modo particular de fala, relacionado ao contexto social, de variações estilísticas ou registros, ou ainda estilos. Por sua vez, os falantes reconhecem a situação comunicativa e definem a necessidade de utilizar uma variedade mais formal ou menos formal. Essa seleção o falante faz a partir do seu repertório linguístico.

Se o falante tiver maior conhecimento linguístico, conseguirá adequar com mais facilidade seu estilo à situação. Isso exigirá dele mais atenção nas escolhas lexicais. Por outro lado, sendo a interação social de oralidade informal, o usuário da língua fará uso do seu repertório linguístico imprimindo a ele, menos atenção e mais descuido nas escolhas lexicais. Sobre isso, Alkmin (2001) afirma que:

Aprende-se a falar na convivência. Mas, mais que isso, aprendemos quando devemos falar de um certo modo e quando devemos falar de outro. Os indivíduos que integram uma comunidade precisam saber quando devem mudar de uma variedade para outra. (ALKMIM, 2001.p.37).

Em todo grupo social, notamos a ocorrência de um cabedal de variedades linguísticas. A existência mútua dessas variedades linguísticas não se dá ao acaso, mas sim no seio das relações sociais definidas pela organização social e política dessa comunidade. Destarte, Alkmim (2001, p.39) afirma "que em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores".

A variedade que consegue o prestígio de ser superior na sociedade recebe o nome de variedade padrão. É a variedade utilizada pelo grupo social mais prestigiado. Assim, a variedade linguística mais valorizada que as demais, ela também é mais requerida em situações formais de comunicação.

Alkmim (2001) ainda diz que a variedade padrão também é denominada norma culta ou língua culta. Entretanto, apesar de popularmente acreditarmos que essa variedade da língua é considerada a melhor, a superior, a original que os falantes se apoderarão na medida do querer e da capacidade individual, na verdade essa forma variante é apenas consequência de decisão social, que se estabelece em dois polos: um que se traduz na escolha de uma das formas de falar dentre as várias que coexistem na comunidade e de outro que se traduz na consolidação de um conjunto de regras que norteiam o "suposto" modo de falar adequadamente.

Assim, o falante que utiliza a variedade desprestigiada é visto como inferior, sofrendo, dessa forma, o chamado preconceito linguístico. Afirmando isto, Alkmim (2001, p.41) diz que "a avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala". Ressaltamos que não é a variedade linguística que é inferior, mas é atribuído preconceito de inferioridade ao falante que faz uso desse tipo de variedade linguística.

Toda variedade linguística é plenamente capaz de responder à sua finalidade de comunicação social. Na Sociolinguística, afirma-se que todas as variedades de uma mesma língua desempenham bem sua função. Não existe uma língua incompleta, todas são sistemas estruturados dotados de recursos linguísticos que equivalem entre si devido a todas possuírem uma função principal, a comunicação social. Se uma determinada comunidade necessitar de uma palavra, ela pode simplesmente tomar emprestada de outra língua. E na medida em que as sociedades se desenvolvem vão criando novos termos para nomear conhecimentos descobertos e novas invenções.

Portanto, toda variedade linguística reconhecida e homologada por uma comunidade, apresenta condições necessárias à comunicação de seus falantes, naquele contexto e situação e uso. Contudo, como uma comunidade que detém o poder social, econômico e político é quem seleciona uma única variedade como padrão, todas as outras passam a serem consideradas inadequadas, gerando assim a avaliação pejorativa em relação aos seus usuários. Também sobre isso Alkmim (2001) diz:

[...] as diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. A não aceitação da diferença é responsável por numerosos e nefastos preconceitos sociais e neste aspecto o preconceito linguístico tem um efeito particularmente negativo. (ALKMIM, 2001, p.42).

Enquanto comunidade, mostramo-nos escandalizados, muitas vezes, quando ouvimos alguém se expressar em uma variedade que não seja a padrão. Julgamos que essa pessoa não "sabe falar", não tem escolarização, pertence a uma classe social de menor prestígio. E ainda consideramos que o indivíduo usa essa variedade por preguiça, desleixo, falta de interesse em aprender a falar corretamente. Entretanto, o indivíduo aprende a língua daquele grupo social em que ele é exposto desde quando nasce. Trata-se assim da aquisição da variedade linguística social à qual está inserido.

Todavia, a Sociolinguística nos traz a contribuição do esclarecimento sobre variedade linguística. Esta ciência nos faz entender que o preconceito acerca do modo de falar de uma comunidade é uma atitude que deve ser combatida, contudo, faz-se necessário que todo indivíduo apodere-se também da variedade padrão e/ou culta. Ele precisa ter consciência dessa realidade, ou seja, precisa saber a respeito das implicações sociais que pode sofrer, como: restrições ao acesso dos bens culturais e sociais, bem como o desenvolvimento pessoal e profissional.

A motivação para os falantes dominarem a variedade de maior prestígio deve ser estritamente social, com o objetivo de empregá-la em determinados contextos sociais, em alguma situação real de comunicação em que ela se faz importante, como em palestras públicas, entrevistas para emprego, fala com alguém hierarquicamente superior, etc., porém, sem detrimento da sua própria variante. Consideramos que o espaço social mais apropriado para se conseguir isso deva ser a escola. Nela, os indivíduos precisam ser expostos a situações de emprego da norma padrão, contudo, sem a anulação da variante de seu grupo social. Voltaremos a falar sobre esse assunto na seção IV, na qual trataremos dos dados e uma pequena análise a respeito da avaliação social do uso do SN *a gente* na escola. Nesse momento, baixemos nossas velas, para refletirmos sob a luz da Sociolinguística acerca do nosso objeto de estudo abordado em outros trabalhos.

## 2.1.3.3 Um estudo da variação pronominal imerso na Sociolinguística

Imersos nas águas da Sociolinguística, faremos agora o reconhecimento da operacionalização da Sociolinguística Variacionista, para o estudo da variação pronominal de 1ª pessoa do plural e orientação metodológica para nossa pesquisa. Ressaltamos, nesse momento, a importância da tese de doutorado apresentada a UFPR — Universidade Federal do Paraná de Franceschini (2011). Essa autora investigou a **Variação pronominal nós/a gente e tu/você** na comunidade de Concórdia no Estado de Santa Catarina. Teve como objetivo

principal descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar local e, após, empreender a comparação dos resultados, com o intuito de averiguar se as tendências dessas duas variáveis são as mesmas no falar da comunidade Catarinense. Para tanto, teve como base teórica os princípios da Teoria Variacionista, a qual considera a influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas no direcionamento do uso das formas em variação.

As hipóteses levantadas que incentivaram essa pesquisa foram: (i) se os contextos de sujeito indeterminado favoreceriam o uso do pronome inovador *a gente* (ii); o pronome nós seria mais favorecido no discurso reportado; (iii) o pronome inovador seria mais apropriado à indeterminação, e seria mais favorecido nos textos dissertativos, ao passo que nos textos narrativos e descritivos seria a forma conservadora nós; (iv) as primeiras formas usadas em uma sequência discursiva condicionariam o uso das formas posteriores; e ( v) haveria uma maior frequência para concordância de *a gente* com verbo no singular e *nós* com verbo no plural. A pesquisadora confirmou todas as hipóteses elencadas e constatou que, provavelmente, está em desenvolvimento uma mudança em curso, tanto na variação *nós/a gente*, quanto na variação *tu/você*. As formas inovadoras *a gente* e *você* tiveram mais ocorrências nas falas dos mais jovens, por outro lado, as formas tradicionais resultaram em maior ocorrência na faixa etária mais velha.

Em relação às variáveis independentes escolhidas para essa pesquisa, segundo a autora, o índice de determinação do referente foi o mais significativo na análise das duas variáveis dependentes, sugerindo assim as mesmas situações, ou seja, em situações nas quais o sujeito é indeterminado, as formas novas *a gente* e *você* são mais usadas e, em situação de sujeito determinado, são as formas tradicionais *nós* e *tu*.

O corpus dessa pesquisa foi composto por 24 entrevistas ocorridas entre os anos de 2007 e 2010. A autora escolheu três graus de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio), em duas faixas etárias (26 a 45 anos e 50 anos ou mais) e sexo, masculino e feminino. As entrevistas foram realizadas na residência ou local de trabalho dos informantes, que eram conhecidos da entrevistadora ou foram por eles apresentados. As entrevistas duraram em média 35/45 minutos e, segundo a autora, foram abordados temas relacionados ao trabalho, lazer, família, saúde, acontecimentos do dia a dia, entre outros, a fim de estabelecer um diálogo informal com o entrevistado.

Ao final de cada entrevista, a pesquisadora solicitou aos informantes sua avaliação a respeito do uso dos pronomes, com o objetivo de empreender comparações entre a atitude dos falantes em relação aos pronomes estudados e o emprego dos pronomes obtidos através dos dados coletados nas entrevistas. Por fim, após a análise e comparação de todos os dados e

variáveis levantadas, a autora chega à conclusão de que o fenômeno linguístico que está ocorrendo entre as variantes *nós/a gente* e *tu/você* indica que o processo se confirma como uma mudança em tempo aparente.

Agora, naveguemos até outro porto...

## 2.1.4 Navegando nas águas do Sociofuncionalismo

Segundo Neves (1999), o termo Sociofuncionalismo surgiu entre os linguistas do Brasil, do grupo de estudo denominado PEUL (*Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O Sociofuncionalismo então emerge das águas da Sociolinguística e do Funcionalismo. Da Sociolinguística são absorvidos os pressupostos da Variação linguística de Labov. Do Funcionalismo são absorvidos os princípios norteadores do processo de gramaticalização.

Assim, especificamente ligado ao processo de gramaticalização, o Sociofuncionalismo estuda a variação linguística com o olhar voltado para a função discursiva das variantes em situações reais de uso da língua. Ainda procura, muitas vezes, esclarecer os fenômenos da variação de forma quantitativa por meio de um programa estatístico herdado da Sociolinguística, o Goldvarb. Desse modo, compreendemos que os fenômenos de variação linguística articulados com os pressupostos do Funcionalismo, fora os aspectos em que não parecem haver convergência dos interesses de cada teoria, corroboram para o nascimento de uma terceira teoria, gerada a partir do enlace entre a Sociolinguística e o Funcionalismo.

Todavia, o enlace entre essas "duas teorias não dizem o mesmo, e nem é preciso que o façam" (TAVARES, 2003, p.101). O enlace teórico das duas teorias primeiras não significa que a terceira teoria é o resultado da somatória das duas, como se juntássemos os pressupostos de cada uma das teorias e pronto, estivesse formada uma nova teoria. O enlace teórico se dá justamente a partir da aproximação dos pontos em comuns e também dos divergentes dessas duas teorias. Após o diálogo, as interações estabelecidas navegam em direção a uma terceira teoria que detém características, pressupostos e princípios regimentais, originários do diálogo estabelecido, os quais não são, e, tampouco, devem ser cópias das teorias primeiras, pois a cada diálogo estabelecido, os conceitos vão se constituindo e reconstituindo. Sobre isto, Tavares (2003, p.102) diz que "não se trata da soma ou combinação de pressupostos teóricosmetodológicos de um modelo ou de outro, e sim do estabelecimento de pressupostos que resultam da conversa entre os modelos".

Portanto, depreendemos da Sociolinguística e do Funcionalismo os seguintes pressupostos:

- (i) A língua em uso e sua natureza heterogênea é condição de mudança linguística;
- (ii) Os fenômenos linguísticos devem ser analisados em situações reais uso;
- (iii) A língua está em constante movimento, tipo espiral, em um ir e vir ao mesmo tempo em que se desenvolve e alcança novos estágios prosseguindo nesse movimento;
- (iv) As mudanças linguísticas são observadas levando em consideração a condição de frequência das ocorrências;
- (v) As mudanças linguísticas são propagadas lentamente, tanto no campo da estrutura linguística, quanto no campo da interação social;
- (vi) Os fenômenos linguísticos investigados são analisados tanto em uma perspectiva diacrônica, quanto em uma perspectiva sincrônica, resultando assim no conceito da pancronia, a fim de dar conta de todos os fenômenos envolvidos nas camadas/variantes e variações/mudanças, tanto em relação à história do item lexical, quanto em relação ao seu uso atual;
- (vii) O princípio do uniformitarismo é aquele, segundo o qual, os mesmos fenômenos sociais
- e linguísticos que atuam nos processos de variação e mudança na contemporaneidade são os mesmos fenômenos que atuaram em tempos passados;
- (viii) Ambas as teorias analisam os processos de mudança e variação considerando os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos,
- (ix) Os fenômenos linguísticos e os fatores sociais (sexo, idade, classe social e região geográfica) possuem uma estreita relação. (TAVARES, 2003).

Destarte, entendemos que nosso objeto de estudo *nós* e *a gente*, deve ser analisado a partir dos postulados sintetizados acima. Tavares, (2003) diz que,

[...] embora os pontos focais do Funcionalismo voltado à gramaticalização (história de uma forma) e da Sociolinguística Variacionista (coexistência de formas em um dado momento de sua evolução) sejam diversos, é possível chegar a uma convergência entre os pressupostos teóricos metodológicos de cada teoria em uma abordagem que integra aspectos de ambas e que pode a princípio ser denominada Sociofuncionalismo. Tal abordagem toma como objeto diferentes camadas/variantes que partilham e/ou disputam determinada função, realizando o controle de grupos de fatores linguísticos e sociais passiveis de influenciar a opção dos falantes por uma delas. (TAVARES, 2003, p.108)

Então, imersos nas águas do Sociofuncionalismo, e nas explanações de Tavares (2003), grosso modo, compreendemos que os postulados de ambas as teorias originárias, em alguns aspectos, se aproximam muito, em outros, são praticamente inter-relacionáveis e, ainda em outros aspectos, os postulados de uma apareça mais que os postulados da outra. Portanto, a depender do ponto de vista do qual se observa, se são os fenômenos linguísticos relacionados à forma e aos contextos sociais do uso, sobressai a Sociolinguística Variacionista. Por sua vez, se o ponto de vista do qual se observa o fenômeno está relacionado à função que a forma exerce em um contexto de interação comunicativa, sobressai a teoria Funcionalista. Contudo, depreendemos dos postulados que se correlacionam e emergem no Sociofuncionalismo que:

- A língua é um sistema "vivo" e sofre alterações impulsionadas algumas vezes por fatores internos e outras vezes por fatores externos à língua;
- Devido às escolhas lexicais que os usuários de uma língua fazem, abrem espaço para variações linguísticas e que, no cerne dessas variações, reside a questão da função que o item lexical exerce naquele determinado contexto de interação social;
- Todo usuário da língua procura empregar os itens lexicais de que dispõe sua gramática internalizada, de forma simples, direta e mais funcional possível, resultando, assim, na quebra de paradigmas tradicionais tidos como imutáveis pelos compêndios gramaticais, mas que, na atual sociedade, às vezes não fazem sentido, por não traduzirem a função que o usuário quer expressar e, outras vezes, porque sua função está demasiadamente gasta, obsoleta.

Portanto, em uma importante tentativa de estruturar uma teoria completa e capaz de dar conta de todos os aspectos envolvidos na elaboração da linguagem, a partir da década de 80, entra em cena o Sociofunionalismo, como uma nova orientação de pesquisa para compreensão dos fenômenos de variação e mudança linguística, podendo considerar tanto a modalidade escrita, quanto a falada, tanto a mais monitorada, quanto a menos monitorada. Percebemos, assim, que a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo norte-americano, também denominado Sociofuncionalismo, se aproximam. Para Sousa (2008),

[...] na Sociolinguística, a compreensão da mudança linguística perpassa pela coexistência de duas ou mais **formas** para a mesma **função**, sob essa perspectiva atual, na mudança linguística, há a concorrência de duas ou mais **funções** para uma mesma **forma**. Os Funcionalistas não desprezam as formas, apenas direcionam a importância em conhecê-las a partir da função que estas exercem no ato discursivo. Afinal, nessa teoria, a forma é subordinada à função que desempenha. (SOUSA, 2008, p.71).

Desse modo, para uma maior reflexão sobre o Sociofuncionalismo, consoante o estudo do nosso objeto e orientação metodológica para nossa pesquisa, ressaltamos a importância da tese de doutorado de Tavares (2003), intitulada **A gramaticalização de e, aí, daí e então:** estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo Sociofuncionalista.

## 2.1.4.1 Um estudo da variação imerso no Sociofuncionalismo

Sob a luz do Sociofuncionalismo, Tavares (2003) analisa o uso dos conectores sequenciadores *e, aí, daí* e *então* de forma diacrônica e sincrônica. Ela observa as escolhas dos falantes por um ou outro conector a depender da situação de interação, procurando descortinar quais fatores internos e externos estão condicionando mais uns que outros.

A referida tese tem como objetivo buscar, através do fenômeno de gramaticalização, esclarecimentos sobre as ocorrências de estratificação/variação em relação à sequenciação *e*, *aí*, *daí* e *então* na comunidade de fala da cidade de Florianópolis.

De forma metodológica, a autora dividiu seu trabalho em duas fases. Na primeira, apresentou os caminhos pelos quais passaram os conectores *e, aí, daí* e *então* e as mudanças ocorridas em suas funcionalidades. Na segunda fase, apresentou a variação linguística que ocorre com os conectores, analisando as influências sociais e linguísticas que determinam a variação e favorecem o uso de cada um. Por fim, realizou uma comparação entre o uso dos conectores no final da primeira metade do século XX através do romance **As Vinhas da Ira**, de John Steinbeck, com os dados levantados da comunidade Florianopolitana por meio de entrevistas oriundas do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil).

Na tese, está lançada a hipótese de que a depender da carga motivacional, da função que exerce e do contexto interacional, as pessoas decidem empregar um determinado conector sequenciador e não outro, ou às vezes variam de conectores. Assim sendo, ela postulou que os conectores mais usados para manter a sequência de informações conquistam mais espaço no vocabulário dos falantes, ao passo que aqueles que são menos empregados acabam sendo esquecidos.

Com essa tese, Tavares (2007) alcançou os seguintes resultados: (i) estabeleceu com maior precisão o percurso da gramaticalização percorrido pelos conectores sequenciadores informacionais em uma perspectiva diacrônica; (ii) elaborou um mapa das rotinas e inovações sobre as especializações que ocorrem nos conectores; (iii) demonstrou as mudanças ocorridas

com a sequenciação em tempo aparente e em tempo real; (iv) compreendeu as motivações funcionais variadas a respeito dos conectores sequenciais e; por fim, (v) instigou novas pesquisas para o estudo dos conectores sequenciais informacionais em outras comunidades de língua portuguesa.

Assim, a autora descreveu as generalizações válidas para todo e qualquer fenômeno de estratificação/variação e de mudança no domínio da sequenciação, independentemente da comunidade de fala, a saber, a valoração social e marca de identidade. Em relação às motivações funcionais a respeito dos conectores sequenciais a autora conclui que os fenômenos da marcação e da persistência têm motivado a variação e que outras generalizações também se aplicam, como, grupos de fatores linguísticos de natureza semântico-pragmática como: subfunções sequenciadoras; tipos de discurso; níveis de articulação discursiva; graus de conexão e traços semântico-pragmáticos.

Para tanto, a autora fundamentou seu trabalho na articulação dos pressupostos teóricometodológicos do Funcionalismo e da Sociolinguística Variacionista, resultando em uma abordagem Sociofuncionalista, o que acreditamos ser a melhor orientação para a pesquisa que por ora empreendemos.

Agora, levantemos nossa âncora para circularmos essas três importantes teorias, a fim de fazermos um enlace entre a Sociolinguística, o Funcionalismo e o Sociofuncionalismo.

#### 2.1.4.2 Enlace teórico das correntes...

Após as muitas leituras empreendidas, entendemos que essas três teorias em alguns pressupostos se aproximam, em outros se afastam. Todas possuem princípios e pressupostos que procuram sistematizar e atribuir valor científico ao seu método de investigação. Podemos afirmar que essas teorias em alguns aspectos divergem e em outros aspectos convergem. Contudo uma teoria não anula a outra. Cada uma detém um valor científico reconhecido que serviu e ainda serve a análises a respeito da complexidade da língua.

Pensamos que completamos o enlace com este importante divisor de águas teórico: se, por um lado, há uma definição de metodologia e princípios próprios para cada teoria, por outro lado, é notório que uma teoria não suplanta a outra, ambas se complementam e caminham ciclicamente rumo ao Sociofuncionalismo.

Então, imersos nas águas do Sociofuncionalismo, entendemos que a língua é um sistema vivo e sofre alterações impulsionadas algumas vezes por fatores internos e, outras vezes, por fatores externos à língua. Entendemos, ainda, que, devido às escolhas lexicais que os usuários de uma língua fazem, o espaço para variações linguísticas é aberto. No cerne

dessas variações, reside a questão da função que o item lexical exerce naquele determinado contexto de interação social. Portanto, como a sociedade é viva, dinâmica e heterogênea, a língua real, interna ao falante, também assim se estabelece.

Frente à possibilidade desse enlace, e não fixando nosso olhar nas divergências que há entre as duas teorias primeiras, mas nos ancorando nos pressupostos e postulados imbricados dessas orientações de pesquisa, lançaremos mão, em nossa dissertação, dos pressupostos metodológicos da teoria Sociofuncionalista para análise dos nossos dados e compreensão dos fenômenos linguísticos e sociais que incidem sobre nosso objeto de estudo.

# 2.1.4.3 Manobrando nas correntes linguísticas

As correntes linguísticas do polo funcionalista ora se aproximam, ora se afastam em relação aos aspectos de variação da língua, porém todas se ocupam de analisar, descrever e explicar, com métodos científicos próprios, quais são, como e porque ocorrem mudanças nas línguas que compõem essa grande e abstrata faculdade, a linguagem.

Agora navegaremos por outras correntes, as gramaticais, pois entendemos que há vários tipos de gramáticas. Umas que procuram normatizar a língua, outras descrevê-la, há as que defendem que a língua é inerente ao seu usuário e outras que propõem um olhar reflexivo sobre os amplos aspectos da língua.

Naveguemos, até elas.

# 3 NAVEGANDO NAS ONDAS DA GRAMÁTICA TRADICIONAL, DA LINGUÍSTICA E DOS LIVROS DIDÁTICOS



# 3.1 CONCEPÇÃO DE GRAMÁTICAS

Comumente, o conceito de gramática está relacionado a um conjunto de regras linguísticas que servem como direção a ser seguida nas produções orais e escritas daqueles que pretendem fazê-las na forma mais prestigiada socialmente. Tradicionalmente, quem deseja escrever e falar bem deve conhecer e aplicar as regras gramaticais de uma língua.

Crystal (2008, [1985] p.129), sobre o conceito de gramática, diz que é "Termo básico da Linguística, englobando uma ampla série de fenômenos. Existem diversos tipos de gramática". Desse modo, a gramática abarca uma série de fenômenos linguísticos, de natureza: fonológica, fonética, morfológica, sintática, estilística e poética. Lima (2014) diz que a gramática organiza, descreve, analisa e define a estrutura do sistema linguístico. Compreende várias definições e também classificações a depender do fenômeno linguístico que se quer estudar a partir da teoria linguística.

O autor Geraldi (2014), conceituando gramática, cita na 3ª posição que:

A palavra gramática designa o conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e do qual lança mão ao falar. É preciso que fique claro que sempre que alguém fala o faz segundo regras de uma certa gramática. ...O conjunto de regras linguísticas que um falante conhece constitui a sua gramática, o seu repertório linguístico. (GERALDI, 2014, p.48)

Para interagir socialmente, o usuário da língua utiliza um conjunto de regras, a gramática. Essa, por sua vez, pode ser normativa, descritiva ou mesmo a internalizada, pois o

falante vai utilizar em suas construções orais ou escritas, as regras gramaticais que domina. Para esta dissertação, destacamos quatro tipos, que acreditamos estarem próximas da escola, a saber: (i) a gramática normativa, (ii) gramática descritiva, (iii) gramática internalizada e (iv) gramática reflexiva.

# 3.1.1 Concepção de Gramática Normativa

O conceito de gramática está relacionado a um conjunto de regras linguísticas que prescrevem uma única forma de falar e escrever corretamente. Como o próprio nome diz, gramática normativa, originária da cultura grega e romana da Antiguidade, dita as normas linguísticas que produzem o bom falar e o bom escrever. Tradicionalmente, essa gramática possui modelos rígidos, expressos em grandes obras, que detém alto prestígio nos meios acadêmicos, cuja linguagem rebuscada pretende alcançar um nível idealizado de perfeição linguística. A gramática normativa até hoje prescreve as regras da escrita e da linguagem considerada "pura e bela" e continua sendo responsável pelo suporte pedagógico aos professores de português do país.

Ela está geralmente organizada em três partes fundamentais: (i) a fonética e fonologia: estudo dos fonemas e sua combinação, e caracteres dos sons da fala; (ii) a morfologia: estudo das formas, estrutura e classificação linguísticas; e (iii) a sintaxe, que trata da construção dos enunciados frasais. Apesar da importância desse compêndio, não se pode tornar o único e suficiente suporte para a escola, pois ele não corresponde, muitas vezes às formas de linguagem utilizadas nos dias atuais, não mais dá conta da sua função essencial, principalmente se descontextualizada e sem reflexão linguística. A gramática, como norma de uma língua nacional, precisa ser estudada com reflexão e contextualizada às situações efetivas de interação oral e escrita. Bechara (2010) diz que:

Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstancias especiais do convívio social. A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos. (BECHARA, 2010, p.14).

Nessa citação, vemos que a gramática normativa tem a função de orientar em moldes fixos e rígidos as produções dos usuários da língua, destacamos que, em especial, as produções escritas. Esse é o tipo de gramática que mais se insere no âmbito escolar, talvez

"por força da tradição ou por desconhecimento da existência de outros tipos", segundo Travaglia (2009, p.32). Contudo, a gramática normativa, além de definir as normas que devem ser seguidas para o domínio da língua tida como padrão, também tem uma função descritiva, pois descreve as regras e normas e é responsável pela classificação e organização da língua, como as classes de palavras, os tempos e modos verbais etc.

Vamos agora a outro tipo de gramática.

## 3.1.2 Concepção de Gramática Descritiva

Entendemos que a gramática descritiva procura descrever as características de um sistema linguístico completo com todos os seus fenômenos. Além disso, tem a função de documentar o uso da língua em um determinado momento temporal. É dessa gramática que alguns linguistas se ocupam. Ao contrário da gramática normativa, a gramática descritiva não possui um caráter pedagógico de como ensinar a língua, portanto, não classifica as formas de falar e escrever como certas ou erradas. Ela considera todas as variedades, sem atribuir *status* de superior a nenhuma delas e sem julgamento preconceituoso. Também como reação ao tipo normativo que dá ênfase à escrita, a gramática descritiva dá ênfase à oralidade. Acredita que é a partir do estudo da oralidade que os processos linguísticos se aprofundam. Corroboram essa compreensão de gramática, as ideias de Bechara (2010):

Gramática descritiva é disciplina científica que registra e descreve um sistema linguístico em todos os seus aspectos (fonético-fonológico, morfossintático e léxico). Por ser de natureza científica, não está preocupada em estabelecer o que é certo ou errado no nível do saber elocutivo, do saber idiomático e do saber expressivo. (BECHARA, 2010, p.14).

Apesar de não ter um caráter pedagógico, antes científico, consideramos que a gramática descritiva se estabelece como uma ferramenta hábil de ensino, nas mãos de um professor que visa refletir sobre a língua, pois, além de descrever às possibilidades de variações, mudanças e procurar apresentar fenômenos linguísticos, ela traz elementos que permitem a reflexão, a análise e a busca da compreensão dos fenômenos que envolvem mudança e variação na língua e que a gramática normativa não contempla. Acreditamos ser esse tipo de gramática ideal para se trabalhar a língua em uso, falada e contextualizada, com todas as questões internas (linguísticos) e externas (sociais) que circundam os fenômenos linguísticos.

## 3.1.3 Concepção de Gramática Internalizada

Agora, trazemos um terceiro tipo de gramática que é a internalizada. Por gramática internalizada entendemos o conjunto de normas linguísticas internas, próprias a cada falante. Assim, cada usuário da mesma língua possui um sistema linguístico internalizado, o que permite que todos se entendam, apesar das variações linguísticas e de caráter distintos como as regras fonotáticas.

Nós incorporamos essa gramática ao mesmo tempo em que vamos adquirindo nossa linguagem ainda criança, através da interação social familiar e desenvolvimento de processos cognitivos. As regras da gramática interna não autorizam que seus usuários produzam determinadas construções, ao passo que também dão suporte para que inúmeras construções sejam bem aceitas, mesmo com as particularidades individuais de cada falante.

A gramática internalizada não é aprendida na escola. Quando a criança chega à escola, ela já possui essa gramática. Dessa forma, o professor precisa ter esse entendimento e valorizar a gramática internalizada dos seus estudantes, para, então, a partir desse reconhecimento, ser capaz de instrumentalizar e desenvolver em seus educandos competências e habilidades linguísticas dos outros tipos de gramáticas. Sobre a gramática internalizada, Travaglia (2009, p.32) afirma que: "é o conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permitem o uso normal da língua". A gramática internalizada, então, é um conjunto de para regras internas experimentadas no uso diário de cada falante.

## 3.1.4 Concepção de Gramática Reflexiva

É o tipo de gramática que busca a compreensão da gramática interna do usuário da língua. A gramática reflexiva, analisa, explicita e refleti como se dá a estruturação dos processos linguísticos que o falante traz. Travaglia (2009, p. 33) diz que ela "se refere mais ao processo do que aos resultados [...] Parte, pois, das evidências linguísticas para tentar dizer como é a gramática implícita do falante". Essa gramática, pedagogicamente, propõe um ensino da língua a partir de atividades que coloquem a língua em situações reais de uso, procurando explicitar quais são as regras internas que o falante possui, quais princípios as regem, como essas regras se organizam, como os falantes acessam esses conhecimentos gramaticais (internos com tamanha precisão), que os capacitam a se comunicar interagindo com todas as variantes que circulam uma nação.

## 3.1.5 Manobrando no circuito gramatical

Chegamos à conclusão de que não podemos abrir mão do ensino da gramática na escola, tampouco que devamos eleger um tipo de gramática e renegar outro. Consideramos que esses quatro tipos de gramática se complementam e servem ao professor como um recurso precioso para o desenvolvimento da oralidade e da escrita na escola. Se, por um lado, temos a gramática normativa, culta, tradicional e prescritiva que tem como função primordial prescrever as regras que norteiam a variedade socialmente prestigiada e que atribui maior destaque à escrita, por outro lado, temos a descritiva que tem como função primordial descrever como se estabelece os fenômenos linguísticos, valorizando todas as variedades linguísticas e atribuindo maior destaque à oralidade. Dessa forma, enquanto que a gramática normativa se ocupa em determinar como se deve dizer, idealiza uma forma, a gramática descritiva se ocupa em analisar e descrever o que se diz no momento de uma real interação.

Também temos, ao lado dessas, a gramática internalizada que é a manifestação concreta da competência linguística do falante e, por fim, completamos o ciclo com os conhecimentos da gramática reflexiva, a qual busca investigar, refletir e descrever o funcionamento da gramática internalizada.

Portanto, pensamos que o ensino da gramática deva ser como um campo de experimentações no qual todo o conhecimento serve à análise empírica. Nesse campo, os estudantes devem ter a oportunidade de vivenciar, na prática, situações reais de comunicação, leitura, escrita, interação e ter a tarefa de explorar os mais diversos níveis e formas de linguagem. Enfim, os estudantes precisam ter acesso e conhecimento a todos esses tipos de gramaticas, a fim de que possam compreender como elas se organizam e a qual finalidade se destina, para que dessa forma entendam como podem aprimorar sua competência comunicativa.

Chegamos ao final desta seção entendendo que as gramáticas orientam o estudo da língua e cada uma possui riqueza e especificidades que contribuem para a compreensão de fenômenos linguísticos e que seus postulados podem ser aplicados ao estudo das formas variantes da 1ª pessoa do plural: *nós* e *a gente*.



"A gramática é a arte de arredar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada do que o fardo."

ANTOINE RIVAROL

## 3.1.6 O uso de nós e a gente: ancorando no objeto de estudo

Partimos, neste momento, para a análise do nosso objeto de estudo *nós/a gente* com vistas à tradição gramatical; à tradição linguística e aos livros didáticos, a fim de nos aprofundarmos nos complexos conhecimentos linguísticos que incidem sobre o mesmo.

# 3.1.6.1 Aspectos da variação do emprego dos pronomes pessoais: nós/a gente

O quadro pronominal do PB tem passado por grandes e profundas transformações no decorrer da nossa história. Alguns pronomes tornaram-se esvaziados de sentido, deixando de serem usados e sendo substituídos por palavras de classes gramaticais distintas, as quais passaram a fazer parte do quadro pronominal do português falado no Brasil, remodelando o modelo clássico. Temos como exemplo o pronome "vós", praticamente desaparecido da língua falada no país, e a inclusão do item lexical "você". Estas e outras transformações não mencionadas nesta dissertação impulsionaram a reorganização do quadro pronominal

brasileiro. Todavia, essa nova organização ainda não configura nas gramáticas tradicionais, tampouco nos LD's - Livros Didáticos (doravante LD's).

Agora, vamos observar nosso objeto de estudo do ponto de vista da tradição gramatical; do prisma da tradição linguística e em uma panorâmica nos LD's.

Fincamos âncora em nosso objeto de estudo.

## 3.1.6.2 O uso de *nós* e do NS *a gente* na tradição gramatical

O quadro pronominal do PB que configura em todas as gramáticas tradicionais é o exposto abaixo:

Quadro 1 - Pronomes pessoais (gramáticas tradicionais)

	Função sintática
Pessoa verbal	caso reto: sujeito
1ª pessoa singular	Eu
2ª pessoa singular	Tu
3ª pessoa singular	ele / ela
1ª pessoa plural	Nós
2ª pessoa plural	Vós
3ª pessoa plural	eles/elas

Fonte: Elaborado pela autora.

Como vemos, ele não representa o falar dos usuários da língua portuguesa brasileira. Podemos observar que a 2ª pessoa, tanto do singular, quanto do plural, não está mais em uso em todo o território brasileiro, apenas em algumas regiões. Nas demais, a entrada do "você e vocês" em substituição aos pronomes clássicos é largamente utilizada por todos os grupos sociais, sem contar com nenhum indício de preconceito ou estigma social.

Outra grande mudança que está ocorrendo no quadro pronominal do PB é justamente nosso objeto de estudo, a variação entre o pronome clássico nós e o SN a gente. Ambos são usados com a mesma função sintática de sujeito. Todavia em relação à função semântica, estudos demonstram que esses "pronomes" têm se especializado em funções distintas.

Lopes (1998, p.15), em seu artigo intitulado *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil, diz "a alternância das formas *nós* e a *gente*, representado na 1ª pessoa do plural, é de uso comum entre os falantes no Brasil". Porém, a gramática normativa raramente cita-o, ainda que alguns autores insiram a expressão *a gente* como uma variação do pronome de 1ª pessoa do plural, *nós*, ou como um pronome de tratamento. Contudo, nos referidos compêndios não há aprofundamento do significado dessa seleção e o seu valor no enunciado.

Trata-se, assim, de uma forma à qual a sociedade já internalizou, mas que, no entanto, não é uma forma que tem seu uso homologado nos manuais gramáticos.

De acordo com a tradição gramatical da Língua Portuguesa e com os livros didáticos, os pronomes pessoais estão expressos e determinados nas três pessoas envolvidas na produção do discurso, seja ele oral ou escrito. Trata-se da 1ª pessoa: que fala; 2ª pessoa: com quem se fala, e 3ª pessoa: de quem se fala. Os pronomes pessoais são conceituados a partir do ponto de vista:

- Semântico: diz respeito a uma classe de palavras que não possuem significado próprio, serve apenas para apontar as três pessoas do discurso ou situar algo em função das pessoas do discurso.
- Morfológico: os pronomes pessoais podem flexionar-se em gênero: masculino e feminino; número: singular e plural; pessoa: primeira pessoa, segunda pessoa e terceira pessoa do discurso.
- Sintático: os pronomes são divididos em dois grupos: os do caso reto (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas), que são aqueles que funcionam como sujeito do enunciado, e os do caso oblíquo (me, te, lhe, nos, vos, lhes), que podem funcionar como objeto direto ou indireto em um enunciado e (o, os, a, as) que funcionam como objeto direto.

Quanto ao quadro de classificação pronominal encontra-se registrado na obra de Rocha Lima (2014, p. 156) o mesmo modelo dos compêndios tradicionais. Contudo, na p.359 o autor destaca o valor singular de *nós*. O pronome de 1ª pessoa do plural *nós* é empregado no singular quando se refere à expressão de autoridade, ou, caso contrário, por modéstia, ou quando não se deve declarar a pessoa, para não destacar um e desprezar outro. Assim, evitam-se cometer injustiças ou enaltecer exageradamente alguém. Nesse sentido, para a gramática, há o reconhecimento de que a palavra *nós* confere um valor de igualdade de poder, de coletividade, de união. Observamos na exposição teórica do autor uma definição da função do pronome *nós* diferente da função referencial a um grupo, um coletivo de pessoas. Podemos dizer que o SN *a gente* também possui a mesma capacidade de referência. Na maioria das vezes, é empregada na função de coletividade, contudo, também é empregado com função de singular tal qual o pronome *nós* mencionado por Rocha Lima.

Bechara (2010) define pronome como a classe de palavra que se refere a um significado do léxico que está indicado pela situação (contexto) ou por outras palavras do contexto. Naquele trabalho, os pronomes são classificados em: pessoais, possessivos, demonstrativos (abarcando os definidos), indefinidos interrogativos e relativos. De forma geral, essa referência está relacionada a um nome, considerando-o somente como a pessoa

identificada no discurso. O autor destaca a 1ª pessoa do discurso: eu (pessoa correspondente àquele que fala) e 2ª pessoa do discurso: tu (pessoa que corresponde com quem se fala). A 3ª pessoa é indeterminada e se refere à pessoa ou objeto em relação aos envolvidos no discurso.

Para o autor, os pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoa e a não pessoa, que, segundo ele, é considerada pela tradição como a 3<sup>a</sup> pessoa. O autor define: 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoa do singular e 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> pessoa do plural, sem mencionar as formas lexicais: *você* e *a gente*.

Percebemos que o autor, em seu trabalho de conceituação e classificação dos pronomes, não faz referência ao SN *a gente*. Apenas na nota de rodapé há uma simples referência. Vamos à nota que trata da descrição de um exemplo obtido em uma entrevista:

Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento que você (= eu, a gente, impessoalizador) não sabe o que fazer. Você já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais 'aquela moça' e sim 'aquela senhora' [...] sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que a gente fica mais velha".(RQ)p. (BECHARA, 2010, p.130, nota de rodapé n°1).

Na nota de rodapé, o autor diz que podemos fazer uso da 2ª pessoa do discurso de forma impessoal. Isto se dá na Língua Portuguesa, tanto na modalidade oral como escrita. Trata-se da pessoa você ou tu 2ª pessoa que se refere ao próprio falante, mesmo o ouvinte estando presente. Assim, notamos que o autor esclarece que, quando a entrevistada fala "chega um momento que você", esse termo você se refere a ela mesma=eu, *a gente*. Esse é o único momento em que o autor cita o SN *a gente*, todavia, desprovido de qualquer comentário. Mais na frente da fala, podemos ver a entrevistada usar a expressão: "à medida que a gente fica mais velha", novamente se referindo a si mesma = eu. Vemos, nesses exemplos, a expressão *a gente* embora apareça com um grau semântico impessoalizador e empregada com o valor de 1ª pessoa singular, e não de 1ª pessoa do plural como é comum vermos. Contudo, não há qualquer reflexão proposta do uso do SN *a gente* na Língua Portuguesa como, a nosso ver, deveria acontecer.

Na obra intitulada: **Estrutura pronominal**, de José Lemos Monteiro (1986), o autor define nome e pronome como classes semelhantes em termos morfológicos, pois elas possuem dois tipos de flexão: gênero e número. Analisando o texto desse autor, notamos que o mesmo não faz nenhuma referência ao SN *a gente*, *o*corre a classificação puramente tradicional. O autor ainda cita o "pronome você", no entanto, sem nenhum comentário.

Cunha e Cintra (2013) também classificam os pronomes pessoais no modelo dos compêndios gramaticais tradicionais. Caracterizam-se por denominarem as três pessoas gramaticais envolvidas no discurso: 1ª quem fala: eu e nós; 2ª com quem se fala: tu, vós, e 3ª de quem se fala: ele, ela e eles e elas, por representarem uma forma nominal expressa anteriormente, ou seja, fazem referência e, por fim, mudarem de forma. Quanto à função na oração podem ser: retos e oblíquos, e quanto à tonicidade, átonos e tônicos. Na subseção "fórmulas de representação de 1ª pessoa", Cunha e Cintra (2013, p.310) elucidam da seguinte forma:

No colóquio normal, emprega-se a gente por nós e, também, por eu: "Houve um momento entre nós em que a gente não falou". (F. Pessoa, QGP, nº 270) \_Não culpes mais o Barbaças compadre! A gente só queria gastar um bocadinho do dinheiro. (F. Namora, TJ, 165) \_Você não calcula o que é a gente ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (C. dos Anjos, DR, 41)

Cunha e Cintra (2013) em relação à concordância verbal, explica: "Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular". (CUNHA, CINTRA, 2013, p. 310)

Tradicionalmente, o que a gramática normativa faz é prescrever as regras de como deve ser escrito e falado. O usuário tem que aprender regras e nomenclaturas de uma língua, que não consegue empregar no dia a dia. Tudo isso incorre em extrema dificuldade para os estudantes, que sempre se queixam que aprender português é difícil, entretanto, a continuam perseguindo, pois acreditam ser a gramática que proporcionará o domínio da língua que detém o prestígio social.

Compreendemos que a tradição gramatical é importante para a manutenção histórica da língua, preservação cultural de um país e identificação de uma nação, entretanto, o que propomos não é o abandono das regras tradicionais e dos modelos clássicos, antes, propomos uma reflexão entre o português prescrito nos compêndios gramaticais e o português usado pelos informantes da nação, a fim de que compreendamos que os modelos gramaticais clássicos, que determinam a língua padrão, estão restritos a certos tipos textuais eruditos e literários, e não refletem a variedade em uso. Devemos despertar, em nossos alunos, cada vez mais a consciência de que existem inúmeras variedades linguísticas dentro de uma mesma língua, e que todas são importantes e competentes em sua função, todavia, precisamos saber usar a variedade tida como culta em situações que exigirem tal condição.

## 3.1.6.3 O uso de *nós* e do *a gente* na tradição linguística

As teorias modernas, muitas vezes, não abandonam os modelos gramaticais clássicos. Partem deles para propor uma nova reflexão acerca dos fenômenos linguísticos. Neves (2011) em sua vasta obra destaca os pronomes pessoais com bastante profundidade. Para essa autora os pronomes pessoais têm a função e a capacidade de se referir à pessoa gramatical de forma clara, simples, límpida. Neves (2011, p.450) também define o quadro pronominal de modelo clássico:

Quadro 2 - Pronomes pessoais (gramática linguística)

Pessoas do discurso	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Fonte: NEVES (2011, p.450)

Em relação aos aspectos linguísticos, Neves (2011, p.452) diz que "o pronome pessoal tem natureza fórica, isto é, ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer referência pessoal". Por essa afirmação, concluímos que, assim como os pronomes pessoais, em especial o pronome nós, o SN *a gente* também possui essa função fórica, que tem a função de fazer referência a uma pessoa ou a um ser ou coisa. A partir de sua natureza fórica, os pronomes pessoais possuem duas funções básicas: Neves (2011, p. 452) cita "Função interacional: representar na sentença os papéis do discurso, função que remete à situação de fala. Função textual: garantir a continuidade do texto, remetendo a elementos do próprio texto".

Além dessas duas funções, Neves (2011) destaca uma terceira função dos pronomes pessoais: a de deixar claro na oração a natureza temática do item referido. Destacamos as formas "eu, tu, vós, nós" as quais funcionam como sujeito. Notamos que o SN *a gente* também funciona como sujeito. No plural, os pronomes pessoais fazem referência simultânea a indivíduos que podem desempenhar diferentes papéis, do ponto de vista do discurso. Os pronomes plurais de primeira pessoa (nos, nós) nunca se referem exclusivamente a primeira pessoa, isto é, sempre envolvem um não eu, ou representam a primeira pessoa com a segunda, ou a primeira e a terceira, ou a soma da primeira com segunda e com a terceira pessoa do discurso. Além dessas funções e usos, os pronomes pessoais plurais se destinam a outros usos

que não são apenas pluralização, como quando o falante procede sua fala como se falasse por todo um grupo, com o qual se relaciona.

Neves (2011) apresenta alguns exemplos. Vejamos:

Na verdade nós adoramos as mulheres, desde que sejam belas, inteligentes e... inseguras.

De vez enquanto... nós, adultos, fazemos coisas que criança não faz.<sup>5</sup> (AM.)

Ainda existe o caso extremamente comum em que o nós é para referenciar-se a uma comunidade ou empresa ao qual possui estreita ligação. Exemplo: "nós somos a maior fornecedora comercial do mundo." 6(OUI).

Na subseção "particularidades do emprego dos pronomes pessoais", Neves (2011, p.469), destaca que "na linguagem coloquial o sintagma nominal a gente, é empregado como um pronome pessoal: para referência à primeira pessoa do plural = nós e para referência genérica incluindo todas as pessoas do discurso". Neves (2011) apresenta os seguintes exemplos:

> Depois a gente conversa. (AGO) Que tal a gente se encontrar lá na beira mar. (AGO) É. Vamos...mais adiante, a gente toma um táxi e... Nessas horas, a gente não pensa em nada, (AFA) (NEVES, 2011. p.469)

A autora também cita outros sintagmas como elementos de referência, mas nenhum deles ocupa as funções de pronome pessoal plural tão bem quanto o sintagma nominal a gente e também não pertence ao domínio popular: o cara, o cidadão, a pessoa.

Lopes (1998, p.1) afirma que a variação entre as formas nós e a gente, na função de 1<sup>a</sup> pessoa do plural, é de uso frequente na fala dos brasileiros, porém a gramática normativa não trata dessa variação. A falta de abordagem das formas inovadoras amplamente utilizadas na fala coloquial é alvo de crítica por parte dos estudos linguísticos recentes, principalmente os que são direcionados pelos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, do Funcionalismo e do Sociofuncionalismo.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> NEVES, 2011, p.460-461

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> NEVES, 2011, p.461

Desse modo, esses estudos dão ampla relevância às formas inovadoras utilizadas em momentos menos tensos e em situações informais de fala e escrita, como *você* e *a gente*. Lopes (1998) afirma:

Com relação à forma *a gente*, as gramáticas não apresentam uma posição coerente e única. A classificação é, em geral, controvertida, pois ora consideram *a gente* como pronome pessoal, ora como forma de tratamento, ou ainda como pronome indefinido, comentando-o apenas em notas ou observações de rodapé. (LOPES, 1998, p.02).

Uma questão interessante levantada pelos linguistas modernos diz respeito à noção de pluralidade dos pronomes. A noção de pluralidade, como é entendida pela gramática tradicional, não dá conta das várias funções atribuídas ao pronome *nós*, tampouco ao SN *a gente*. A gramática tradicional concebe como plural a noção de agrupamento de elementos da mesma natureza, entretanto, não é o que ocorre com as formas variantes *nós/ a gente*, pois ambas agregam em si muitas formas de pluralidade. Sendo assim, em relação à variante *a gente* temos: *a gente*= eu, *a gente*= eu+você (s), *a gente*= eu+ele (a), eles (as), *a gente*= eu+todos, de forma indeterminada e generalizada.

Essa noção de pluralidade das variantes *nós /a gente* pode ocorrer de duas formas, a saber:

(i) com referência a duas ou mais pessoas envolvidas na produção do discurso que dividem a mesma posição e comungam da mesma natureza:

Exemplo: "Proponho que a gente se detenha a partir de agora em cada um dos principais problemas detectados". (BAGNO, 2010 p.132).

(ii) com referência a duas ou mais pessoas que ocupam posições distintas no momento da produção do discurso:

Exemplo: "Desde então a gente têm si dado bem".  $(AMO)^7$ .

(iii) com referência indeterminada, pois, no momento da produção do discurso, a referência se volta para inúmeras pessoas distintas ao mesmo tempo. Torna-se então genérico chegando ao ponto de indeterminar seu referente:

Exemplo: "A gente morre é para provar que viveu." (Guimarães Rosa).

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Iniciais da estudante/Informante.

O navegar das correntes teóricas modernas nos sugere um novo horizonte no qual vislumbramos outras direções. Assim, temos alguns professores que experimentam novas concepções de ensino, como o ensino da língua através do texto e seus diversos gêneros. Contudo, esses mesmos professores se colocam em uma situação de crítica, pois se desviam dos modelos tradicionais prescritos, tidos pelos gramáticos tradicionais como a única direção ao ensino da língua.

Os linguistas, sobretudo do polo funcionalista, advertem-nos de que devemos conceber as regras de uma língua como regras maleáveis que permitem a evolução da língua no seu caldeirão efervescente. E, nesse sentido, o texto é o lugar onde essas regras se apresentam flexíveis e direcionadas à principal função linguística que é a interação verbal, seja ela oral ou escrita.

# 3.1.7 O uso de *nós* e do *a gente* nos livros didáticos

Como uma reação às abordagens do polo formalista, que concebem a língua como um sistema fixo, imutável, as abordagens do polo funcionalista voltam a atenção para possibilidades de empregos e funções variadas das estruturas linguísticas. Nessa perspectiva, importante é a observação, análise e reflexão sobre a língua imbuída de seus aspectos linguísticos, contextos sociais e as variações que ocorrem. Bagno (2010, p.09) afirma que "[...] as novas concepções do ensino de língua materno propõem como seu objeto a língua em uso, a partir de textos autênticos (falados ou escritos). Consubstanciados nos muitos gêneros textuais que circulam na sociedade." Compreendemos assim que essas novas concepções propõem que se estude e ensine a língua viva, contextualizada, real e utilizada por uma comunidade. Nesse aspecto, os textos, tanto escritos quanto orais, em seus variados gêneros, constituem-se em elementos fundamentais para as análises e estudos da língua, e os LD's são importantes recursos utilizados por professores e alunos. Bagno (2010) diz:

O ensino da língua não pode vir desvinculado do desdobramento, em sala de aula, do rico panorama linguístico brasileiro nem, muito menos, apoiado em atitudes de discriminação e humilhação dos falantes das variedades de menor (ou nenhum) prestígio social. (BAGNO, 2010 p.09).

Porém, os Livros Didáticos, em sua maioria, não contemplam as variações linguísticas do PB e não lançam ideias que agucem o olhar dos professores e estudantes em relação ao aspecto da variação linguística. Essa postura abre espaço para atitudes de preconceito em

relação à variedade linguística utilizada por determinado falante. No âmbito escolar, não se desenvolve um trabalho efetivo e sistematizado em relação às variações linguísticas, fato que tem prejudicado o ensino da língua.

Destarte, o ensino do PB, na maior parte das escolas brasileiras, pauta-se na busca do padrão almejado de uma língua, contudo esse padrão considerado socialmente privilegiado foi estabelecido historicamente há séculos. A gramática dessa língua surgiu a um tempo passado, e não acompanhou as mudanças linguísticas ocorridas durante esse tempo. É, nessa situação, que nós professores fomos formados e é difícil ensinarmos em uma perspectiva diferente daquele modelo que aprendemos.

Bagno (2010), em um estudo realizado sobre conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português, aprovados pelo programa PNLD na edição de 2008 para dar suporte ao ensino da língua portuguesa no Brasil, faz preciosas observações quanto ao aspecto da variação linguística e sua contemplação ou não nos livros didáticos adotados. Para o autor,

[...] nos livros didáticos analisados, a variação linguística é objeto de discussão e reflexão. No entanto, na maioria das coleções, a abordagem da variação linguística se faz ainda de modo extremamente problemático, sobretudo pela falta de um consistente embasamento teórico nos postulados mais avançados da sociolinguística [...]. (BAGNO, 2010, p.10).

Vemos, nessa citação, que o problema provavelmente reside na forma com a qual os livros didáticos trabalham o fenômeno da variação. Muitas vezes sem uma devida reflexão, contextualização e confrontamento com a tradição gramatical.

Tal qual o quadro pronominal apresentado nesta dissertação, os livros didáticos pesquisados apresentam o mesmo modelo. Eles não apresentam o SN *a gente* como pronome pessoal e, na maioria deles, não há sequer uma referência. Sabemos que a questão é extremamente complexa, pois uma mudança no quadro pronominal tradicional que inclua as variantes inovadoras estabelecerá uma reorganização pronominal que influenciará mudanças em outros aspectos da língua, como bem pontua Castilho (2002):

A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. (CASTILHO, 2002 p. 477)

Vemos nessa citação, a complexidade presente na organização tradicional à qual não corresponde à língua em uso e prevê que a reorganização do quadro pronominal do PB é e

será extremamente complexo, pois já tem implicado alterações em outras classes gramaticais e aspectos linguísticos.

São muitas as mudanças dentro da estrutura da Língua Portuguesa. Não é simplesmente escolher entre pronomes ou outra expressão no lugar do pronome, pois há toda uma reformulação do enunciado em seus aspectos linguísticos e gramaticais. O senso comum dos falantes brasileiros pode até considerar as formas *nós/a gente* como sinônimos, no entanto, não é tão simples essa questão. A escolha por uma expressão ou outra é condicionada por fatores que provocam as variações como: norma padrão ou norma popular; classe social baixa ou classe social alta; expressão mais privilegiada ou expressão menos privilegiada; modalidade escrita ou modalidade oral; emprego por homens ou mulheres; adolescentes ou adultos, entre outras.

Nos livros didáticos pesquisados, notamos que o SN *a gente* é considerado como uma expressão exclusiva da fala, já que não falamos e escrevemos da mesma forma, justificando assim a escolha na oralidade por *a gente* ao invés de *nós* e a ausência dessa variante nesses livros. Observamos que o ensino da gramática tradicional é comum nos livros didáticos, embora pareça que os autores desejam realizar o ensino das normas gramaticais de uma forma mais leve, (se que isso é possível). Notamos também o grande interesse dos autores ao explicitar a norma culta da língua em diversos textos clássicos, sem chamar a atenção para as questões das variações linguísticas.

# Bagno (2010) afirma que

[...] a maioria dos livros didáticos, mesmo os aprovados no PNLD, revelam um notável desequilíbrio interno: de um lado, apresentam boas coletâneas de textos para o aprendizado da leitura e interessantes propostas de produção de textos, com metodologia adequada e suporte teórico valioso para o eixo leitura/escrita; do outro, porém ainda se apegam em demasia aos moldes convencionais do "ensino da gramática" (BAGNO, 2010 p.11)

Corroboramos com essa citação, pois, analisando alguns livros didáticos que orientam os trabalhos dos professores de Língua Portuguesa, percebemos que há obras de qualidade, contudo continuam abordando as normas gramaticais com toda ênfase. Muitos dos livros didáticos separam as seções: em uma parte trazem leitura, produção e interpretação de textos e em outras partes abordam exercícios de conceitos e normas gramaticais.

Para fins desta dissertação, escolhemos alguns livros didáticos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental, no total de (06) coleções<sup>8</sup> aprovadas pelo PNLD e adotadas pelas escolas públicas, a saber:

- (i) Coleção **Novo Diálogo**. (BELTRÃO e GORDILHO, 2006).
- (ii) Coleção **Oficina de textos**: Leitura e redação. (RICHE e SOUZA, 1999)
- (iii) Coleção **Português: Linguagens**: (CEREJA; MAGALHÃES, 1998)
- (iv) Coleção Encontro e Reencontro. (PRATES, 1998)
- (v) Coleção **Linguagem nova**. (FARACO & MOURA, 2000)
- (vi) Coleção **Singular & Plural**. (BALTHAZAR; FIGUEIREDO; GOULART, 2015).

Ouadro 3 - Coleções didáticas

Nome da Coleção	Livros observados/ cursos		
Coleção Novo diálogo	Toda a coleção – do 6º ao 9º ano		
Coleção Oficina de textos	Toda a coleção – do 6º ao 9º ano		
Coleção Português: Linguagem	Toda a coleção – do 6º ao 9º ano		
Coleção Encontro e Reencontro	Apenas o 8º ano		
Coleção Linguagem nova	Apenas o 7º ano		
Coleção Singular & Plural	Apenas o 7º ano		

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos algumas partes dessas coleções procurando descobrir se as mesmas abordam a respeito das variações da língua e especificamente nosso objeto de estudo.

A coleção **Novo diálogo** é a utilizada na escola na qual a pesquisa para essa dissertação foi empreendida. A professora regente da turma trabalhada afirmou não gostar do livro didático, mas precisava utilizá-lo, pois era o único que havia em quantidade suficiente para todos os alunos da turma. Outro motivo era a falta de recursos para produzir apostilas e a biblioteca dispunha de poucos livros paradidáticos. Toda a coleção Novo diálogo foi observada. Constatamos que ela se organiza em módulos temáticos que se subdividem em trabalho com os textos, interpretação e produção e posteriormente trabalha a gramática. Encontramos nosso objeto de estudo no livro do 6º ano, na parte intitulada "estudos dos pronomes pessoais", que inicia com uma história em quadrinho a qual busca uma reflexão acerca da linguagem utilizada. Nesse momento, na obra é abordado, rapidamente, o conceito de variações linguísticas e apresentado o conceito de pronomes pessoais e o quadro com os pronomes clássicos, referindo-se as pessoas pronominais. Em seguida, são colocados os

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> As referências completas dos LD's encontram-se na seção Referências Bibliográficas dessa dissertação.

pronomes de tratamento, e, em uma parte separada, sem nenhum enunciado, há o início da exposição sobre a linguagem oral e, daí, cita o SN *a gente*. Transcrevemos a pequena explicação: "em situações informais de comunicação oral, o falante emprega a expressão **a gente** em suas construções em vez do pronome pessoal **nós**". (BELTRÃO e GORDILHO, 2006, p.118.) Os autores ainda usam como exemplo uma frase a respeito da história em quadrinho. No livro do 7ºano encontramos um texto no qual o título é "O primeiro amasso *a gente* nunca esquece" (BELTRÃO & GORDILHO 2006, p. 176). Notamos a presença do SN *a gente*, *c*ontudo a presença do SN está relacionada apenas à questão da oralidade.

A coleção **Oficina de textos,** muito utilizada nas aulas de redação, não aborda os pronomes pessoais. Ela traz os outros pronomes, como os relativos e o SN *a gente* aparece em uma tirinha cômica como exemplo, porém explicando a função do pronome relativo *que*. Notamos assim que a coleção explora bastante as figuras de linguagem, o texto, interpretação e produção. Contudo não há nenhuma discussão sobre variações linguísticas. A coleção não apresenta o quadro pronominal tradicional, tampouco outro quadro com as variedades inovadoras.

O livro didático 6º ano da coleção **Linguagem nova** traz os pronomes pessoais seguindo o modelo tradicional, de forma descontextualizada e sem reflexão. Após apresentação dos conceitos, trabalha alguns exercícios de reescrita e complementação. A coleção em nenhuma obra traz reflexões sobre variação linguística.

O livro didático 8º ano da coleção **Encontro e Reencontro** segue a mesma tendência dos demais livros didáticos analisados e apresenta os pronomes pessoais seguindo o modelo clássico. Traz leitura de textos, momentos de interpretações e produções textuais. As normas gramaticais permeiam toda a obra. Não há uma relação entre os textos. Toda a coleção não faz nenhuma referência acerca do SN *a gente*.

O livro 7º ano da coleção **Singular & Plural**, inicialmente, nos chama a atenção para a sua estrutura organizacional. Na primeira parte são abordadas leituras e produções de texto, de forma riquíssima. São explorados os gêneros textuais, de forma interdisciplinar, expondo temáticas sociais modernas e questionadoras. Na segunda parte, são abordados conteúdos literários. Trata-se da primeira coleção do 6º ao 9º ano que observamos tratar da Literatura e, principalmente, em uma seção específica. Por fim, a última parte traz as normas gramaticais. Apesar de trabalhar a gramática normativa separada do texto, essa coleção procura ilustrar os exercícios utilizando tirinhas cômicas, histórias em quadrinhos, muitas imagens coloridas e chamadas diretas ao leitor/estudante em uma linguagem coloquial. No entanto, em nenhum momento são abordadas as variações linguísticas, tampouco nosso objeto de estudo.

A coleção **Português: Linguagem** do 6º ao 9º ano, bem conhecida por nós por termos trabalhado com ela muitos anos, apresenta sua estrutura organizacional da seguinte forma: primeiro está dividida em unidades temáticas, depois subdivididas em três capítulos cada unidade. Cada unidade trabalha com um gênero textual. Dentro delas, são abordados estudo de texto com compreensão e interpretação, questões de linguagem e produções textuais. Notamos que, no livro do 6ºano, além desses tópicos, são abordados, na primeira unidade, as variações linguísticas, tipos de linguagem, a língua em uso e suas variantes. A obra explora muitas imagens, tenta ser interativa, porém seu colorido é discreto e não desperta a atenção do público-alvo, as caixas de textos são muito próximas, o que causa um efeito de embaralhado de informações. Esse livro aborda o conceito de pronome identificando-o em poemas e tiras cômicas. O texto leva o estudante a ir construindo esse conceito, para só depois trazer o conceito clássico. No continuar do trabalho, são apresentados alguns exercícios, e assim, começa a classificação dos pronomes chamando atenção para as pessoas do discurso. Por fim, os autores apresentam o quadro dos pronomes pessoais seguindo o modelo tradicional e aborda os pronomes de tratamento. A forma variante "você" é citada nesse momento, porém desvinculada tanto do quadro dos pronomes pessoais, quanto do quadro dos pronomes de tratamento. Observamos que não há menção da forma variante "a gente". Vemos, contudo um exercício de fixação final no qual há uma questão onde aparece o SN em análise. Transcrevemos a atividade a seguir:

"Você certamente já ouviu aquela música do grupo Ultraje a Rigor que diz:

A gente não sabemos escolher presidente

A gente não sabemos tomar conta da gente

A gente somos inútil

De uma forma bem-humorada, o grupo retrata um problema gramatical muito frequente na linguagem popular: o uso da expressão "a gente" (3ª pessoa do singular) com o verbo na 1ª pessoa do plural (sabemos/somos).

Dê outras redações a esses versos, de modo que eles fiquem de acordo com a língua culta". (CEREJA e MAGALHÃES, 1998, p. 142)

Constatamos que as coleções e os livros didáticos observados, em sua maioria, não abordam o conceito de variação linguística, por isso não encontramos nosso objeto de estudo em alguns e, em outros, encontramos citações inexpressivas que não registram nenhuma importância para o fenômeno. Recorremos, então, a uma afirmação de Bagno (2010) onde encontramos uma síntese da avaliação realizada por ele nos livros didáticos e que compartilha do entendimento que obtivemos ao observar as obras mencionadas por nós:

[...] quero sempre deixar claro que o resultado – essencialmente negativo- da avaliação que faço do tratamento dos conhecimentos linguísticos na maioria das coleções investigadas se aplica ao conjunto da amostra vista como um corpus bastante representativo do que (ainda) é o ensino do português nas escolas brasileiras. (BAGNO, 2010, p.13)

Sabemos que a Sociolinguística, o Funcionalismo e o Sociofuncionalismo têm contribuído para o entendimento de que o ensino precisa ser redirecionado para as reais necessidades dos usuários da língua e que a língua em uso, real, utilizada por seus falantes deve também ser estudada. Porém, ocorre que em nossa formação ainda não estudamos os postulados teóricos dessas correntes conforme deveríamos. Temos ainda uma formação pautada no estudo tradicional da língua no qual valorizamos mais as regras, os conceitos, as nomenclaturas e classificações arcaizantes que em nada interagem com a língua em uso. A escola, os pais e, até mesmo, os estudantes aguardam o ensino da gramática, como se este fosse o real aprendizado da língua. Assim, torna-se difícil, muitas vezes, trabalhar com nossos estudantes de uma forma diferente daquela em que aprendemos e que nossa sociedade julga a única forma de aprender a língua.

Acreditamos que, nesse aspecto, reside um grande desafio no intuito de superar nossos bloqueios, tradições institucionais e nos voltarmos para o que é muito importante: a descrição do uso com o propósito de instrumentalizar nossos educandos com conhecimento a respeito das variações linguísticas e seu uso de forma adequada socialmente. Mesmo não tendo uma formação apropriada, tampouco recursos apropriados, como os livros didáticos. Temos consciência do que realmente é importante no ensino da língua. Cabe a cada um, a todos nós, a busca por conhecimentos teóricos linguísticos que possam orientar nosso desempenho profissional em direção a um ensino eficaz.

É nossa função esclarecer aos nossos estudantes a respeito do que seja uma gramática normativa e fazê-los compreender sua função dentro dos livros didáticos. Também precisamos esclarecê-los em relação às variedades da língua, a fim de evitarmos o preconceito linguístico dentro das nossas escolas e apresentarmos a eles, assim, a variedade culta para que eles possam empregar a forma que desejar, porém sabendo adequá-la à situação comunicativa que, às vezes, requer uma variedade coloquial.

Os estudantes precisam compreender que a língua é flexível, adaptável e que eles têm a necessidade de saber escolher as palavras com as quais se comunicam, levando em consideração os aspectos sociais que o circulam no momento do processo interacional.

# 4 A CARTA NÁUTICA: METODOLOGIA



# 4.1 METODOLOGIA

Sabemos que a variedade da língua prestigiada é aquela que está prescrita nas gramáticas tradicionais e que o emprego ou não dessa modalidade no dialeto de prestígio, a depender do contexto social, pode se transformar em fator gerador de preconceito e distinção.

Portanto, uma das funções da escola é dotar o estudante do domínio da língua escrita culta, mas, ao lado disso, dotar o estudante, também, de uma reflexão sobre as variedades linguísticas, levando em conta os diversos contextos sociais na qual ela é empregada. Outra função é, a partir da própria fala dos educandos, desenvolver a oralidade e proporcionar conhecimento e reflexão sobre as diversas variações linguísticas dentro dessa modalidade.

Então, partindo desses pressupostos, propomos nesta dissertação, investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos, estão condicionando a escolha das formas *nós/a gente*. Portanto, reafirmamos nossos objetivos específicos: (i) analisar os fatores condicionadores que motivam a escolha das formas variantes *nós/a gente* utilizadas pelos estudantes, em situações de comunicação oral e escrita, à luz da Sociolinguística; (ii) *a*nalisar a função que o SN *a gente* vem desempenhando, à luz do Funcionalismo; (iii) averiguar de que forma a variação do pronome *nós* e do SN *a gente* é avaliada por informantes que dela fazem uso, e (iv) elaborar proposta de intervenção didático-pedagógica por meio da exploração de músicas a partir do resultado da pesquisa, à luz do Sociofuncionalismo.

Portanto, tendo em vista a natureza deste trabalho, optamos pela pesquisa-ação estratégica que visa à transformação da práxis. Esse tipo de pesquisa é previamente planejado, contudo não conta com a participação dos envolvidos nesse planejamento, somente o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação. Segundo Franco (2005),

a pesquisa-ação, estruturada dentro de seus princípios geradores, é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática. (FRANCO, 2005. p.489)

Escolhemos a pesquisa-ação como metodologia para o desenvolvimento deste trabalho, pois a mesma visa ajudar os professores na resolução dos problemas em sala de aula, na interpretação das pesquisas em educação, no desenvolvimento de programas escolares, na avaliação e na maior compreensão das formas de abordagens dos problemas, políticos e sociais concernentes à educação. A pesquisa-ação pode e deve funcionar como uma metodologia que dá conta de novas produções de conhecimentos voltados para a área da educação, como também formar pesquisadores críticos e reflexivos.

A dimensão metodológica da pesquisa-ação possui princípios tais como: rejeição a concepções positivistas; rejeição à pressa, assim a prática social se constitui no direcionamento a ser seguido para a construção do conhecimento. Dessa forma, o

conhecimento se constrói nas múltiplas relações, na dialética. A pesquisa-ação deve ser realizada no universo da pesquisa e deve contemplar flexibilidade de ações e planejamento. Ela deve contemplar em primeiríssimo lugar o conceito de espiral, no qual uma ação dá significação à outra que se ressignifica, realizando outra prática de forma cada vez mais adequada às necessidades sociais (LAKATOS, MARCONI, 2009).

O conceito de espiral se refere à ação-prática-reflexão-ação-avaliação, continuidade, desenvolvimento e evolução da práxis. Tendo em vista tais características, vimos que esse constitui o melhor método para a realização/orientação do que propomos.

## 4.1.1 Método

Escolhemos como procedimento de trabalho o método dialético, pois entendemos que esse método, voltado para a pesquisa qualitativa, será mais viável à nossa pesquisa. Ele é um método subjetivo, pois está sujeito à percepção do pesquisador. Além disso, o problema analisado não poderia ser pesquisado, sem levar em consideração as interferências de ordem social, política, econômica e psicológica. Trata-se de um método que se atem aos fatos, contudo imbuídos de contextualização.

Nesse método, as variáveis, os fenômenos, teorias e prática, enfim, nada é puro, isolado, tudo está integrado. Lakatos e Marconi (2009) afirmam que o método dialético possui leis que regem esse método. São elas:

- a) ação recíproca, unidade polar ou "tudo se relaciona";
- b) mudança dialética, negação da negação ou "tudo se transforma";
- c) passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa;
- d) interpretação dos contrários, contradição ou luta dos contrários.
- (LAKATOS, MARCONI 2009, p.100).

Vemos no exposto que o método eleito para desenvolvimento da nossa dissertação possui quatro leis que fundamentam os estudos. Uma delas é a lei da dialogicidade, a qual explica que toda relação pressupõe uma mudança, nada permanece estático ao entrar em contato com o outro. As mudanças que virão a ocorrer por meio das intervenções são de caráter qualitativo. Outra lei é a de interpretação dos contrários que, para ela, o real, o contexto, a objetividade e o sujeito são permeados de subjetividade.

# 4.1.2 Localização da pesquisa

Nesta subseção, a fim de melhor compreendermos como foi empreendida a pesquisa, faremos uma breve apresentação da cidade onde foi realizado o estudo.

Eunápolis, uma cidade localizada no sul da Bahia, situada às margens da BR 101, constitui-se em importante rota de acesso para a cidade litorânea e turística de Porto Seguro. A principal atividade econômica da cidade é o comércio. No entanto, existem também atividades secundárias que contribuem para a economia local, como a pecuária bovina e a agricultura de milho, café e mamão. O extrativismo vegetal é explorado através de uma das maiores empresas de produção de celulose do país, a VERACEL CELULOSE. Depois da instalação dessa empresa na região, houve um visível crescimento. Muitas outras empresas chegaram e/ou foram abertas para dar suporte ao trabalho da VERACEL. Essas empresas atraíram muitas famílias de outras cidades até mesmo de outras regiões, aumentando assim a população da cidade e paralelamente os índices de violência.

Eunápolis é considerada uma das piores cidades da Bahia e do Brasil para um jovem viver de acordo com pesquisa realizada pelo UNICEF<sup>9</sup> e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ONG que se dedica à questão da violência e que analisou indicadores de educação, emprego, desigualdade e mortes violentas na população de 12 a 29 anos dos 283 municípios com mais de 100.000 habitantes. De acordo com esse estudo, a cidade de Eunápolis em 2010, com uma população de 102.000 habitantes, registrou o maior índice de homicídios de jovens. Além de a cidade não possuir nenhuma política de combate a esse problema, não possui centros esportivos, recreativos e faculdades públicas que possam ajudar na formação dos adolescentes e jovens, a fim de que os mesmos não fiquem vulneráveis às ações das facções criminosas.

Apresentamos o mapa da região sul do Estado da Bahia onde se localiza o lugar onde foi realizada a pesquisa:

Pesquisa do UNICEF. Disponível em < <a href="http://www.unicef.org/brazil/pt/br">http://www.unicef.org/brazil/pt/br</a> IHA2012.pd> Acesso em: 08 out 2016.



Figura 2 - Mapa da Costa do descobrimento - localização da cidade de Eunápolis/BA

Fonte: Disponível em: <

https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKE wiU4ZTh-> Acesso em: 08 jul 2016

Todos os estudantes participantes da nossa pesquisa pertencem à mesma comunidade. Todos são naturais da cidade de Eunápolis. Os constituintes da nossa comunidade de fala são, portanto, moradores de uma cidade de médio porte, residem em comunidade urbana, possuem classe social baixa e estudam em escola pública. Portanto, não poderemos fazer uma análise entre as variáveis: rural x urbana, cidade grande x cidade pequena e litorânea x interiorana, já que, em relação ao último aspecto, a cidade é a porta de entrada para a cidade litorânea turística e a região histórica (berço do descobrimento) e seus moradores possuem uma estreita relação com a mesma, em um ir e vir constante e comum a todos.

## 4.1.2.1 Descrição da comunidade pesquisada

Dentre as mais de trinta escolas do município, escolhemos a escola Municipal Gabriel José Pereira para realização da nossa pesquisa. Essa escola está localizada no bairro de classe média baixa – Centauro e apesar disso, seus estudantes são provenientes de bairros de classe baixa e distantes. Para observamos as ocorrências do nosso objeto de estudo, decidimos escolher a escola na qual a pesquisadora foi nomeada como professora. A pesquisa foi realizada especificamente uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, composta de vinte e sete estudantes, que estão situados dentro da faixa etária de 13 a 18 anos e possuem

características próprias à adolescência, jovens repletos de energia, vitalidade e irreverência. Apresentamos abaixo, uma foto da escola:



Figura 3 – Fotografia da Escola Municipal Gabriel José Pereira

Fonte: autora

Observamos que a escola, embora seja caracterizada como de grande porte, não possui boa estrutura física e ambiental. Não possui biblioteca nem laboratórios e, somente recentemente, passou a dispor de uma quadra esportiva nas proximidades. O corpo docente é formado por professores graduados, mas, infelizmente, não contam com recursos tecnológicos para trabalhar em sala de aula. Até mesmo os materiais pedagógicos mais simples e essenciais são escassos na instituição. Apesar dos problemas que a escola possui, a instituição tem um ambiente agradável para docentes e discentes.

A docente dessa turma pertence ao quadro efetivo do magistério municipal e trata-se de uma professora experiente. Ela leciona nessa escola há muitos anos e é considerada uma ótima professora pelos alunos. A mesma concluiu um mestrado voltado à Educação Prisional. Consideramos ser ela, uma profissional "modelo", pois apresenta uma prática dinâmica no planejamento de suas atividades pedagógicas buscando tornar as aulas interessantes aos alunos e demonstra real interesse e motivação pelo aprendizado de seus educandos.

A docente aprovou todas as atividades desenvolvidas pela pesquisadora, inclusive as atividades planejadas na proposta de intervenção pedagógica, e colaborou solicitando todos os materiais utilizados durante os trabalhos na escola.

# 4.1.3 Procedimentos metodológicos

A partir de agora, falaremos minunciosamente a respeito dos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Esses procedimentos são orientados por pressupostos da Teoria Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo, resultando em uma abordagem Sociofuncionalista, o que acreditamos ser a melhor orientação para a pesquisa que propomos, por levar em conta tanto aspectos linguísticos e extralinguísticos, formais e funcionais no que se refere ao nosso objeto de estudo.

Para efetivação dessa pesquisa que gerou a presente dissertação, foram realizados alguns procedimentos metodológicos, com o objetivo de dar cientificidade ao trabalho ao qual foi empreendido. Para tanto, as etapas da pesquisa pensadas para esse projeto foram definidas em: delimitação e explicitação do *corpus*; descrição minuciosa do local; detalhamento dos procedimentos; recolhimento de dados; análise dos dados; e intervenção pedagógica.

#### 4.1.3.1 Recolhimentos dos dados

O corpus deste trabalho foi composto a partir do recolhimento dos dados emitidos por 27 (vinte e sete) estudantes de uma turma do 9° ano do Ensino Fundamental, a saber: (i) preenchimento de questionário social; (ii) diálogo em grupo; (iii) debate e reflexão sobre os temas: Violência contra a mulher e crianças de rua, a partir da análise de letras de músicas brasileiras, cartazes, folders e dados estatísticos; (iv) exposição oral, sistematização do entendimento; (v) produções textuais escritas; (v) narrativas orais gravadas individualmente; e (vi) aplicação de teste de avaliação social das variantes dependentes.

Assim, iniciamos os trabalhos na escola e, com o propósito de desenvolvermos antes um momento de aproximação a fim de estabelecemos um diagnóstico da realidade do mesmo, foi aplicado um projeto piloto, que consta dos seguintes passos: (i) apresentação pessoal e da proposta à docente da turma escolhida; (ii) observação da rotina da sala de aula nas situações de comunicação orais formais e informais e; (iii) participação nas atividades da turma.

Após esse período, a pesquisadora solicitou o consentimento da professora regente para desenvolver as atividades planejadas por um período de aproximadamente duas semanas. Nesses momentos, foi aplicado o teste de avaliação social das variantes e foram recolhidos os dados, tanto escritos, quanto orais, que compuseram o *corpus* desta dissertação.

# 4.1.3.2 Detalhamento dos procedimentos: desenvolvendo o projeto

Iniciamos os trabalhos aplicando o projeto piloto 10 descrito com o objetivo de fazer um diagnóstico da realidade do universo que seria pesquisado e coletar dados para análise do objeto de estudo. Para tanto, seguimos os seguintes passos: inicialmente, apresentamo-nos aos estudantes, esclarecendo sobre o projeto e solicitando a participação ativa deles. Depois aplicamos o questionário social composto de perguntas abertas e fechadas e, em seguida, explicamos acerca dos demais documentos obrigatórios para a pesquisa. Retornamos em outro dia e trabalhamos a música "Violência Doméstica" do grupo "Caçadores da trilha sonora" 11 a qual abordou o tema sobre violência doméstica e fizemos a relação como uma possível causa para o problema de crianças nas ruas. Após ouvirmos a música, iniciamos o diálogo com a turma sobre o tema, explorando a oralidade de modo informal. Em seguida, apresentamos cartazes e dados para reforçar a discussão sobre o tema. Em um terceiro momento, solicitamos aos estudantes produções textuais, nas quais eles expuseram suas ideias sobre o tema e, por fim, realizamos entrevistas com todos os estudantes/participantes para apreensão da oralidade por meio de narrativas.

Após esse período, foi aplicado aos professores de Língua Portuguesa da escola e aos estudantes participantes deste trabalho um teste de avaliação social<sup>12</sup> a respeito do uso de *nós* e *a gente*, para compararmos com os dados das ocorrências orais e escritas que levantamos a fim de verificarmos se o que os participantes dizem que empregam teoricamente corresponde realmente às formas utilizadas por eles na prática.

Terminada a aplicação do projeto piloto, retornamos a navegar para descrever os fatores sociais que condicionam as escolhas lexicais e as variáveis linguísticas que influenciam a maneira de falar e escrever dos educandos e, também dentro destas, analisar nosso objeto de estudo *nós* e *a gente*, com base nos textos orais e escritos produzidos pelos estudantes.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Com o objetivo de uma melhor visualização dos procedimentos, inserimos o plano do projeto piloto executado. (Cf. Apêndice 01)

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Textos suportes utilizados. (Cf. Anexos 01- 05)

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Cf. Apêndice 04.

## 4.2 FATORES CONDICIONADORES

Chegamos então ao porto dos fatores sociais condicionadores. Muitos são os fatores sociais que influenciam o falante no momento da seleção de palavras e construções textuais. No momento de uma real vivência comunicativa e interacional, a depender do contexto situacional, as pessoas precisarão envolver mais itens lexicais, selecionando aqueles que em seu cabedal de conhecimento julgar mais adequados e que pertencerem ao seu repertório linguístico, acionando assim, mais energia no complexo processamento cognitivo para monitorar mais sua fala ou sua escrita, pois entram em cena neste momento alguns fatores que condicionam suas escolhas lexicais. São alguns desses fatores que observamos nos dados colhidos para nossa pesquisa, a saber: a faixa etária dos participantes, a localidade geográfica de moradia e estudo, o nível de escolaridade, a valoração e a marca de identidade do grupo, o nível social e as condições de vida.

#### 4.2.1 Faixa etária

A **faixa etária** dos estudantes selecionados para nossa pesquisa está dentro do mesmo grupo. São adolescentes<sup>13</sup> de 14 a 18 anos, sendo 17 (dezessete) participantes com idade de 14 anos; 04 (quatro) participantes com a idade de 15 anos; 04 (quatro) participantes com idade de 16 anos; 01(um) participante com idade de 17 anos; e (1) um participante com idade de 18 anos. Assim, não podemos realizar uma análise comparativa entre faixa etária, todavia, reconhecemos a importância desse fator.

Observamos que, essa faixa etária a qual pesquisamos, utiliza de forma muito recorrente o SN *a gente*, certamente, por essa variante estar mais exposta pela influência da mídia, de novas formas de comunicação e interação, tanto na velocidade de veiculação e propagação, quanto na intensidade de conteúdos. Sendo assim, juntamente com o desenvolvimento tecnológico, midiático e global, os adolescentes e jovens absorvem mais as inovações linguísticas do que as demais faixas etárias.

Para uma melhor visualização dos nossos informantes, observemos o Quadro 04:

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup>LEI N.º 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Art. 2.º Considera-se [...] adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade. ECA – Estatuto da criança e do adolescente.

Quantidade Idade Quantidade Sexo Idade Sexo 14 anos 10 14 anos 07 03 01 15 anos 15 anos Masculino Feminino 02 02 16 anos 16 anos 18 anos 01 17 anos 01

Quadro 4 - Distribuição por faixa etária e sexo dos participantes

Fonte: elaborado pela autora.

## 4.2.2 Escolarização

Quanto à **escolarização**, também não há comparação entre os dados recolhidos, pois trata apenas da observação e da análise dos dados em um mesmo nível de escolaridade, fechamento do ciclo educacional do Ensino Fundamental. Observamos se a pesquisa que empreendemos segue a tendência das demais pesquisas já feitas, as quais concluem que os falantes com nível de escolaridade Fundamental I e médio utilizam mais o SN *a gente* em suas produções. Sobre isso, Lopes e Vianna (2015) citam que:

Tendo em vista a escolaridade dos informantes, os resultados mantêm-se, com maior produtividade de *a gente* no 1° ciclo do ensino fundamental e no ensino médio. Visto que a forma inovadora não é estigmatizada na língua falada, não há influência do fator escolarização no sentido de barrar esse uso. (LOPES; VIANNA, 2015, p. 113).

## 4.2.3 Valoração e marca de identidade

Também analisamos a questão da valoração e da marca de identidade.

O uso do SN *a gente* em substituição ao pronome *nós* remete-nos a um valor mais proximal. O SN *a gente* sugere um envolvimento, uma maior cumplicidade, um sentimento de pertença a um grupo, definindo então uma marca de identidade.

O valor conferido ao SN *a gente*, apesar de não ser estigmatizado pela escola e alcançar alto índice de uso no falar dos mais escolarizados, ainda não é reconhecido nas gramáticas tradicionais. Talvez seja esse um dos fatores que impulsiona a variação, pois, justamente, a substituição do pronome *nós* pelo SN *a gente* parece obter sua força, através do uso pelos mais jovens e menos escolarizados.

São esses os grupos que preferem as formas consideradas inovadoras e, até mesmo estigmatizadas, sugerindo assim que os mais jovens e menos escolarizados sentem-se mais livres socialmente para fazer suas escolhas, sem pressões das estruturas linguísticas mais

formais, possivelmente por rebeldia ou desconhecimento das imposições sociais. Essa postura assumida por esses grupos influencia os demais grupos da sociedade, configurando uma mudança que começa com os mais jovens e menos escolarizados e que alcança os mais velhos e mais escolarizados, em um movimento ascendente.

Desse modo, para melhor compreensão acerca da vivência dos nossos participantes e entendimento desse ciclo que corrobora com a mudança ou variação linguística, apresentaremos a seguir uma breve análise sobre as condições de vida e o nível social dos estudantes/participantes da nossa pesquisa.

# 4.2.4 Nível Social e condições de vida familiar

Nossos estudantes/participantes, em relação à separação de classe social, encontram-se no nível social baixo, pois analisando o questionário social respondido por eles, obtivemos alguns dados dos quais depreendemos esse fato. Quase todos os alunos sempre estudaram em escola pública. Em relação à renda familiar, dezoito (18) estudantes afirmaram possuir renda familiar de até dois salários mínimos por família; cinco (05) estudantes possuem renda familiar de 3 a 5 salários mínimos; e quatro (04) estudantes possuem renda familiar acima de 05 salários mínimos. Em relação à moradia, vinte (20) participantes residem em casa própria; cinco (05) residem em casa alugada; um (01) reside em casa cedida; e um não informou. A seguir temos um quadro que apresenta a distribuição da renda familiar dos participantes:

**Quadro 5** - Distribuição de renda familiar mensal dos participantes

Renda familiar mensal	Participantes	% em relação ao total
De 01 a 02 salários min.	18	65%
De 03 a 05 salários min.	04	17%
+ de 05 salários mínimos	05	18%

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto à **escolaridade dos genitores** dos participantes, constatamos que um (1) dos pais nunca estudou; seis (6) pais e mães têm o Ensino Fundamental incompleto; quatro (4) pais e oito (8) mães têm Ensino Fundamental completo; onze (11) pais e oito (8) mães têm o Ensino médio completo; um (1) pai e três (3) mães têm Ensino Superior; e seis (6) pais/mães não informaram a escolaridade.

Apresentamos o quadro com a escolaridade dos genitores:

Quadro 6 - Escolaridade dos genitores

Genitor	Escolaridade	Quantidade	Genitor	Escolaridade	Quantidade
	E.F.incompleto	06		E.F.incompleto	06
Pai	E.F. completo	04	Mãe	E.F. completo	08
Fai	E.M.completo	11	Mae	E.M.completo	08
	E.Superior 01			E.Superior	03
	Não informado	04		Não informado	02

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à **vida profissional dos genitores**, averiguamos as seguintes profissões dos pais: quatro (4) comerciantes, três (03) motoristas, um (01) policial, oito (08) trabalhadores da construção civil, dois (02) empregados em empresas, um (01) corretor de imóveis, dois (02) trabalhadores rurais e quatro (04) vendedores no comércio. Já em relação às mães constatamos: uma (01) cantora gospel, cinco (05) donas de casa, uma (01) funcionária pública, cinco (05) empregadas em empresas, sete (07) empregadas domésticas, uma (01) professora de nível superior, cinco (05) vendedoras no comércio e uma (01) manicure, como indica o quadro 07:

Quadro 7 - Profissões/ocupações dos genitores

Genitor	Profissão/ocupação	QT.	Genitor	Profissão/ocupação	QT.
	Comerciantes	04		Cantora gospel	01
	Motoristas	03		Donas de casa	05
	Policial nível sup.	01		Funcionária pública	01
<b>.</b>	Construção civil	08	3.6%	Empregadas empresa	05
Pai	Empregados empresas	02	Mãe	Empregada doméstica	07
	Corretor imóveis	01		Professora nível. Superior	01
	Trabalhadores rurais	02		Vendedora comércio	05
	Vendedor comércio	04		Manicure	01

Fonte: elaborado pela autora.

Portanto, diante dos dados averiguados percebemos que a maioria dos participantes da pesquisa encontra-se situados no nível social baixo, contudo são adolescentes que não passam por privação de condições essencialmente básicas à vida, como alimentação, moradia e vestuário.

Fizemos esse percurso com o propósito de situarmos socialmente os participantes desta pesquisa para que, feito isso, possamos introduzir as variáveis linguísticas (dependentes e independentes) e variáveis extralinguísticas (sociais) as quais serão estudadas.

# 4.3 VARIÁVEL DEPENDENTE, VARIÁVEIS INDEPENDENTES E A ANÁLISE DOS DADOS

Após apresentarmos a metodologia e o método escolhido para esta dissertação, passamos a descrever os passos metodológicos começando pela descrição geográfica da região e da cidade onde se localiza a escola, delimitação e explicitação do *corpus*, *c*oleta dos dados e como se deu o projeto piloto, apresentamos também os fatores condicionadores: faixa etária, escolarização, valoração e marca de identidade do grupo; trouxemos também o nível social e condições de vida familiar dos estudantes.

A partir de agora, falaremos a respeito da variável dependente eleita para nosso objeto de estudo e das variáveis independentes linguísticas que condicionam a escolha por uma ou outra variante e, por fim, a variável independente extralinguística. Após apresentação das variáveis, indicamos um quadro com os dados obtidos da turma dos estudantes participantes, discutimos os resultados em números absolutos e percentuais e ilustramos isso com um gráfico para visualização geral das escolhas; bem como uma análise dos resultados probabilísticos obtidos através do uso do programa estatístico.

Vamos às variáveis e à análise dos dados.

# 4.3.1 - Variável dependente

Em toda língua ocorrem variações e podem ser em vários aspectos de sua estrutura. A variação é reconhecidamente uma característica intrínseca às línguas. O falante diante das opções que tem em seu repertório linguístico faz escolhas das palavras que deseja empregar e das construções frasais com as quais quer se comunicar, com o objetivo de expressar-se melhor, buscando a certeza de que seu interlocutor o compreendeu.

Na literatura sociolinguística, há a afirmação de que o objetivo da pesquisa desta corrente linguística é o de identificar casos de variação na língua e explicar como e por que as variações existem. Assim, um dos princípios que regem a pesquisa de caráter Sociolinguística Laboviana consiste na eleição de variáveis, classificadas em dependentes e independentes. No caso do nosso objeto de estudo, trata-se da variável linguística dependente da 1ª pessoa pronominal plural.

Dos dados orais gravados através da pesquisa realizada na turma do 9º ano do Ensino Fundamental de escola pública em Eunápolis, encontramos o total de 106 (cento e seis) ocorrências de Primeira Pessoal Pronominal Plural, sendo que 9,4% dos estudantes usaram o

pronome tradicional *nós* e 90,6% preferiram o SN *a gente*. Esses números nos permitem considerar a grande preferência dos adolescentes participantes pela forma inovadora *a gente* em substituição ao pronome clássico *nós* no momento em que eles se encontram em uma situação mais informal como a oralidade em contexto menos tenso, menos monitorado, no qual o falante se sente à vontade com seu interlocutor e por isso a fala<sup>14</sup> é mais espontânea. O resultado disso pode ser visto no quadro 08 e no gráfico 01:

Quadro 8 - Resultados totais na modalidade oral

NÓS		A GENTE		
Nº DE OCORRÊNCIAS	%	N° DE OCORRÊNCIAS	%	
10/106	9,4%	96/106	90,6%	

Fonte: elaborado pela autora.

Como podemos visualizar no gráfico ilustrativo nº01 a seguir, temos uma enorme diferença entre a variável dependente *nós* e *a gente*:

A GENTE 90,6%

Gráfico 1 - Resultados totais na modalidade oral

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à escrita, encontramos a ocorrência inversa. A quantidade de estudantes que optaram pelo pronome tradicional *nós* foi 94%, número bastante superior à quantidade de alunos que optaram pelo SN *a gente*.

Notamos, assim, que na escrita por suas características que permitem o refazer, o repensar e o planejar em um tempo maior de processamento cognitivo, a forma inovadora *a gente* é menos produtiva, nesse grupo analisado, em detrimento ao uso da forma inovadora. Dessa forma, constatamos que há o favorecimento do uso do pronome tradicional *nós* na

<sup>14</sup> Ressaltamos que foram retirados fragmentos de fala (ora chamados por nós como trechos, excertos) dos discursos dos alunos registrados em uma situação de narrativa.

modalidade escrita, conforme o postulado nas gramáticas tradicionais e trabalhado insistentemente pela escola.

Verifiquemos o Quadro 09:

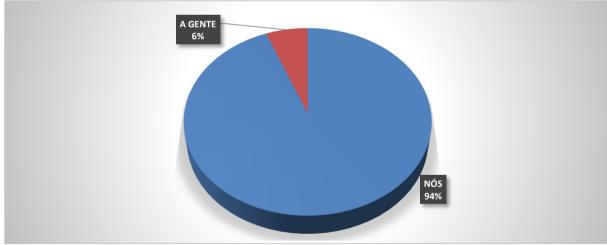
Quadro 9 - Resultados totais na modalidade escrita

NÓS		A GENTE	
Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
78/83	94%	5/83	6%

Fonte: elaborado pela autora.

Visualizamos a destacada inversão existente na relação escrita e fala com a comparação do Gráfico 01 com o Gráfico 02, abaixo: Observamos, ainda, que, mesmo nessa inversão em função da variação diamésica, a porcentagem da preferencial do pronome *nós* é ainda (levemente) superior, na modalidade escrita, à preferência da variante *a gente* na oralidade.

Gráfico 2 - Resultados totais na modalidade escrita



Fonte: elaborado pela autora.

Agora veremos as variáveis independentes linguísticas e a variável independente extralinguística. Para essa abordagem, definimos o seguinte padrão: inicialmente, apresentaremos cada variável, teceremos comentário sobre elas e, em seguida, exporemos o quadro correspondente, analisando e trazendo os gráficos ilustrativos.

# 4.3.2 Variáveis independentes linguísticas e variável extralinguística

Considerando a tese de Sousa (2008), Tavares (2003) e a pesquisa de Omena e Braga (1996), fizemos uma análise comparativa acerca dos aspectos variáveis que essas autoras analisaram em seus trabalhos, com vistas a selecionar, para o nosso trabalho, aquelas variáveis que são emparelhadas nos três estudos observados, e que nos parecem pertinentes à análise do nosso objeto de estudo.

Desse modo, como as variáveis independentes linguísticas, optamos por selecionar para análise 05 grupos de variáveis: (1) variável função sintática de sujeito e não-sujeito; (2) variável linguística natureza semântica do sujeito; (3) paralelismo formal; (4) concordância verbal marcada e não-marcada; e (5) tipo textual.

Como variável independente extralinguística, selecionamos apenas a variável sexo, tendo em vista que os nossos informantes, são apenas estudantes, estão na mesma série na Instituição Escolar e possuem idade semelhante, motivos que impossibilitaram a opção pelas variáveis escolaridade e faixa etária, respectivamente, conforme explicamos anteriormente.

Nesta próxima subseção, apresentaremos: as variáveis linguísticas escolhidas para a discussão do nosso objeto de estudo e por fim a variável extralinguística; análise das produções textuais escritas e orais correspondentes a cada variável selecionada, exemplos, quadros e gráficos que ilustram os resultados obtidos e discutiremos os resultados e apresentamos análise do teste de avaliação social das variantes aplicado aos estudantes e docentes.

Navegamos agora um pouco soltos no balanço das variáveis...

# 4.3.2.1 - Variável linguística função sintática de sujeito e não-sujeito

Depreendemos a partir da pesquisa de Omena e Braga (1996) que a função de sujeito favorece a ocorrência do SN *a gente*. Na pesquisa realizada pela autora, em 73% dos dados houve a realização do SN *a gente* favorecida por esse condicionamento. A partir desse estudo analisado, é possível concluir que o SN *a gente* tem uma tendência a ocupar o lugar do pronome *nós*, especialmente na posição de sujeito.

Constatemos a conclusão a que chega Omena e Braga (1996) a esse respeito:

Tendo em vista todos os resultados elencados, com base na produção científica dos últimos 30 anos, é possível afirmar que o processo de

substituição de *nós* por *a gente* no PB se encontra em avançado estágio, na língua oral. No Brasil tal fenômeno é amplamente caracterizado como mudança linguística... A partir desses resultados tão semelhantes nas diferentes regiões do Brasil, defendemos que tal fenômeno se configura realmente como uma mudança em progresso. (OMENA, BRAGA, 1996. p.130)

Da nossa pesquisa extraímos os seguintes excertos com as variantes *nós/ a gente* na posição de sujeito em produções escritas argumentativas sobre a importância do estudo.

- (1) "A gente realmente tem que lutar para conseguir uma vida melhor para cada um". (ACSS)
- (2) "Nós seremos alguém se tivermos estudado". (MSL)

Em relação à função de não-sujeito, depreendemos dos estudos de Omena e Braga (2016) que a variação pronominal nessa função apenas está ocorrendo nas falas dos adultos, pois, nas falas das crianças, o pronome *nós* provavelmente, já foi completamente substituído pelo SN *a gente*. Em nossa pesquisa, consideramos a referência ao SN *a gente* e ao pronome *nós* na posição de sujeito e também na posição de não-sujeito, sem adentramos na análise das funções sintáticas que a posição não-sujeito ocupam. Assim, nossa hipótese para esse trabalho consiste em averiguar se tal fenômeno se confirma em nossos dados, pois nossos participantes adolescentes encontram-se situados em uma zona intermediária.

Independentemente do aspecto sintático que escolhemos para o estudo, posição de sujeito, apresentaremos, exemplos do SN *a gente* na posição não-sujeito que, também, aparecem em nossos dados. Vejamos, por exemplo, a fala (03) de uma adolescente relatando situações de violência vivida por ela e seu irmão que eram praticadas por seu padrasto e a fala (04) de outra adolescente relatando sobre uma violência assistida na vida de um casal e o conselho de sua mãe em relação à escolha do namorado.

- (03) "Ele... quando *a gente* fazia alguma coisa pegava dava cascudo *na gente*, machucava *a gente* muito". (IMS)
- (04) "... minha mãe é mais aberta com *a gente* assim pra conversar essas coisa". (BSO)

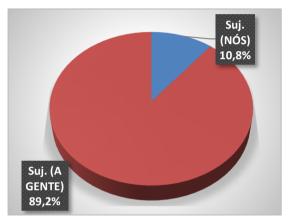
Observemos os resultados encontrados em nossa amostra, inicialmente por meio do Quadro 10, e, em seguida, pela comparação entre os Gráficos 03 e 04:

Quadro 10 - Variável linguística função sintática na oralidade

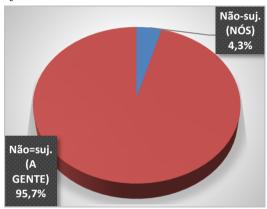
GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
Sujeito	9/83	10,8%	74/83	89,2%
Não-sujeito	1/23	4,3%	22/23	95,7%

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 3 - Ocorrência da função sintática sujeito



**Gráfico 4** - Ocorrência da função sintática nãosujeito



95,7%

Fonte: elaborados pela autora.

Em relação à oralidade, obtivemos a ocorrência de 83 (oitenta e três) dados da Primeira Pessoal Pronominal Plural na posição sintática de sujeito. Sendo apenas 09 (nove) ocorrências de *nós* e 74 (setenta e quatro) ocorrências de *a gente*. Não posição de não-sujeito, obtivemos 23 (vinte e três) ocorrências, sendo apenas 01 (uma) do pronome tradicional *nós*.

Chama-nos a atenção, nos resultados, o fato de que as ocorrências do SN *a gente* na posição de não-sujeito ter ocorrido em mais de 95% dos casos. Entendemos assim que, apesar de nossos participantes estarem em uma faixa etária intermediária, no caso, a adolescência, a maioria deles não está variando as formas pronominais na posição não-sujeito. Eles estão praticamente substituindo o pronome tradicional *nós* pelo SN *a gente* na posição de não-sujeito, tornando, assim, um uso que seria variável e um uso categórico, como foi, de certa forma, observado por Omena e Braga (1996) em seus resultados.

Agora vejamos o Quadro 11, que apresenta a mesma variável, porém em relação à escrita. Do total de 79 (setenta e nove) ocorrências, podemos perceber que houve apenas 04 (quatro) dados da 1ª pessoa pronominal plural na posição de não-sujeito, sendo que apenas

uma ocorrência do pronome *nós* e três ocorrências do SN *a gente*, correspondendo à 75% do total de ocorrência nessa posição. Os números nos sinalizam que o SN *a gente*, é mais produtivo que o pronome *nós* na posição de não-sujeito mesmo no uso de um gênero textual que requer maior monitoramento, como a escrita de uma produção textual para ser entregue ao professor.

Quadro 11 - Variável linguística função sintática na escrita

GRUPO DE	NÓS		A GENTE		
FATORES			_		
	Nº DE	%	Nº DE	%	
	OCORRÊNCIAS	<b>70</b>	OCORRÊNCIAS	<b>%</b> 0	
Sujeito	77/79	97,5%	2/79	2,5%	
Não-sujeito	1/4	25%	3/4	75%	

Fonte: elaborado pela autora.

97,5%

80

Não-sujeito; 75%

60

40

25%

Sujeito; 2,5%

NÃO-SUJEITO

NÃO-SUJEITO

Gráfico 5 - Variável linguística função sintática na escrita

Fonte: elaborado pela autora.

A partir do Gráfico 05, podemos afirmar que, em nossa amostra, na modalidade escrita, há um favorecimento ao uso de *nós* na posição de sujeito, o que reflete a tentativa de formalidade presente na escrita do gênero textual solicitado pela professora pesquisadora e, curiosamente, ao uso do *a gente* na posição de não sujeito, o que nos faz pensar que não exista

nessa posição mais o estágio de variação estável, mas, como afirmou Omena e Braga (1996), já esteja encaminhando para uma mudança em progresso.

# 4.3.2.2 Variável linguística natureza semântica do sujeito

Para Camara Jr. (1988), os pronomes são expressos por uma relação de heteronímia e não de flexão, tendo em vista que o que, de fato, ocorre é a mudança do vocábulo gramatical. Assim, a representação da forma plural do pronome **eu** não é a forma **eus\*** (forma eu flexionada), mas, sim, a forma *nós*, que, nas suas palavras, "[...] pode associar a si uma ou mais pessoas [...]" (CAMARA JR, 1988, p.117). Dando continuidade a essa discussão, apresentada na seção II – o uso de *nós* e do *a gente*, o estruturalista descreve as 6 (seis) pessoas do pronome pessoal do caso reto em P1 (eu), P2(tu), P3 (ele/ela), P4 (nós), P5 (vós), P6 (elas), descrição que será por nós utilizada na presente pesquisa.

Destarte, além da forma pronominal P4 ter variações entre a forma tradicional *nós* e o SN *a gente*, a natureza semântica dessas duas formas também apresenta referências diversificadas. Portanto, podemos encontrar, no PB tanto falado quanto escrito, as variantes da 1ª pessoa do plural com maior ou menor grau de inclusão do eu, com total exclusão das demais pessoas pronominas e total inclusão do eu, com maior ou menor função generalizadora, com maior ou menor grau de determinação e/ou indeterminação, dentre outras. Então, observando isso, procuramos agrupar em quatro subfunções distintas as ocorrências analisadas, no intuito de averiguar qual função semântica mais influenciou/condicionou o uso de *nós* e *a gente*, a saber:

- i Variável dependente com função de Primeira Pessoa do Singular (P1), quando faz referência somente ao próprio falante:
- (05) "Tava na festa [...] e chegô um home todo espantado e pego uma mulher e começo espanca [...] fosse amigos, *a gente* poderia ... penso até em ajudar"... (NSA)
- (06) "Eu também sou vítima de sonhos adiados, de esperanças dilaceradas, mas apesar disso, eu ainda tenho um sonho, porque *nós* não podemos desistir da vida!" (Martin Luther King)
- ii Variável dependente com função P1+P2/P5, quando faz referência a si mesmo + 2ª pessoa do singular e/ou plural:

- (07) "Vamos amigo lute, vamos amigo ajude, se não *a gente* acaba perdendo o que já conquistou. (IRX)
- (08) "Eu sou ele como você é ele como você é eu e *nós* somos todos juntos." <sup>15</sup> (John Lennon)
- iii Variável dependente com função de P1+P3/P6, quando faz referência a si mesmo + 3ª pessoa do singular e/ou plural:
- (09) Eu e minha família nós não conversarmos, mas eu sei como eles reagiriam. (RC)
- (10) [...] eles bibiam todo final de semana, a gente não podia fazer nada. (RC)
- iv Variável dependente generalizado com referência + indeterminada:
- (11) "O futuro somos *nós*" (IRX)
- (12) "Mesmo sabendo que um dia a vida acaba, *a gente* nunca está preparado para perder alguém". <sup>16</sup> (Nicholas Sparks).

Em relação ao fator de generalização e indeterminação, o substantivo gente, em seu significado original, exerce função mais genérica, servindo para se referir a povos, homens, etc. No momento em que a forma *a gente* se insere no sistema pronominal linguístico traz consigo esse fator de generalização, concorrendo assim em todas as funções semânticas com o pronome *nós*, porém se especializando na função de indeterminação. Lopes (2015, p. 115) diz que "[...] os estudos realizados até então demonstram o uso preferencial do pronome "nos" quando a referência é [+ determinada], ao passo que o emprego de "*a gente*" é mais produtivo quando o falante amplia referência, indeterminando-a." (grifo do autor)

Propomo-nos, verificar se esse fato linguístico está ocorrendo também em nossa comunidade de informantes. Os resultados então no Quadro 12, constatamos a seguinte realidade de uso:

Quadro 12 – Variável linguística natureza semântica do sujeito na oralidade

	NÓS		A GENTE	
GRUPO DE FATORES  Nº DE  OCORRÊNCIAS		%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
P1	1/18	5,6%	17/18	94,4%
P1+P2/P5	0/0	0%	0/0	0%

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Por falta de ocorrência específica em nossos dados, inserirmos a fala de um personagem público para ilustrarmos melhor a variável analisada.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup>Por falta de ocorrência específica em nossos dados, inserirmos a fala de um personagem público para ilustrarmos melhor a variável analisada.

P1+P3/P6	8/87	9,2%	79/87	90,8%
Indeterminado	1/1	100%	0/1	0%

Fonte: elaborado pela autora.

Observamos que não houve nenhuma ocorrência da função pronominal P1=eu +P2=tu/você(s) e/ou P5=vós. Na função de referência indeterminado, só registramos 01(uma) ocorrência do pronome *nós*. Por outro lado, obtivemos muita produtividade em termos quantitativos de ocorrências na função P1, 18 (dezoito), quando a pessoa quer se referir a si mesma usando a forma pronominal 1ª pessoa do plural, sendo que, deste total de ocorrências, 17 (dezessete) ocorrências são do SN *a gente* que, nesta função, obteve 94,4% do total de ocorrências, indicando assim o alto valor de inclusão do eu na 1ª pessoa do plural. Vemos isso na fala de um estudante relatando uma violência que assistiu no noticiário:

# (13) [...] "foi triste a gente ficou assim triste"... (BSO)

Em relação à função semântica de P1=eu +P3=ele e/ou P6=eles, obtivemos 87 (oitenta e sete) ocorrências, sendo 79 (setenta e nove) de *a gente*, correspondendo a 90,8% e apenas 08 (oito) de *nós*, correspondendo a 9,2%. Esses resultados que nos permitem dizer que, em relação à oralidade, obtivemos preponderância do SN *a gente* exercendo a função de eu+ele ou eu+eles, como vemos na fala do adolescente:

(14) [...] "como era só eu mais meu irmão *nós* somos era, era novinho entendeu? *a gente* não podia fazer nada"... (ISL)

No Gráfico 06, podemos observar dois aspectos interessantes. Primeiro, a função semântica de pluralidade e coletividade com grande ocorrência do SN *a gente* e, em segundo, uma baixa expressividade do SN na função de indeterminação.

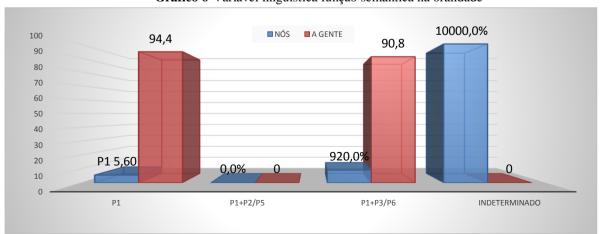


Gráfico 6-Variável linguística função semântica na oralidade

Fonte: elaborado pela autora.

Porém, no quadro que retrata a natureza semântica da variável linguística na escrita, notamos que houve pouquíssima ocorrência das funções de P1=eu e P1=eu +P2=tu/você (s) e/ou P5=vós. Das 04 (quatro) ocorrências na função P1, 01(uma) foi do pronome *nós* e 03 (três) do SN *a gente*. Na função P1+P2 obtivemos apenas 03 (três) ocorrências, todas do pronome tradicional *nós*. Na função P1=eu +P3=ele e/ou P6=eles, obtivemos 20 (vinte) ocorrências, sendo todas do pronome *nós* e em relação à função de referência indeterminada, obtivemos 56 (cinquenta e seis) dados, sendo 52 (cinquenta e duas) ocorrências do pronome *nós*, correspondendo a 92,9% do total. Ilustramos a referência indeterminada com uma fala extraída dos nossos dados:

# (15) [...] "todos nós nascemos livres". (WOEA)

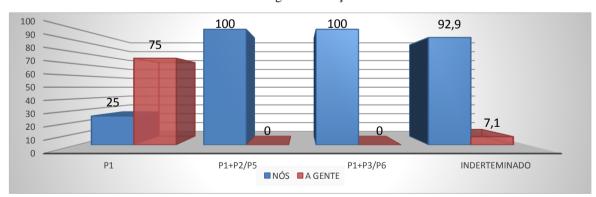
# Constatemos os resultados no Quadro 13 e no Gráfico 07

Quadro 13 - Variável linguística função semântica na escrita

GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
P1	1/4	25%	3/4	75%
P1+P2/P5	3/3	100%	0/3	0%
P1+P3/P6	20/20	100%	0/20	0%
Indeterminado	52/56	92,9%	4/56	7,1%

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 7-Variável linguística função semântica na escrita



Fonte: elaborado pela autora.

Observamos no Quadro 13 e no Gráfico 07, que, em relação à natureza semântica de indeterminação e às funções P1+P2/P5 e P1+P3/P6 desempenhadas pelas variantes nas produções escritas, houve maior produtividade do pronome *nós*, porém, em relação à função

P1, funcionando como pronome de primeira pessoa do singular, registramos a relevância do SN *a gente*. Estaria a forma inovadora *a gente* atendendo mais a essa função? Em nosso *corpus*, apesar de os valores estarem sendo veiculados pelas duas formas variantes, comprovadamente, o *a gente* tem sido mais produtivo na função indicativa de P1.

## 4.3.2.3 - Paralelismo formal

O paralelismo é um fenômeno linguístico no qual há manutenção de uma determinada forma no contínuo do discurso. Em relação ao nosso objeto de estudo *nós/a gente*, observamos se o falante, ao escolher uma das formas pronominais, tende a mantê-la no decorrer da sua produção discursiva ou se ele a altera e em quais condições isso ocorre.

Analisando o trabalho de Omena e Braga (1996, p.111), constatamos que a pesquisadora chega à conclusão que "o uso do *a gente* é preferencial quando, na sequência discursiva, é antecedido por *a gente* e há manutenção da referência semântica". Assim, na medida em que o falante opta pela forma *a gente*, ele tende a manter o valor semântico, reiterando e sustentando a primeira forma escolhida, evitando desse modo o pronome *nós*. Porém, quando acontece o contrário disso, em ocasiões em que o falante utiliza pela primeira vez no seu discurso o pronome tradicional, a tendência é que ele não alterne como *a gente* ou alterne pouco. Assim, nossa hipótese é a de que nosso estudante participante também optará pelo paralelismo formal em suas produções. Assim, investigaremos se ele, ao usar uma primeira forma, tentará mantê-la no contínuo do seu discurso ou alternará a variante entre as formas possíveis.

Para tanto, utilizando P, na chave de codificação, quando se tratar da primeira ocorrência da série discursiva, observamos a escolha lexical referente à forma da 1ª pessoa do plural que o estudante faz ao iniciar seu discurso na posição de sujeito. Acreditamos ser esta primeira forma, a preferida por ele. Vejamos alguns exemplos:

(16) [...] "Sim muito vemos garotos roubando. [...] queríamos ter mas para ajuda" (KMA)

(17) [...] "eu tava desconfiada que tava grávida aí [...] aí eu comecei tomar raiva da cara dele, meu marido né, aí *a gente* brigava por qualquer coisa, e quando *a gente* brigava eu quebrava tudo dentro de casa aí *a genteee*, *a gente* brigô porque ele tava mexeno no facebook. Ele ficava nevoso de uma hora pra outra assim, porque como *a gente* brigava por besteira, aí eleee

a gente já se estressava, aí vinha pra cima de mim, aí eu dava, eu batia nele ele me batia entendeu?" (LR)

Na ocorrência isolada (I), observamos qual foi a forma escolhida quando o estudante utilizou apenas uma forma pronominal na posição de sujeito:

(18) [...] "É... aí né o marido da minha tia sempre maltratava ela, batia nela e tudo [...] Aí teve uma veiz que ele brigou mais ela feio lá, ele batia nela de pau e tudo [...]. aí depois de um tempo, *a gente* ficô sabendo que ele tinha ido embora." (ESO)

# (19) [...] "Sim nós conseguimos seguir as regras". (BNS)

No paralelismo do pronome *nós* (permanência do pronome) N, observamos quando o estudante opta pela forma pronominal e continua a utilizá-la no decorrer do seu discurso, configurando assim paralelismo formal.

(20) "Deve*mos* tentar mudar os problemas, viver na mesmice não é o que *nós* jovens vamos tentar fazer." (LRTS)

No paralelismo do SN a gente (permanência do SN *a gente*) G, observamos quando o estudante opta pela forma pronominal e continua a utilizá-la, configurando assim, o paralelismo formal:

(21) "Ontem eu tava ali na praça com minhas amigas, *a gente* vei fazê o trabalho de educação física, *a gente* ia pra casa aí quando *a gente*, começô a dançá olhô lá pro banco da praça, o cara tava aaa ée ajeitando a mulher lá *a gente* pego começo xingar ele né, aí ele pego e vei correr atrás da gente"[...] (WHO)

Em situações de não paralelismo (troca de pronome) T, observamos quando o estudante inicia com uma forma pronominal e, depois no decorrer, muda para outra forma concorrente. Observamos, ainda, a periodicidade em que essa troca ocorre, se apenas uma vez e depois se o estudante mantém uma única forma ou se ele continua fazendo a permuta no decorrer do seu texto.

Na única ocorrência de não-paralelismo em nossos dados, pudemos observar que o estudante inicia com um verbo de desinência de 1ª pessoa do plural, na sequência mantém a

desinência e, por fim, troca pelo SN *a gente*. Acreditamos que o estudante considerou "feio" ou "pesado" ou ainda que soasse "mal" empregar o pronome *nós* como objeto. Além de, como contatamos anteriormente, o uso do complemento com a forma inovadora *a gente* ser quase categórico. Assim ficaria "[...] *se não mudarmos o mundo, o mundo nos muda*. Então o não-paralelismo foi a única maneira encontrada por ele para evitar essa forma. Vejamos o exemplo:

(22) "Penso que deve*mos* mudar e usar a criatividade dos jovens para mudar o mundo, pois se não mudar*mos* o mundo, o mundo muda *a gente*." (EPB)

Os dados obtidos na pesquisa nos mostram que, na oralidade, o SN *a gente* por quase todos os fatores. Como primeira ocorrência nos textos, temos *15*(quinze) dados *do SN a* gente, contra 02 (dois) do pronome *nós*. Como ocorrência isolada, temos 07 (sete) dados do SN *a gente* contra 04 (quatro) do pronome *nós*. O paralelismo formal se mantém tanto para o SN como para o pronome tradicional e o não-paralelismo apenas ocorre com o SN *a gente*.

Confirma-se, assim, na nossa pesquisa, a tendência apontada pelos trabalhos pesquisados, como de Omena e Braga, (1996) do qual compreendemos que o paralelismo formal se refere às formas gramaticais semelhantes que tendem a ocorrerem quando próximas. Uma regra variável que está, cada vez mais, atingindo o *status* de regra categórica:

**Ouadro 14** - Variável linguística paralelismo formal na oralidade

GRUPO DE FATORES	GRUPO DE FATORES NÓS A GENTE		E	
	N° DE OCORRÊNCIAS %		Nº DE OCORRÊNCIAS	%
Primeira ocorrência da série	2/17	11,8%	15/17	88,2%
Ocorrência isolada	4/11	36,4%	7/11	63,6%
Paralelismo do <i>nós</i> (permanência)	4/4	100%	0/4	0%
Paralelismo do a gente (permanência)	0/73	0%	73/73	100%
Não-paralelismo (troca o pronome)	0/1	0%	1/1	100%

Fonte: elaborado pela autora.

Observamos no Gráfico 08 a ilustração desses resultados e comprovamos nossa hipótese de que o paralelismo é um fenômeno linguístico que influência diretamente na escolha das variáveis dependentes de 1ª PP. No contexto de oralidade, temos o paralelismo de 73% das ocorrências do SN *a gente*:

100,0% 100,0% 100,0% 1 88,2% 0,9 0.8 63.6% 0.7 0,6 0.5 36,4% 0,4 0,3 11,8% 0,2 0,0% 0,09 0,1 PRIMEIRA OCORRÊNCIA OCORRÊNCIA ISOLADA PARALELISMO DO NÓS PARALELISMO DO A NÃO-PARALELISMO (PERMANÊNCIA) GENTE (PERMANÊNCIA) (TROCA DO PRONOME) ■NÓS ■A GENTE

Gráfico 8 - Variável linguística paralelismo formal na oralidade

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao paralelismo formal na escrita, observamos, através do Quadro 15, que todas as produções textuais obtiveram como primeira referência pronominal a forma tradicional *nós*. Devido à alta produtividade do pronome *nós* na escrita não obtivemos situações de ocorrência do paralelismo do SN *a gente*. Obtivemos 37 (94,6%) de ocorrências isoladas no pronome *nós* e obtivemos não-paralelismo, sendo 02 (40%) com pronome *nós* e 03 (60%) do SN *a gente*.

Quadro 15 - Variável linguística paralelismo formal na escrita

GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
Primeira ocorrência da série	16/16	100%	0/16	0%
Ocorrência isolada	37/39	94,9%	2/39	5,1%
Paralelismo do <i>nós</i> (permanência)	23/23	100%	0/23	0%
Paralelismo <i>a gente</i> (permanência)	0/0	0%	0/0	0%
Não-paralelismo (troca Pronome)	2/5	40%	3/5	60%

Fonte: elaborado pela autora.

Para a certificação e melhor visualização do que foi argumentado, observemos o Gráfico 09 com os resultados obtidos:

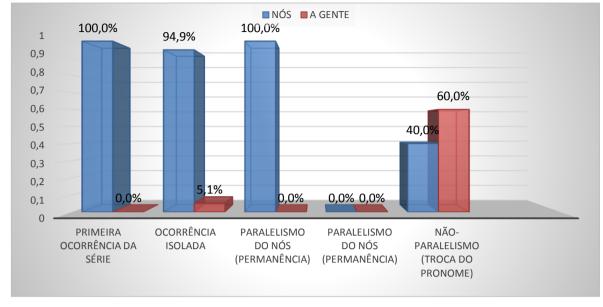


Gráfico 9 - Variável linguística paralelismo formal na escrita

Fonte: elaborado pela autora.

Mais uma vez, notamos que o paralelismo, a permanência da variante dependente escolhida, continua ocorrendo nas produções dos adolescentes participantes e que, por sua vez, o não-paralelismo, a troca de pronomes, <u>configura-se como uma exceção</u>.

## 4.3.2.4 Concordância verbal marcada e não-marcada

Vários estudos, dentre eles, o de Zilles (2007) e Omena e Braga (1996), já demonstraram que a concordância verbal no PB também passa por variações. Acreditamos que essas variações causam insegurança linguística em nossas estudantes, pois, de um lado, temos as forças pedagógicas orientando-os a produzirem a concordância verbal tal qual como está posta nas gramáticas tradicionais e, do outro lado, temos a força do uso que os impulsiona a não marcar todos os sintagmas com os morfemas de número. Nossa hipótese reside, na proposição de que nossos estudantes, muitas vezes, em suas produções, não dão conta de realizar esse fenômeno. Assim, nos motivou analisar as produções escritas e orais dos estudantes a fim de compreendermos como está a concordância entre a 1ª pessoa do plural, com suas formas variantes (nós/ a gente) na posição de sujeito e o verbo. Observamos se atendem ou não ao ensino escolar e tentamos compreender a forma pela qual os estudantes estão se expressando e quais fenômenos linguísticos e extralinguísticos estão favorecendo ou desfavorecendo a concordância entre o sujeito e o verbo.

Então, a fim de constatar a nossa hipótese para a variável concordância verbal, averiguamos como os estudantes estão fazendo a concordância verbal, se marcada ou não-

marcada, e averiguamos quais tempos verbais, se mais marcados (passado e futuro) favorecem o emprego do pronome tradicional *nós*, e se os tempos verbais menos marcados (formas nominais e presente) favorecem o uso do SN *a gente*.

Neste trabalho definimos concordância verbal em duas perspectivas, a saber:

- i- Concordância marcada (M): no caso de sujeito com pronome *nós* explícito ou implícito e desinência verbal "mos" ou "mo"; e para o SN *a gente* explícito ou implícito com o emprego do verbo na forma da 3ª pessoa do singular ou forma não-marcada:
- (23) "[...] "a gente realmente tem que lutar para conseguir uma vida melhor para cada um". (ACSS)
- (24) "Acho que *nós* devemos tentar mudar o mundo porque junto somos mais". (ESO)
- ii- Concordância não-marcada (N): no caso de sujeito com pronome *nós* explícito ou implícito e desinência verbal Ø, não-marcada na 1ª pessoa do plural; e para o SN *a gente* explícito ou implícito consiste no emprego da desinência verbal "mos" ou "mo".
- (25) [...] "aí nós gritava lá de cima e esse povo acudia nós tudo". (BSN)
- (26) "Nós morô lá em Itabela quatro anos e viemo pra cá". (BSN)

Observamos essa regra de concordância tanto na oralidade, quanto na escrita. Sabemos que, na escrita, o falante tem maior oportunidade de refazer seu pensamento, melhor elaborálo e assim produzir seu texto mais formal, prezando por aplicar a concordância verbal. Por outro lado, temos as produções orais que, em contraste com a escrita, exigem menos atenção do falante, não há oportunidade para o refazimento do texto, é mais descontraída, exige maior rapidez cognitiva, o estilo é menos formal, razões que tendem a favorecer o falante a produzir menos concordância verbal, já que a concordância não-marcada é mais simples de ser produzida. Segundo os princípios funcionalistas, esse tipo de regra apresenta complexidade estrutural e cognitiva menor, e por isso, é mais frequente.

Notamos que, no quadro que traz a variável linguística concordância verbal na oralidade, há o SN na posição de sujeito com grande produtividade de concordância verbal. Do total de 83 (oitenta e três) ocorrências da variável dependente, obtivemos o SN *a gente* 74 (setenta e quatro) vezes, que representa 92,5% das ocorrências com concordância verbal marcada, quando a forma verbal assume a posição da desinência de 3ª pessoa do singular, não

ocorreu nenhuma ocorrência não-marcada. Já o pronome tradicional *nós*, apesar de obter apenas 09 (nove) ocorrências, 03(três) foram de concordância não-marcada. Deste modo, o fator não-marcado motivou a escolha em favor do pronome *nós*. Confirmamos isso por meio dos dados no quadro abaixo:

Quadro 16 – Variável linguística concordância verbal na oralidade

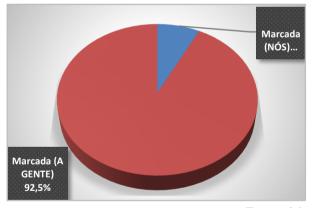
VARIÁVEL LINGUÍSTICA CONCORDÂNCIA VERBAL NA ORALIDADE					
GRUPO DE FATORES	NÓS A GENTE				
	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	
Marcada	6/80	7,5%	74/80	92,5%	
Não-Marcada	3/3	100%	0/3	0%	

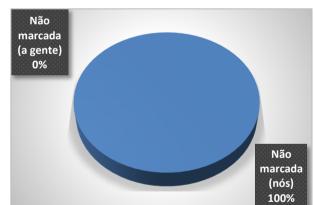
Fonte: elaborado pela autora.

No gráfico 10, o percentual de concordância marcada, mostra-nos que a maioria (92,5%) dos adolescentes pesquisados realizam a concordância verbal com SN *a gente*. Mesmo que não empregando corretamente as normas gramaticais, o adolescente intrinsicamente preza pela regra categórica. Vemos que as únicas ocorrências onde os estudantes não realizaram a concordância verbal foi em referência ao pronome tradicional nós.

**Gráfico 10** – Variável linguística concordância verbal marcada na oralidade.

**Gráfico 11** – Variável linguística concordância verbal não-marcada na oralidade.





Fonte: elaborados pela autora

Agora observemos um dado interessante de concordância verbal na modalidade escrita de um dos adolescentes participantes. No exemplo abaixo, observamos o tempo verbal empregado e sua concordância com o pronome *nós* e a alternância que o estudante faz na escolha da próxima variante pronominal e concordância que realiza:

(27) [...] "pois se não mudarmos o mundo, o mundo muda a gente." (E.P.B.)

Desse modo, percebemos que, no exemplo (20), o estudante/participante, no primeiro momento, utiliza o pronome *nós* para referir-se a um grupo grande. Depois, no momento imediatamente posterior, para concordar com o substantivo e o verbo mais simples, emprega o SN *a gente*. Provavelmente, pode ter feito isso entre outras razões, como uma tentativa de evitar a repetição fonética, como possivelmente: "o mundo nos muda".

Com um propósito diferente, outro estudante produz o seguinte dado:

(28) [...] "A gente realmente tem que lutar para conseguir uma vida melhor para cada um."

(A.C.S.S)

Notamos nesse exemplo a preferência por uma conjugação verbal menos marcada, pois se, ao invés dessa opção, a escolha fosse pelo pronome nós, a marcação teria que persistir nos demais verbos, tornando a construção "pesada".

Observemos o quadro que apresenta os resultados de concordância verbal na escrita:

GRUPO DE NÓS A GENTE **FATORES** Nº DE Nº DE OCORRÊNCIAS % % **OCORRÊNCIAS** Marcada 94,67% 4/75 5,33% 71/75 Não -marcada 3/4 **75%** 25%

Quadro 17 - Variável linguística concordância verbal na escrita

Fonte: elaborado pela autora.

Percebemos que, na modalidade escrita, onde ocorreu a maior porcentagem do pronome *nós*, apesar de considerarmos baixo, houve o maior índice de não-concordância. Assim reafirma a ideia de que as formas mais marcadas são mais complexas de serem executadas e, por vezes, os falantes não as empregam na tentativa de buscar uma maior fluência e simplicidade.

Notamos que das 75 (setenta e cinco) ocorrências da 1ª pessoa do plural na posição de sujeito, 71 (setenta e uma) o que equivalem a 94,67% realizaram adequadamente a concordância verbal com o pronome *nós*, ao passo que, em 04 (quatro) ocorrências, não realizaram a concordância verbal conforme prescrita na tradição gramatical. Em relação ao SN *a gente*, apesar de pouquíssimos dados, apenas 01 (uma) concordância não foi contemplada. Mais uma vez, com esses resultados, confirmamos que o SN *a gente*, por exigir

uma concordância que é mais simples, tanto na fala quanto na escrita, está menos propenso à realização da não concordância. Visualizamos esses resultados no gráfico abaixo:

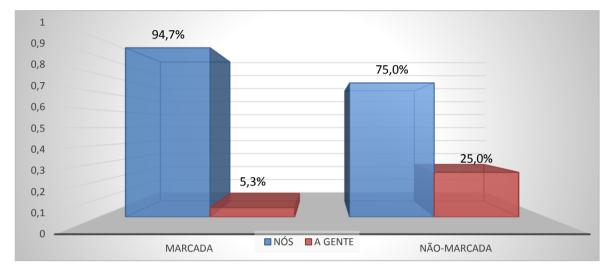


Gráfico 12 - Variável linguística concordância verbal na escrita

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação ao tempo verbal, notamos que, nas produções escritas, obtivemos muitas ocorrências do pronome *nós* tanto de forma explícita, quanto de forma implícita e também percebemos que a conjugação verbal correspondente que obteve maior produtividade diante do pronome tradicional foi o tempo presente do modo indicativo. Como nos exemplos abaixo, observamos que 70% de todas as formas verbais empregadas estavam conjugadas no presente:

- (29) [...] "**fazemo** muita coisa" [...] (CSV)
- (30) [...] "Nós chegamos a conclusão de que nenhuma mulher tem que sofrer." (ACSS)
- (31) "Todos *nóis* **tem** que amar e cuidar do próximo" [...] (VT)

Já em relação às narrativas orais, onde o SN *a gente* foi preponderante, percebemos que a conjugação verbal correspondente que obteve maior produtividade diante do SN *a gente* foram os tempos: pretérito imperfeito com 30%, pretérito perfeito 16% e presente do indicativo, com 21% das conjugações. Visualizamos estes dados no quadro:

Quadro 18 - Tempos verbais e maior produtividade da 1ª pessoa do plural

MODALIDADE	ESCRITA	ORALIDADE
TEMPOS VEBAIS	% DE OCORRÊNCIAS <i>NÓS</i>	%° DE OCORRÊNCIAS A GENTE
Presente do indicativo	70%	21%
Pretérito imperfeito		30%
Pretérito perfeito		16%

Vemos alguns exemplos:

- (32) [...] "a gente era pequenininho nessa época". [...] (Pretérito imperfeito)
- (33) [...] "a gente descobriu que era os pais dele que batia nele e sem motivo". [...] (Pretérito perfeito)
- (34) [...] "mas a gente sempre **dá** conselho pra ir na delegacia". (Presente do indicativo)

Os dados confirmam a hipótese de que o SN *a gente* possibilita mais concordância verbal. Como na oralidade houve mais de 90% de ocorrência com o SN *a gente*, é também nesta modalidade o maior índice de concordância verbal. Então em relação à variável concordância verbal na modalidade oral, o fator que mais impulsiona a escolha pela variante inovadora "*a gente*" provavelmente seja a estrutura morfológica mais simples na concordância verbal em que o tempo foi o pretérito perfeito. Já e em relação à modalidade escrita, o fator que mais impulsionou a escolha pela variante "*nós*", provavelmente foi à força da tradição gramatical e a concordância verbal no tempo presente do modo indicativo.

### 4.3.2.5 Variável independente linguística: tipos textuais

Compreendemos que, tipos textuais, consistem no meio pelo qual a linguagem é concretizada, organizada, transmitida e realizada. Castilho (2006, p.55) "entende o texto como o produto de uma interação que pode ser face-a-face, como na Língua Falada, ou do tipo interação com um interlocutor invisível, como na Língua Escrita". Dessa forma, tanto através da oralidade quanto da escrita, estamos constantemente produzindo textos, mesmos que involuntariamente e sem consciência deste fato.

Jubran (2015) argumenta que há necessidade de identificar e de definir qual é a unidade de estatuto textual a ser estudada em qualquer que seja a pesquisa. Lembra-nos que o texto falado, sendo desenvolvido na interação face a face, sobretudo na conversação, envolve,

[...] turnos entre pelo menos duas pessoas, [...] uma construção colaborativa, pela qual um turno não é simples sucessor temporal do outro, mas é produzido, de alguma forma, por referência ao anterior. (JUBRAN, 2015, p.85).

Por reconhecermos que, na entrevista direcionada realizada por nós sobre o tema violência doméstica, a resposta dos alunos é desencadeada pela pergunta da pesquisadora, que a antecede, consideraremos cada narrativa que não foge ao tema como um turno discursivo.

Observamos, então, que, nos turnos discursivos dos alunos, objeto do nosso interesse, a estruturação deu-se de forma consensual e obedecendo à expectativa, em função do tema violência doméstica, provocado pela pesquisadora. Contudo, evidenciamos que, ao abordar o tema, os alunos/informantes o apresentaram como experiências particulares vividas por cada um em determinado momento da vida, como forma de exemplificação do tema proposto.

De Sousa (2008, p.150-151), depreendemos a designação de 05 (cinco) bases teóricas que dão origem aos tipos textuais. Nesta dissertação, observamos a produção de três, a saber: texto argumentativo, texto descritivo e o texto narrativo. Por meio da competência sociocomunicativa, classificamos os textos de acordo com: a natureza linguística do constituinte, as características situacionais, a finalidade textual, e também, de acordo com a relação estabelecida em função do papel dos interlocutores. Portanto, os textos são classificados de acordo com seu gênero, ou seja, a somatória do conjunto das características em relação ao contexto em que são usados. Entre todos os tipos textuais verificados nas teses analisadas, escolhemos, na nossa pesquisa, as ocorrências produzidas por apenas esses três tipos textuais.

O texto descritivo configura-se como o tipo cuja finalidade é descrever fatos ou dados. As informações fornecidas nesse tipo de texto servem para desenhar um determinado conceito. Dessa forma, as ideias, a ordenação dos fatos e as relações estabelecidas nesse tipo de texto situam-se em um segundo plano. No texto descritivo, as palavras são utilizadas para enumerar aspectos físicos ou psicológicos, tendo como principal função, compor uma imagem que a descrição constrói, determinando o onde e quando. As palavras utilizadas, a rigor, são diretas, simples, de sentido denotativo e servem para remeter a uma imagem física ou psicológica, real ou imaginária que forma uma sequência. Esse tipo de texto requer o emprego de palavras que dão sequência à descrição como substantivos, pronomes e adjetivos, e possui, geralmente, verbos no modo indicativo, no tempo presente ou passado.

Já o texto argumentativo configura-se como aquele cuja finalidade é, através das palavras e expressões, convencer o interlocutor a respeito de ideias e conceitos. Nele, são utilizados tanto palavras ou expressões abstratas, como dados concretos e fatos verídicos para alcançar sua finalidade essencial que é o convencimento. Esse tipo de texto estrutura-se com verbos no presente e um complemento que atribui qualidade.

Para as produções escritas dos textos argumentativos e descritivos, propomos as seguintes perguntas: (i) diante dos problemas globais, os jovens precisam fazer algo para mudar o mundo? (ii) qual a importância do estudo em sua vida? e (iii) o que você pensa sobre crianças que vivem nas ruas?

Por fim, elegemos **o texto narrativo** que se configura pela evolução dos fatos, presença de personagens, marcação do tempo e delimitação do espaço. Apresenta relação de causa e efeito/consequência, é marcado pela alteração de estados, o que provoca a utilização de verbos referindo-se a movimento/ações e a tempo passado, remetendo a circunstância de espaço e tempo. O texto narrativo constitui-se de uma estrutura mais complexa do que os descritivos e é organizado através de uma sequência narrativa, marcada, entre outros elementos por um enredo, conflito, um ápice da história e resoluções.

Para as produções orais narrativas, perguntamos se os estudantes/participantes já haviam presenciado alguma cena de violência doméstica e, se sim, narrassem a cena. As narrativas orais foram gravadas com aparelho celular em uma pequena sala da escola. Por vezes, há barulhos e interferências por estarmos em pleno horário de aula. Às vezes, pequenos grupos se reuniam para narrar cada um a sua experiência, outras vezes eram apenas o estudante e a pesquisadora no momento da gravação. O arquivo de áudio com as gravações, bem como as produções escritas dos participantes estarão nos anexos ao final deste trabalho.

É válido ressaltar que compreendemos a interpenetração dos tipos textuais, no entanto, nesta pesquisa, optamos por explicar cada tipo textual separadamente por uma questão metodológica. Acrescentamos ainda que a nossa observação se deu em função do tipo textual predominante na produção textual, algo que almejamos e planejamos a partir do direcionamento das perguntas realizadas.

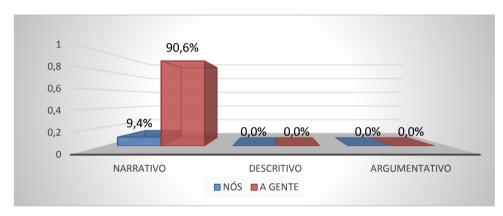
Nossa hipótese para a variável tipo textual é a de que o SN *a gente* por ter uma função + generalizadora e indeterminada, seja o mais preferido pelos usuários nas produções de textos argumentativos, ao passo que o texto narrativo, por ser mais inclusivo e determinado, favoreça mais a ocorrência do pronome tradicional *nós*.

No Quadro 19, podemos ver que, todas as produções orais foram narrativas, perfazendo um total de 106 (cento e seis) discursos orais e, nesses, noventa e seis (90,6%) de ocorrências do SN *a gente* e apenas 9,4 ocorrências do pronome *nós*. Observemos:

Quadro 19 - Variável linguística tipo textual na oralidade

GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	N° DE OCORRÊNCIAS %		N° DE OCORRÊNCIAS %	
Narrativo	10/106	9,4%	96/106	90,6%
Descritivo	0/0	0%	0/0	0%
Argumentativo	0/0	0%	0/0	0%

Gráfico 13 – Variável linguística tipo textual na oralidade



Fonte: elaborado pela autora.

Diante dos resultados, afirmamos (1) ser a tipologia narrativa a predominante em nossos dados e (2) ser o SN *a gente* a forma mais produtiva nesse tipo textual nas produções na modalidade oral dos estudantes envolvidos.

Em relação à modalidade escrita, obtivemos um total de 83(oitenta e três) textos escritos, sendo todos do gênero argumentativo, distribuídos nas seguintes proporções: 78 (94%) de ocorrências com o pronome *nós* e apenas 05 ocorrências com o SN *a gente*, como indica o quadro 20:

Quadro 20 - Variável linguística tipo textual na escrita

VARIÁVEL LINGUÍSTICA SUPERESTRUTURA TEXTUAL NA ESCRITA					
GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE		
	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	N° DE OCORRÊNCIAS	%	
Narrativo	0/0	0%	0/0	0%	
Descritivo	0/0	0%	0/0	0%	
Argumentativo	78/83	94%	5/83	6%	



Gráfico 14 - Variável linguística tipo textual na escrita

Fonte: elaborado pela autora.

Desse modo, vemos que nossa hipótese para essa variável não foi confirmada, pois pensávamos que o gênero argumentativo produziria mais o SN a gente por sua função + generalizadora e indeterminada, enquanto o texto narrativo favoreceria mais a ocorrência do pronome tradicional nós por ser mais inclusivo e determinado. O resultado constatado foi diferente da expectativa. Entendemos que o fator mais determinante em relação à escolha entre as formas variantes foram às modalidades: oralidade e escrita, e não os tipos textuais como hipotetizamos.

## 4.3.2.6 Variável independente extralinguística: sexo

Sabemos que há diferenças entre o sexo feminino e o masculino na dimensão biológica, social e cultural. Homens e mulheres não são iguais, portanto, seus modos de falar também não são iguais. Estudos apontam que há variação nas escolhas lexicais empregadas por homens e mulheres e, nos estudos de Labov (2008, p. 282), foi constatado que "[...] as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual". As mulheres tendem, assim, a utilizar seu grau de sensibilidade em relação às escolhas lexicais que fazem.

Ainda dos estudos de Labov (2008), depreendemos que se a variação contar com prestigio social, a tendência do sexo feminino é aderir mais rapidamente a essa variável e, por outro lado, se a variável sofrer estigma social, a escolha feminina será pela forma tradicional. Mesmo usando uma variante estigmatizada informalmente, as mulheres tendem a corrigi-la em um contexto formal. Também são as mulheres responsáveis pela propagação da mudança mais rapidamente, pois são elas que passam maior tempo com as crianças e adolescentes e acabam influenciando-os. É válido ressaltar que, para a nossa análise, essa é a conduta feminina esperada, em função do perfil social dos alunos e, consequentemente, dos pais dos alunos. Contudo a depender de características peculiares do grupo de estudo, por exemplo se em zonas rurais, a tendência do sexo feminino poderá ser outra.

Nos trabalhos pesquisados, os autores chegaram à conclusão de que as mulheres são quem mais utilizam o SN *a gente*. Os homens tendem a utilizar mais o pronome tradicional *nós*. A esse respeito, Lopes e Vianna (2015) dizem que,

[...] a variável sexo responde por sutis diferenças no comportamento dos indivíduos, visto que os homens tendem a favorecer o emprego da forma padrão [...] ao passo que as mulheres apresentam comportamento oposto [...], isto é, utilizam mais frequentemente a nova forma. (LOPES; VIANNA, 2015, p.114)

Destarte, a variável social, sexo masculino e feminino foi considerada em nosso trabalho. Assim, averiguamos o percentual de homens e mulheres estudantes que empregou SN *a gente* e o pronome *nós*. Também verificamos se a tendência ao maior emprego do SN *a gente* pelo sexo feminino em substituição ao pronome *nós*, está ocorrendo na comunidade adolescente da cidade de Eunápolis.

Observando o quadro 21, que traz a variável extralinguística sexo, em relação à escrita, notamos que o sexo masculino produziu mais variantes que o sexo feminino e, em relação à escolha entre as variantes da 1ª pessoa pronominal, percebemos que a produtividade do pronome *nós* dentre as ocorrências produzidas por estudantes do sexo masculino e feminino apresenta uma leve diferença de apenas 5,4%, a favor do sexo feminino. Observando a produtividade do SN *a gente*, percebemos que há a mesma diferença percentual entre os sexos, porém os estudantes do sexo masculino optaram pela forma inovadora mais vezes que as estudantes do sexo feminino.

#### Confiramos os resultados:

Ouadro 21 - Variável extralinguística sexo na escrita

GRUPO DE	NÓS		A GENTE		
FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	N° DE OCORRÊNCIAS	%	
Masculino	44/48	91,7%	4/48	8,3%	
Feminino	34/35	97,1%	1/35	2,9%	

Temos, no gráfico esquerdo, a representação dos dados referente ao sexo masculino indicando que 91,7% preferem empregar o pronome tradicional *nós*. Ao passo que, no gráfico da direita, podemos ver que o sexo feminino apresenta uma sutil diferença a mais. Ou seja, 97,1% do sexo feminino também preferem empregar o pronome nós.

**Feminino** A Masculino В (A GENTE) (A GENTE) 2,90% 8,3% Masculi Femini no no (NÓS) (NÓS) 91,7% 97,10%

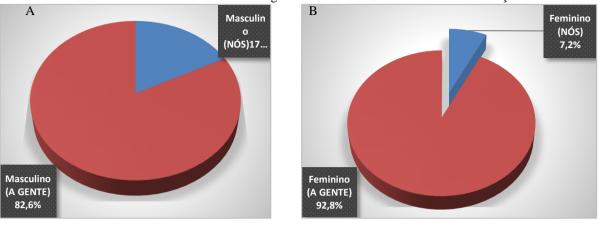
Gráficos 15 A / B - Variável extralinguística sexo masculino e feminino na escrita

Fonte: elaborados pela autora.

Em relação à oralidade, percebemos que, apesar da diferença quantitativa, o programa encontrou percentuais de escolhas praticamente idênticos para ambas as formas. Percebemos assim que, a produtividade do SN *a gente* dentre as ocorrências orais produzidas pelos estudantes do sexo feminino, representam aproximadamente 0,9 (nove décimos) percentuais a mais que as escolhas do sexo masculino. Conforme podemos observar no quadro 22 e gráficos 16 A e B, a seguir.

Quadro 22 - Variável extralinguística sexo em relação à oralidade

CDUDO DE	NÓS		A GENTE		
GRUPO DE FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	N° DE OCORRÊNCIAS	%	
Masculino	4/23	17,4%	19/23	82,6%	
Feminino	6/83	7,2%	77/83	92,8%	



Gráficos 16 A / B - Variável extralinguística sexo masculino e feminino em relação à oralidade

Fonte: elaborados pela autora.

Percebemos que tanto o pronome tradicional, quanto a forma inovadora apresentaram praticamente os mesmos índices percentuais de diferença de escolha entre os sexos. Esses números nos revelam que há uma pequena diferença entre as escolhas das variantes e um equilíbrio nas opções lexicais dos nossos estudantes de ambos os sexos, notamos assim a pequena tendência apontada pelos estudos consultados que consiste na ideia de que o sexo feminino tende a empregar mais a forma inovadora e o sexo masculino a forma tradicional quando essa forma não sofre estigma social.

Após esse percurso, chegamos ao final dos quadros e gráficos montados a partir dos dados coletados da **oralidade e da escrita** e, observando que apenas as variáveis, função sintática e sexo <u>não</u> apresentaram *knockout* (quando, em algum fator, há 100% de realização de uma variável, acusando um caso de regra categórica ou invariável) ou *singleton group* (quando há o registro de dados apenas em um fator, como foi o caso da variável tipos textuais, em que houve apenas o registro de dados no fator texto narrativo).

Assim sendo, apenas rodamos as variáveis, função sintática e sexo em busca de pesos relativos, porém o programa não selecionou nenhuma das duas como estatisticamente relevantes. Desse modo, os dados correspondentes à oralidade só puderam ser discutidos nesta dissertação a partir de valores percentuais.

Consoante, nos resultados de *escrita*, apenas as variáveis *função* sintática e sexo <u>não</u> apresentaram *knockout* ou *singleton group*. Destarte, eliminamos da segunda rodada as variáveis com *knockout* (função semântica, paralelismo formal, tipos textuais e concordância verbal) e consideramos somente as variáveis: função sintática e sexo e rodamos os dados em

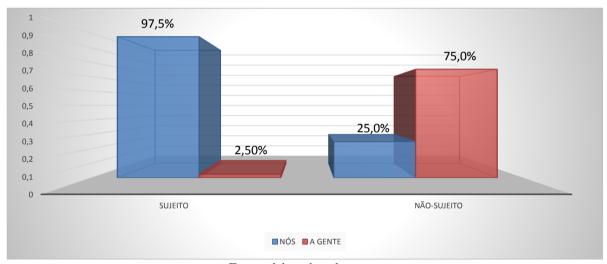
busca dos pesos relativos<sup>17</sup>. O programa selecionou <u>apenas</u> a variável função sintática como estatisticamente relevante. Segue abaixo o quadro e o gráfico dessa variável com as especificações correspondentes:

Quadro 23 - Variável linguística função sintática de sujeito e não-sujeito na escrita

GRUPO DE FATORES	NÓS			A GENTE		
	Nº DE Peso COORRÊNCIAS Relativo		Nº DE OCORRÊNCIAS		Peso Relativo	
Sujeito	77/79	97,46%	0,56	2/79	2,54%	0,44
Não-sujeito	1/4	25%	0,01	3/4	75%	0,99

Input: 0,968 Significance: 0,000 Loglikelihood: -11.576 Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 17 - Variável linguística função sintática de sujeito e não-sujeito na escrita



Fonte: elaborado pela autora.

Compreendemos que os pesos relativos extraídos do programa nos indicam que os valores PR 0,56, referente ao sujeito *nós*, e PR 0,44, referente ao sujeito *a gente* não apresentam força de atuação marcante desse fator na escolha das variáveis pesquisadas. No entanto, podemos notar o elevado peso do fator não-sujeito na escolha do SN *a gente* (75%) PR 0,99. Esses dados nos despertam para o fato de a morfologia do pronome tradicional *nós* ser mais complexa na posição de complemento do verbo, forma tônica, "conosco" provavelmente, essa maior complexidade faz com que o falante procure empregar uma forma mais simples, ou seja, que exija menos esforço. Podemos observar nas falas abaixo que se, ao

<sup>17</sup> Medida probabilística usada para calcular o feito de um fator condicionador na aplicação da regra variável, ou seja, o peso que um fator tem ao condicionar a ocorrência da variante que estipularmos como 'aplicação da regra'. Grifo do autor. (COELHO *et al.* 2010)

invés de *a gente* os estudantes tivessem utilizado a forma "conosco", a forma pronominal seria mais "pesado" ou, em termo funcionalista, mais marcado:

- (35) [...] "a história é sobre uma vizinha minha, na verdade ela foi criada praticamente com *a gente* né"? [...] (CVS)
- (36) [...] "Aí a gente morava numa fazenda, a gente tinha uns cinco seis aninhos assim e ele ficou com a gente". [...] (CHFM)
- (37) "Meu tio é tipo assim, ele é, ele é carinhoso assim com a gente" [...] (VMOG)

# 4.3.2.7 Análise dos dados de escrita: oralidade e as variáveis linguísticas

Para realizar essa rodada, precisamos criar uma variável independente linguística, modalidade textual (texto escrito e texto oral). Recodificamos os dados em função da inserção dessa variável e rodamos os dados de escrita e oralidade juntamente. A seguir, apresentamos os resultados da rodada.

Notamos que, do total de 189 (cento e oitenta e nove) ocorrências do nosso objeto de estudo, encontramos 88 (46,60%) ocorrências do pronome tradicional *nós* e 101 (53,40%) do SN *a gente*. Contudo, através dos quadros de resultados específicos, sabemos que a maior produtividade de *nós* é na escrita, ao passo que a maior produtividade do SN *a gente* se dá na oralidade.

Quadro 24 - Variável modalidade linguística escrita e oralidade

NÓS		A GENTE	
N° DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
88/189	46,60%	101/189	53,40%

Gráfico 18 - Variável modalidade linguística escrita e oralidade



No Quadro 25 e no Gráfico 19, confirmamos o que já vimos separadamente. Em relação à oralidade, apuramos 90,6% ocorrências do SN *a gente*, enquanto que, no texto escrito, a escolha se inverte e temos 94% do pronome *nós*. Essas elevadas porcentagens, quase totais, nos indicam que, o fator de maior influência no momento da escolha entre uma forma e outra se dá no campo da modalidade textual: escrito ou oral.

É o modo utilizado pelo falante no momento de se comunicar, interagir e se expressar que condiciona a escolha por uma ou outra variante. Na modalidade oral, o sintagma nominal *a gente* já parece estar consagrado popularmente, concomitantemente, pelos resultados alcançados compreendemos que a escola (especificamente a pesquisada) tem contribuído para a conservação do pronome cânone na escrita conforme preza a gramática tradicional e os livros didáticos. Consideração já apresentada e ratificada nessa dissertação algumas vezes. A seguir, apresentamos o quadro 25 e o gráfico 19 com estes dados:

Quadro 25 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável modalidade textual

VARIÁVEL LINGUÍSTICA MODALIDADE TEXTUAL					
GRUPO DE					
FATORES	NÓS		A GENTE		
	Nº DE	%	N° DE	0/	
	OCORRÊNCIAS	70	OCORRÊNCIAS	%	
Texto oral	10/106	9,4%	96/106	90,6%	
Texto escrito	78/83	94%	5/83	6%	

Fonte: elaborado pela autora.

90.6% 94.0% 1 0,8 0,6 0,4 9,4% 0,2

Texto Oral

Gráfico 19 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável modalidade textual

Fonte: elaborado pela autora.

■ NÓS ■ A GENTE

Texto Escrito

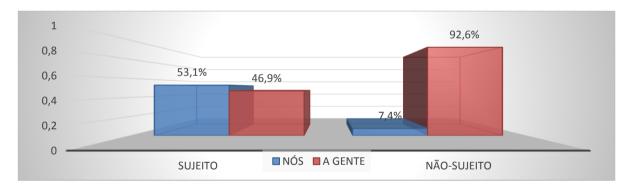
Nos dados apurados da variável linguística função sintática de sujeito e não-sujeito, pudemos identificar 189 (cento e oitenta e nove) ocorrências da 1ª pessoa pronominal, sendo que 162 (cento e sessenta e duas) ocorrências na função sintática de sujeito e 27 (vinte e sete) na função de não-sujeito, como: adjunto adnominal, adjunto adverbial e complemento. Nossa hipótese consistia no princípio de que o SN *a gente* tem uma tendência real de ocupar o lugar do pronome *nós*, especialmente na posição de sujeito. Verifiquemos os resultados:

Quadro 26 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática de sujeito e não-sujeito

GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	N° DE OCORRÊNCIAS	%	N° DE OCORRÊNCIAS	%
Sujeito	86/162	53,1	76/162	46,9
Não-sujeito	2/27	7,4	25/27	92,6

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 20 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática sujeito e não-sujeito



Fonte: elaborado pela autora.

No resultado da nossa pesquisa, pudemos ver que a nossa hipótese não se confirmou, pois, as ocorrências do SN *a gente*, embora em um número bastante expressivo, não supera as ocorrências do pronome *nós* na posição de sujeito.

O Quadro 27 nos mostra, por sua vez, os resultados obtidos para a função semântica das variáveis dependentes. Observamos que a função de indeterminação da variável dependente *nós*, foi a mais produtiva, alcançando 93% das ocorrências.

8

-	·	,		5	
GRUPO DE	NÓS		A GENTE		
FATORES	Nº DE	Nº DE		%	
	OCORRÊNCIAS	%	OCORRÊNCIAS	70	
P 1	4/22	18,2%	18/22	81,8%	
P1+P2/P5	3/3	100%	0/3	0%	
P1+P3/P6	28/107	26,2%	79/107	73,8%	
Indeterminado	53/57	93 %	4/57	7%	

Quadro 27 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do sujeito

Das 22 (vinte e duas) ocorrências da natureza semântica P1=eu, representando 81,80% das opções, em que a primeira pessoa pronominal deixa de se referir a um grupo pequeno ou grande, e se refere a si mesmo **eu**, o valor de coletividade é substituído por alto, total e exclusiva inclusão do **eu**. Essa natureza semântica se constituiu na segunda mais produtiva em relação às escolhas pelo SN *a gente*. Em terceira posição, temos a natureza semântica de P1=eu+ P3=ele e P6=eles, com a maioria total das ocorrências, porém representando 73,8% com produtividade do SN *a gente e*, em último lugar, com apenas três ocorrências, aparece a natureza semântica do P1=eu+P2 (tu/você) +P5 (vós/vocês), sendo assim seus números insignificantes. Observemos:

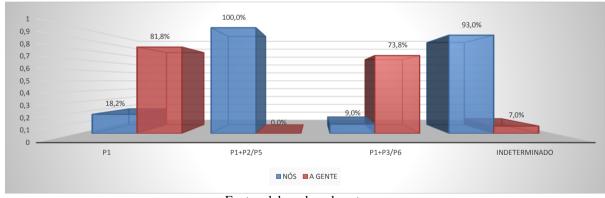


Gráfico 21 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do sujeito

Fonte: elaborado pela autora.

É necessário afirmar que os resultados, apresentados no Gráfico 21, se deram espontaneamente e que o trabalho orientado pela pesquisadora não causou interferência nas produções escritas ou orais.

Examinando atentamente o Quadro 27, vemos que a forma escolhida, retrata o fenômeno linguístico do paralelismo formal da primeira pessoa pronominal, tanto em relação ao pronome *nós* quanto ao SN *a gente*. Do total de 189 (cento e oitenta e nove) dados, apenas

06 (seis) realizaram troca de pronomes durante o discurso. No entanto, o índice de maior alternância rescindiu no SN *a gente*. A maioria, 82% das ocorrências isoladas, foi do pronome *nós*. Em relação ao fator primeira ocorrência da série, as escolhas ficaram quase que equilibradas, sendo 54,5% de *nós*, contra 45,5% de *a gente*:

Quadro 28 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável paralelismo formal

GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
Primeira ocorrência da série	18/33	54,5%	15/33	45,5%
Ocorrência isolada	41/50	82%	9/50	18%
Paralelismo do <i>nós</i> (permanência)	27/27	100%	0/27	0%
Paralelismo do <i>a gente</i> (permanência)	0/73	0%	73/73	100%
Não-paralelismo (troca do pronome)	2/6	33,3%	4/6	66,7%

Fonte: elaborado pela autora.

Observando o Gráfico 22, podemos dizer que nossa hipótese foi comprovada e até, de certa forma, superada, pois, quando o falante opta por usar uma determinada forma, a tendência é que, na sequência, ele continue a empregar a mesma forma, evitando assim a alternância das formas variantes. Isso se dá com qualquer uma das formas variantes:

100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
100,0%
10

Gráfico 22 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável paralelismo formal

Fonte: elaborado pela autora.

No gráfico 22, fica latente que o falante evita empregar uma e outra forma *a gente/nós* na mesma produção textual. Ele demonstra, ao contrário disso, uma tendência a continuar empregando o primeiro paradigma escolhido.

Vemos a seguir o quadro 29, que apresenta os resultados de oralidade e escrita em relação à concordância verbal.

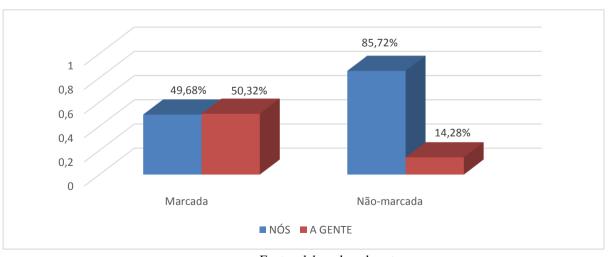
Quadro 29 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável concordância verbal

GRUPO DE FATORES	NÓS		A GENTE	
	N° DE OCORRÊNCIAS	%	Nº DE OCORRÊNCIAS	%
Marcada	77/155	49,68	78/ 155	50,32%
Não-marcada	6/7	85,72	1/7	14,28%

Fonte: elaborado pela autora.

Quando colocamos juntos os dados de escrita e oralidade, percebemos que a tendência primordial dos nossos estudantes é a de realizar a concordância verbal. Podemos ver que, de todos os dados, 162 (cento e sessenta e duas) ocorrências da primeira pessoa do plural na posição de sujeito, em 155 (cento e cinquenta e cinco), o que equivale a 95,67%, foram realizadas a concordância do sujeito com o verbo, prevista nos manuais gramaticais. Depreendemos desse modo que a escola em análise tem atingido seu objetivo de trabalhar essa norma gramatical específica com os estudantes. Contudo, notamos também que, dos dados onde não houve a concordância, do total de 7 (sete), 6(seis), que representam 85,72% das ocorrências, foram de não-concordância do pronome *nós*. Portanto, podemos afirmar que o falante que emprega o SN *a gente* tende a realizar mais concordância, ao contrário daquele que escolhe o pronome tradicional *nós*. Visualizamos essa afirmação no gráfico 23:

Gráfico 23 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável concordância verbal



Quando analisamos os quadros de tipos textuais de oralidade e escrita, percebemos que houve uma certa tendência em ambas.

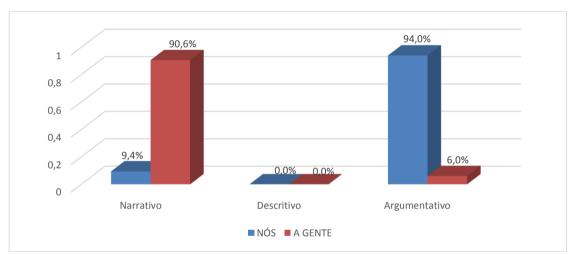
Vejamos o Quadro 30 e, na sequência, o Gráfico 24:

Quadro 30 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável tipo textual

GRUPO DE	NÓS		A GENTE		
FATORES	N° DE	%	Nº DE	%	
	OCORRÊNCIAS		OCORRÊNCIAS		
Narrativo	10/106	9,4%	96/106	90,6%	
Descritivo	0/0	0%	0/0	0%	
Argumentativo	78/83	94%	5/83	6%	

Fonte: elaborado pela autora.

Gráfico 24 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável tipo textual



Fonte: elaborado pela autora.

A tendência estabelecida no uso do fenômeno diante dessa variável foi que, como observamos no Quadro 30 e no Gráfico 24, na escrita, obtivemos preponderância do texto argumentativo, ao passo que, na oralidade, a preponderância ocorreu no texto narrativo. No momento em que associamos os dados de escrita com os dados de oralidade em relação ao tipo textual, temos que em 90,6% das ocorrências do texto narrativo a escolha foi pelo SN *a gente* e, no texto argumentativo, 94% das escolhas foram do pronome tradicional *nós*.

Outro elemento que nos chamou a atenção foi o fato de os estudantes se prenderem totalmente às características dos textos produzidos. Quando solicitamos que os estudantes narrassem alguma situação envolvendo violência doméstica, obtivemos narrativas com todas as características básicas, repetições, vícios de linguagem, variações fonéticas, interrupções, formas verbais e vocábulos com ausências de morfemas e maior produtividade da variante

inovadora de 1ª PP a gente, características próprias da oralidade. Quando solicitamos que os alunos escrevessem sobre o tema "Violência Doméstica", diferentemente, eles produziram textos argumentativos ou dissertativos empregando mais a forma clássica da variante de 1º PP nós, buscando apresentar um estilo mais formal.

Apresentamos abaixo o quadro 31 com os resultados da variável sexo em relação à oralidade e escrita

Quadro 31 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável extralinguística sexo

**GRUPO DE FATORES** NÓS A GENTE

N° DE N° DE % % **OCORRÊNCIAS OCORRÊNCIAS** Masculino 48/71 23/71 32,4% 67,6% Feminino 40/118 33,9% 78/118 66,1%

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à variável sexo notamos que 67,6% das ocorrências do pronome tradicional nós, foi empregada pelo falante masculino. Já em relação ao SN a gente, constatamos que 66,1% sexo feminino o empregou. Então, seguindo a tendência já apontada pelos outros trabalhos, podemos afirmar que nossa hipótese foi confirmada, pois sexo feminino, tido como responsável pela propagação de vocábulos inovadores na língua e de estar à frente das mudanças, também em nossa pesquisa foi quem mais empregou a forma inovadora a gente. Confirmamos isto no gráfico 25:

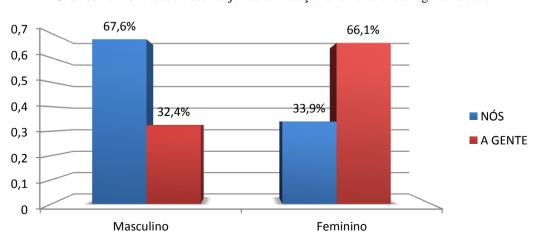


Gráfico 25 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável extralinguística sexo

Conforme percebemos, nos resultados gerais (escrita + oralidade), apenas as variáveis modalidade textual, função sintática, tipos textuais e sexo não apresentaram *knockout*. Todavia, se observarmos os resultados encontrados na variável linguística natureza semântica do sujeito obtivemos um *knockout* apenas no fator P1+P2/P5. Desse modo, amalgamamos os fatores P1+P2/P5 e P1+P3/P6, obtendo apenas um fator semântico, P1+outra pessoa, e eliminamos, dessa maneira, um caso de *knockout*. Assim, encontramos os seguintes valores percentuais no Quadro 32:

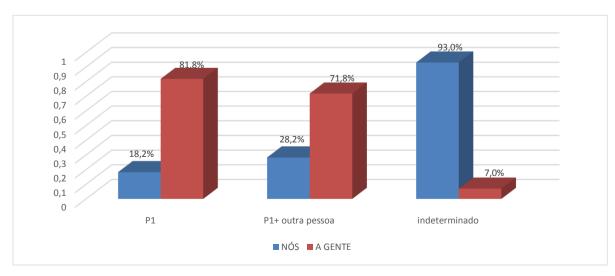
Quadro 32 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do sujeito

GRUPO DE	NÓS		A GENTE		
FATORES	N° DE OCORRÊNCIAS	%	N° DE OCORRÊNCIAS	%	
P1	4/22	18,2%	18/22	81,8%	
P1+ outra pessoa	31/110	28,2%	79/110	71,8%	
Indeterminado	53/57	93%	4/57	7%	

Fonte: elaborado pela autora.

Notamos que a maior porcentagem de ocorrências se dá no índice de indeterminação do referente (93%) em relação ao pronome tradicional *nós*, provavelmente por ter sido a forma escolhida pelos estudantes para representarem na escrita, que é a modalidade formal da língua para responderem a perguntas que eram temas para discussões. Outro índice que nos chama a atenção se refere à natureza semântica P1=eu do SN *a gente*, pois (81,8%) das ocorrências da primeira pessoa pronominal se deram com referência a natureza mais inclusiva **eu** no lugar de eu=outra pessoa. Visualizamos isto no gráfico abaixo:

Gráfico 26 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável natureza semântica do sujeito



Após essas constatações, eliminamos da segunda rodada as variáveis com *knockout* (paralelismo formal e concordância verbal) e consideramos as variáveis modalidades textuais, função sintática, natureza semântica, tipos textuais 2 e sexo, e rodamos os dados em busca dos pesos relativos. O programa selecionou apenas as variáveis modalidade textual e função sintática como estatisticamente relevantes e eliminou as demais variáveis da rodada. Seguem abaixo os quadros e gráficos variáveis com as especificações correspondentes:

Quadro 33 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável modalidade textual

VARIÁVEL LINGUÍSTICA MODALIDADE TEXTUAL						
GRUPO DE	1100 A GENTE					
FATORES	Nº DE OCORRÊNCIAS	%	P.R	N° DE OCORRÊNCIAS	%	P.R.
Texto oral	10/106	9,4%	0,09	96/106	90,6%	0,91
Texto escrito	78/83	94%	0,95	5/83	6%	0,05

Input: 0,458 Significance: 0,001 Loglikelihood: -46.176

Fonte: elaborado pela autora.

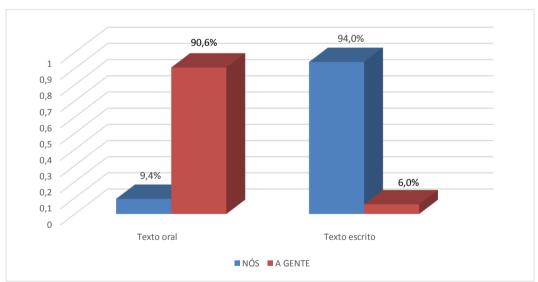


Gráfico 27 - Variável modalidade textual oralidade e escrita

Fonte: elaborado pela autora.

Os pesos relativos do quadro variável linguística modalidade textual, nos indicam que o SN *a gente*, mais é produtivo na modalidade oral, ou seja, o PR 0,91 (90,6%) nos mostra que a oralidade é o fator que condiciona a escolha do SN *a gente* no lugar do pronome *nós*. Porém, na modalidade escrita, podemos notar a alta produtividade do pronome *nós*. O

programa nos forneceu o PR 0,95 (94%) indicando que a escrita é o fator que condiciona a escolha pelo pronome tradicional. Notamos o quadro a seguir:

Quadro 34 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática

VARIÁVEL LINGUÍSTICA FUNÇÃO SINTÁTICA						
GRUPO DE FATORES	NUS A CELLULO					
	N° DE OCORRÊNCIAS	%	P.R	N° DE OCORRÊNCIAS	%	P.R.
Sujeito	86/162	53,1%	0,62	76/162	46,9%	0,38
Não-sujeito	2/27	7,4%	0,05	25/27	92,6%	0,95

Fonte: elaborado pela autora.

Em relação à função das modalidades: oral e escrita no quadro de variável linguística sintática, os dados estatísticos nos indicam que o SN *a gente* tem maior produtividade na posição de não-sujeito (92,6%) PR 0,95, ao passo que o pronome *nós*, tem baixa produtividade nessa mesma função (7,4%), PR 0,05. Então, podemos dizer que o SN *a gente* apresenta maior probabilidade de ser empregado na função de não-sujeito. Contudo, ao observarmos as ocorrências das variantes dependentes na posição de sujeito, constatamos que (53,10%), PR 0,62, incide sobre a escolha pela forma tradicional *nós*.

Gráfico 28 - Oralidade e escrita juntas em relação à variável função sintática 92,6% 1 0,9 0.8 53,1% 0.7 46,9% 0.6 0,5 0.4 7.4% 0.3 0.2 0.1 Sujeito Não-suieito ■ NÓS ■ A GENTE

Fonte: elaborado pela autora.

Sendo assim, o gráfico 28 indica claramente uma leve distinção de percentuais entre as variantes dependentes de 1ª PP na posição de sujeito, contudo, ao observarmos a posição de não-sujeito, visualizamos a enorme diferença de percentuais entre o emprego do SN *a gente* e

o pronome *nós* na posição de não-sujeito. Vemos que a forma inovadora é bastante empregada em outras posições, excerto a de sujeito.

Realizamos assim o percurso pelas variáveis linguísticas e extralinguísticas, nas quais os resultados foram apresentados em forma de quadros e gráficos e discutidos juntamente às hipóteses construídas. Como complementação à investigação realizada, sentimos a necessidade e nos interessamos ainda em perceber qual é a avaliação social do uso das formas a *gente/ nós* na comunidade pesquisada.

## 4.3.3 Avaliação social das formas variantes na escola

Retomamos, nesse momento, ao problema da avaliação social das formas variantes conforme discutimos na subseção **Problemas de mudança linguística**. Em consonância ao já posto nesta seção, estamos cientes de que toda e qualquer mudança ou variação linguística gera impactos que podem ser compreendidos como positivos ou negativos. Tradicionalmente, os povos, nações ou, até mesmo, pequenas comunidades de fala possuem seu repertório linguístico e, qualquer alteração nesse repertório, poderá gerar estranhezas, aceitações ou rejeições. Coelho *et al.* (2010, p.103) afirmam que "há um reconhecimento social sobre as formas que estão em variação e mudança que pode ser medido pelas reações negativas ou positivas dos falantes". Os autores referem-se às reações que são obtidas através dos resultados da aplicação de testes que permitem, a depender das respostas dos falantes, averiguar o grau de aceitação ou rejeição da variação linguística à qual se está investigando.

Menon (1995, p.402) afirma que existe uma forma de concordância entre as variantes dependes nós/a gente que é muito marginalizada. Trata-se da concordância verbal tradicional, com o morfema – mos, próximo do SN *a gente*. Agostinho e Coelho (2015) chamam atenção para o perigo da avaliação social sobre as escolhas lexicais dos falantes. A questão reside em compreendermos que não é simplesmente uma comunidade falar diferente de outra comunidade. O problema é que a comunidade que não fala conforme o modo da classe dominante vai receber um rótulo de que não sabe a língua, que é ignorante, que a sua forma de falar é desprestigiada e isso reflete negativamente sobre o nível social do falante. Assim não só uma variedade linguística é desprestigiada, mas toda a comunidade que usa aquela variedade.

Por outro lado, se o indivíduo tiver conhecimento acerca das variedades linguísticas, suas riquezas e importância para uma comunidade e compreender que não existe uma variedade superior à outra, mas que todas são igualmente úteis e importantes na medida em

que acarretam, em si mesmas, valores e ideais históricos, morais, culturais e sociais, estes, poderão proporcionar compreensão acerca da diversidade linguística e quiçá contribuir para o desaparecimento do preconceito linguístico e social no nosso país.

Nada melhor do que o conhecimento para se combater o preconceito. Muitas vezes, agimos com preconceito em uma determinada situação por desconhecimento, ou seja, rejeitamos aquilo que nos é estranho. Assim também ocorre com os aspectos linguísticos que são diferentes do nosso modo de falar, que é considerado de prestígio social. Por vezes, a avaliação social que o falante faz é inconsciente e outras vezes consciente. Os níveis de consciência a respeito da avaliação social das variantes não são os mesmos. De acordo com Coelho *et al.* (2010, p.33), eles são divididos em três níveis, a saber: estereótipo, marcadores e indicadores.

Os estereótipos – são aspectos linguísticos observados de forma consciente. O falante tem certeza de que aqueles determinados aspectos linguísticos o desagradam por pertencer a uma comunidade linguística desprestigiada socialmente, ou ser valorizado em um grupo, entretanto, repudiado em outro grupo. As diferenças linguísticas regionais relacionadas aos fonemas, a diferenças entre o falar urbano e o falar rural, são alguns fatores que contribuem para o estabelecimento de estereótipos linguísticos.

Os marcadores estão voltados para as estratificações sociais e estilísticas e a avaliação social negativa ocorre de forma consciente, pois os falantes julgam certas palavras como feias, erradas, porém inconscientemente as usam, ou seja, não percebem que empregam no seu falar justamente a forma que afirmam não usar. Os marcadores são traços linguísticos que não chegam a sofrer estigma social.

Os indicadores possuem o menor nível de conscientização em relação à avaliação social do uso das variantes. São traços linguísticos dentre os quais ocorreria menos avaliação. Geralmente esses traços estão correlacionados às diferenças entre as gerações: falar do jovem X falar do idoso, sutis diferenças regionais ou de grupos sociais, enfim são pequenos desvios morfofonológicos que não chamam a atenção. Não são marcantes e apresentam suaves distinções. Dessa forma, essas divergências não causam nenhum pré-julgamento.

Explicado o que movimenta a avaliação de um indivíduo, traremos como exemplo a fala de uma estudante/participante de nossa pesquisa se referindo a uma conversa que teve com o delegado que havia prendido seu irmão:

(38) [...] "Aí ele foi preso [...] quando **a gente** chegou lá já tinha soltado ele, e aí eu peguei, **a gente** ficou feliz né porque foi muita oração também [...] o delegado falou que ele vai ser preso de novo e NÓS não vamos soltar ele... **A gente** nisso aí falando de Jesus pra ele". (TPS)

Observemos que ela emprega o SN *a gente* três vezes em sua própria fala, mas, quando ela cita a fala do delegado, ela emprega o pronome *nós*. Como entendermos isso? Primeiro acreditamos que essa adolescente reproduziu a fala do delegado tal qual ele pronunciou, e ela não a omitiu, mas fez questão de registrar da mesma forma. Notamos, assim, que a fala do delegado é diferente da fala da adolescente. Trata-se de um homem adulto, de nível superior, classe média e possui autoridade. Ela, uma adolescente, estudante do Ensino Fundamental e de classe baixa. Então, podemos entender que o modo de falar da adolescente reafirma sua cultura e ela faz questão de destacar essa diferença em relação à fala do delegado. Percebemos desse modo que o emprego das variantes por ela faz uma demarcação social e estilística.

Portanto, com os objetivos de (i) analisar a escolha entre as variantes, nós e a gente; (ii) averiguar se a forma inovadora é bem aceita ou não pelos estudantes e professores; e (iii) como está o índice de aceitação em relação ao seu uso nas modalidades oral e escrita, aplicamos questionários<sup>18</sup> na turma do 9º ano do EF e aos professores de LP da escola sobre a avaliação social do uso das variantes dependentes *nós/a gente*. Esclarecemos que os modelos utilizados foram adaptados das amostras utilizados pelas autoras Agostinho e Coelho (2015), direcionado aos professores, e da autora Silva-Brustolin (2009), direcionado aos estudantes.

No questionário direcionado aos estudantes, estão postas 06 (seis) questões, sendo que cada questão apresenta 04 (quatro) opções de escolha, onde o estudante pôde optar por uma ou mais alternativas que julgou pertinente. As questões propostas foram elaboradas de forma clara e objetiva que levaram o estudante a refletir sobre sua oralidade em relação às formas variantes da 1ª pessoa do plural; quais ele costuma empregar em contexto de formalidade e informalidade; quais ele rejeita; quais as prováveis concordâncias já realizadas que ele empregaria no seu modo de falar em diferentes situações sociais. O questionário foi respondido por 24 (vinte e quatro estudantes) da turma pesquisada.

Já o questionário direcionado aos professores, é composto por 12 (doze) questões que buscam a opinião do professor a respeito da sua própria prática pedagógica. Procuramos, nesse instrumento, descobrir como o professor avalia o falar do seu aluno e levar o professor a refletir sobre os conteúdos que trabalha nas aulas de português e, em especial, sobre os conhecimentos linguísticos a respeito das variedades da LP e, também, provocar uma reflexão sobre como o professor avalia o aprendizado de seus estudantes. Solicitamos, com o propósito de montar o perfil social dessa categoria, informações sobre a trajetória profissional, como a

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Conforme Apêndice 04.

formação e tempo de experiência. O questionário foi respondido por 05 (cinco) professores de Língua Portuguesa da escola pesquisada.

## 4.6.3.1 Análise da avaliação social das formas variantes na escola

Então, de posse de todo esse material, realizamos uma tríplice análise contrapondo os dados produzidos pelos estudantes em (i) contexto de oralidade mais informal e escrita mais formal; (ii) avaliação social das variantes: nós e a gente pelos próprios estudantes — o que o estudante diz que faz/fala é, realmente, o que faz/fala?; e (iii) a avaliação social dos professores sobre as variantes objeto de estudo. Os dados encontrados nas produções dos estudantes corroboram com o que os professores informaram que fazem em sua prática pedagógica?

Movidos por essas questões, analisamos e discutimos as escolhas dos alunos e professores em relação ao uso de *nós e a gente* em contexto da modalidade oral e escrita. Nesse momento, elegemos como forma de exposição, primeiro, apresentarmos a pergunta com as opções disponibilizadas; em seguida, colocamos um quadro com as quantidades de escolhas, a porcentagem condizente e as opções correspondentes; e na sequência, finalizando o momento de visualização dos dados, inserimos um gráfico para melhor ilustração. Apenas, a partir do exposto, tecemos comentários a respeito do que foi observado nos resultados dos questionários usando como suporte os dados apresentados no quadro e no gráfico, anteriormente expostos.

Os estudantes fizeram as seguintes escolhas em relação às questões:

Questão Nº 1 – De que forma você nunca falaria?

Opções linguísticas
1 - "Nós vamos estudar"
2 - "Nós vai estudar"
3 - "A gente vai estudar"
4 - "A gente vamos estudar"

Quadro 35 - Respostas à questão número 1

	Quaur	<i>J J J</i> I I I I	spostas a questao numero r	
Opções	Quantidade total de		Quantidade de alunos do	Quantidade de alunos do
	alunos que escolheram a	%	sexo feminino que	sexo masculino que
	opção:		escolheram a opção:	escolheram a opção:
2 e 4	08/24	34%	02/08	06/08
2	02/24	8%	01/02	01/02
3 e 4	01/24	4%		01/01
2, 3 e 4	02/24	8%	01/02	01/02
4	11/24	46%	08/11	03/11

Quantidade total de alunos em relação à opção linguística

O2, 03 e 04

02, 03 e 04

8%

03 e 04 8%

4%

Gráfico 29 - Respostas à questão número 1

Constatamos que 46% dos estudantes rejeitaram a opção 4, o SN *a gente* com concordância no plural. Outra parcela expressiva de rejeição foi com relação à opção 2, a qual apresenta o pronome *nós* com verbo fazendo concordância no singular. Notamos, também, que dois estudantes informaram "nunca" falar usando a forma *a gente* e o pronome *nós* com concordância não marcada. Então, podemos concluir que a maioria dos estudantes rejeitou as duas formas que não seguem as normas gramaticais tradicionais ensinadas na escola.

Questão Nº 2 – Qual opção você considera melhor para se expressar na escrita?

Opções linguísticas	
1 - "Nós vamos à festa"	
2 - "Nós vai à festa"	
3 - "A gente vai à festa"	
4 - "A gente vamos à festa"	

Quadro 36 - Respostas à questão número 2

Opções	Quantidade de alunos que		Quantidade de alunos do	Quantidade de alunos do
	escolheram a opção	%	sexo feminino que	sexo masculino que
			escolheram a opção:	escolheram a opção:
01	15/24	63%	08/15	07/15
02	02/24	8%	02/02	
03	02/24	8%	02/02	
04	02/24	8%		02/02
01 e 03	03/24	13%		03/03

 ${f Gr{a}fico~30}$  - Respostas à questão número 2



Em relação à escrita, percebemos que a maioria dos estudantes, 63%, informou que considera a forma tradicional, pronome nós + verbo no plural, melhor para se expressar na escrita, configurando assim concordância tida correta pela gramática normativa. Se somarmos os 63% que assinaram apenas a opção 01 mais os 13% que além da opção 01, também escolheram a opção 03, à qual segue a orientação normativa, podemos afirmar que 76% dos estudantes valorizam as formas canônicas na escrita.

Questão Nº 3 – Que forma você falaria, mas considera ruim?

Opções linguísticas
1 - "Nós vamos à Porto Seguro"
2 - "Nós vai à Porto Seguro"
3 - "A gente vai à Porto Seguro"
4 - "A gente vamos à Porto Seguro"

Quadro 37 - Respostas à questão número 3

Opções	Quantidade total de alunos que escolheram a opção:	%	Quantidade de alunos do sexo feminino que escolheram a opção:	Quantidade de alunos do sexo masculino que escolheram a opção:
1	01/24	4%	01/01	
2	13/24	54%	06/13	07/13
3	05/24	21%	04/05	01/05
1 e 4	04/24	17%	03/04	01/04
2 e 3	01/24	4%		01/01

Quantidade total de alunos em relação à opção linguística

02 e 03
4%
01 e 04
17%
03
21%
02
54%

Gráfico 31 - Respostas à questão número 3

Em relação à 3ª pergunta que se refere como os estudantes falariam, contudo consideram ruim, aproximadamente metade dos estudantes 54% escolheram a opção 2, que corresponde ao pronome *nós* + concordância verbal não-marcada, e 38% escolheram a forma inovadora *a gente* com ambas as concordâncias, prevista e não-prevista. Por essas respostas, notamos que, mesmos os estudantes afirmando que preferem, na oralidade, o SN *a gente*, eles o consideram ruim.

Questão Nº 4 – Que forma você não falaria e ainda acha ruim?

Opções linguísticas
1 - "Nós vamos à praia domingo"
2 - "Nós vai à praia domingo"
3 - "A gente vai à praia domingo"
4 - "A gente vamos à praia domingo"

Quadro 38 - Respostas à questão número 4

Opções	Quantidade total de alunos que escolheram a opção	%	Quantidade de alunos do sexo feminino que	Quantidade de alunos do sexo masculino que
			escolheram a opção:	escolheram a opção:
1	1/24	4%		01/01
2	8/24	33%	03/08	05/08
3	04/24	17%	02/04	02/04
4	06/24	25%	05/06	01/06
3 e 4	01/24	4%		01/01
2 e 4	03/24	13%	01/03	02/03
2,3 e 4	01/24	4%	01/01	

Quantidade total de alunos em relação à opção linguística

02 e 04
13%
03 e 04
4%
04
25%
03
17%

Gráfico 32 - Respostas à questão número 4

Na resposta à questão nº 4, "que forma você não falaria e ainda considera ruim", os estudantes apresentaram mais opções de respostas. Contudo, apenas 01 (um) estudante rejeitou o pronome nós + terminação verbal – mos, ao lado de 58% dos estudantes que rejeitaram as formas pronominais, tanto a tradicional quanto a inovadora que não realizaram a concordância prevista.

Questão Nº 5 – Que forma você usaria em uma situação formal de escrita? (Para redigir um comunicado à direção ou produzir um trabalho escolar):

Opções linguísticas	
1 - "Nós estudamos na bib	olioteca"
2 - "Nós estuda na bibliote	eca''
3 - "A gente estudamos na	biblioteca"
4 - "A gente estuda na bib	lioteca"

Quadro 39 - Respostas à questão número 5

Opções	Quantidade total de alunos		Quantidade de alunos do	Quantidade de alunos do
	que escolheram a opção:		sexo feminino que	sexo masculino que
		%	escolheram a opção:	escolheram a opção:
01	19/24	79%	10/19	09/19
03	02/24	9%	01/02	01/02
01 e 03	01/24	4%		01/01
01 e 04	01/24	4%		01/01
04	01/24	4%	01/01	

Em relação às respostas da questão nº 5, que se refere ao contexto de escrita, em uma situação considerada como mais formal, 79% dos estudantes escolheram a forma do pronome tradicional nós + concordância no plural. Desse modo, em um momento de autoavaliação, mais uma vez, os estudantes demonstraram que preferem a forma pronominal canônica com concordância verbal marcada conforme orienta a gramática tradicional, por reconhecerem que essa forma atende melhor aos requisitos da situação proposta. Confirmamos isto, observando o gráfico das respostas abaixo:

Gráfico 33 - Respostas à questão número 5

Quantidade total de alunos em relação a opção linguistica

01 e 04

4%

03

9%

01

79%

Fonte: elaborado pela autora.

Destarte, muito mais do que a noção de "certo" e "errado", a nosso ver, há uma noção desenvolvida por parte dos discentes de formas de uso mais adequadas ou inadequadas à situação.

Em relação à questão Nº 6 – Que forma você usaria em uma situação informal? (Conversando com amigos)

Opções linguísticas		
1 - "Nós ganhamos a gincana"		
2 - "Nós ganhou a gincana"		
3 - "A gente ganhamos a gincana"		
4 - "A gente ganhou a gincana"		

Quadro 40 - Respostas à questão número 6

Opções	Quantidade total de alunos		Quantidade de alunos	Quantidade de alunos do
	que escolheram a opção:	%	do sexo feminino que	sexo masculino que
			escolheram a opção:	escolheram a opção:
02	07/24	29%	05/07	02/07
03	07/24	29%	05/07	02/07
04	07/24	29%	02/07	05/07
01 e 04	01/24	4%	01/01	
02 e 04	02/24	9%	02/02	

Acerca das respostas da questão nº06, que se refere à informalidade, os estudantes ficaram divididos entre as opções, porém destacamos que a opção mais escolhida foi concernente à forma inovadora + verbo no singular, perfazendo um total de 42% das escolhas. Em relação ao sexo, observamos que não há nenhuma diferença nas escolhas. Dessa forma, essa não constituiria uma variável extralinguística relevante para esse tipo de teste de atitude. Visualizamos esses resultados no gráfico 34:

Quantidade total de alunos em relação a opção linguistica

01 e 04 9%

4%

02
29%

03
29%

Gráfico 34 - Respostas à questão número 6

Fonte: elaborado pela autora.

Passamos, agora, a analisar as questões respondidas pelos professores que participaram do questionário. Todos os 05 (cinco) professores de LP da escola responderam o questionário composto de 13 (treze) questões, sendo 07 (sete) perguntas objetivas e 06(seis) dissertativas. Também fizemos um quadro com o perfil profissional dos docentes o qual poderá nos ajudar a compreender as respostas dos professores:

Professores /Perfil 2 3 5 Sexo Feminino Masculino Feminino Feminino Feminino Idade 30 anos 35 anos 37 anos 50 anos 57 anos Formação Letras Letras Letras Letras Superior Pública Particular Pública Pública Particular Instituição Tempo de +08 anos 10 anos 12 anos Não 13 anos <del>ชา</del>ลสมเลดจัก informou Pós-graduação Mestrado Especialização Especialização Especialização Não tem Tempo de +10 anos + 05 anos + 10 anos +10 anos + 30 anos experiência docente

Quadro 41 - Perfil dos professores

Através das informações desse quadro, podemos observar que todos os professores da escola são graduados, apenas um não tem especialização e todos têm muitos anos de formação e experiência em sala de aula. Todos têm formação específica para lecionar Língua Portuguesa. Uma professora já tem tempo de trabalho suficiente para aposentar, mas prefere continuar trabalhando para não ter perdas salariais. Dentre os 05 (cinco) professores, há apenas 01 (um) do sexo masculino. Todos que informaram estudar em instituição pública são da mesma universidade, a saber, UNEB — Universidade do Estado da Bahia. Uma professora já concluiu o mestrado em Universidade Pública.

Questões objetivas sobre aspectos da variação linguística no processo de ensinoaprendizagem da Língua Portuguesa:

Quadro 42 - Respostas dos professores às questões linguísticas

O ensino da LP	Prof. 1	Prof. 2	Prof. 3	Prof. 4	Prof. 5
1ª - Como está o português dos seus alunos?	Varia de bom a muito bom	Bom	Varia de ruim à insatisfatório	Varia de ruim a bom	Varia de ruim a bom
2ª - Como você vê a variação linguística na escola?	Diferentes formas de se expressar	Comunidades linguísticas distintas dentro da sociedade	Diferentes formas de se expressar	Diferenças regionais e Diferentes formas de se expressar	Diferença entre fala de alunos e professor
3ª - Como você considera o SN <i>a gente</i> no lugar de <i>nós</i>	Aceitável na escrita informal	Aceitável na fala coloquial	Aceitável na escrita informal	Aceitável na fala coloquial e na escrita informal	Aceitável na fala formal e na escrita informal
4ª - Você considera necessárias mudanças no ensino da língua em que aspecto?	Nos currículos	Na formação docente nos currículos	Nos currículos e nos livros didáticos	Nos livros didáticos e na formação docente nos currículos e nos PCN's	Nos livros didáticos e na formação docente
5 <sup>a</sup> - Você considera importante trabalhar com o aluno sobre variações linguísticas?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
6ª - Você trabalha o SN a <i>gente</i> ?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
7ª - O entendimento do que seja "erro" em LP tem sofrido alterações no ensino?	Sim	Não respondeu	Sim	Não respondeu	Sim

Três professores consideram o português dos seus alunos de ruim a bom. Destacamos que a professora número 3, considera negativamente o português dos seus alunos e a professora número 1, considera bom a muito bom. Em relação à 2ª pergunta, entendemos que os professores têm uma boa compreensão acerca das variações linguísticas, apenas a professora nº 5, não demonstra compreender o conceito de variação linguística, embora, como veremos no decorrer da análise, entenda a necessidade de trabalhar com fenômenos de variação em sala.

Em relação à questão número três, todos os professores consideram o SN *a gente* aceitável na fala e no estilo informal. Quando perguntado aos professores se o ensino da Língua Portuguesa precisa de mudanças, os professores responderam que sim e apontaram onde essas mudanças devem ocorrer, a saber, nos currículos, na formação docente e nos livros didáticos. Todos os professores entendem que o conceito de erro em Língua Portuguesa tem sofrido alterações. Os professores afirmam trabalhar o SN *a gente* e consideram importante trabalhar variação linguística.

No momento em que observamos o quadro que traz as considerações dos professores sobre alguns exemplos da variação linguística na Língua Portuguesa, notamos que a maioria dos professores considera os exemplos apresentados como variação linguística, porém a professora número 3, e número 5, consideram a não-concordância verbal como erro, reafirmando assim, a força da tradição gramatical e resistência a uma nova concepção do que seja erro em LP. Analisamos agora o quadro 43:

Quadro 43 - Respostas dos professores sobre variação linguística

Variação linguística	Prof. 1	Prof. 2	Prof. 3	Prof. 4	Prof. 5
Sotaque e/ou uso de palavra como "angu" (polenta), "jerimum" (abóbora)	Variação linguística	Variação linguística	Variação linguística	Variação linguística	Variação linguística
Pronúncia "véio" por "velho"	Popular, gíria, variação sociocultural	Variação linguística	Variação linguística	Variação linguística	Variação linguística
Concordância: (nós vai, a gente fomos)	Vício de linguagem e variação sociocultural	Outros (não citou)	Erro	Variação linguística e falta de cto. das normas	Erro
Sentença: "a gente vai" por "nós vamos"	Linguagem informal e formal	Outros (não citou)	Variação linguística	Variação linguística	Erro

Já em relação às questões dissertativas sobre aspectos do ensino da variação linguística na Língua Portuguesa, conforme mencionado, notamos que todos os professores consideram importante trabalhar o ensino da variação linguística e justificam essa importância fazendo referência à distinção entre fala e escrita e a necessidade de adequação ao contexto de comunicação.

A Professora número 1, diz que a noção do erro tem mudado devido ao "trabalho mais voltado para o respeito às diferentes formas de expressão do falante", a professora número 3, disse que a mudança na noção do erro em Língua Portuguesa ocorre devido a uma maior "valorização do falante" e os professores 2,4 e 5, consideram essa mudança ruim para o ensino da Língua Portuguesa.

Em relação à pergunta: O que você entende por erro? Quatro professores consideraram erro o desvio da norma culta e o não cumprimento das normas gramaticais. Vale destacar o posicionamento da professora número 1, que não considerou erro os desvios linguísticos da norma padrão ou culta, contudo não deixa de trabalhar essas questões, pois acredita no poder da inclusão social através do desenvolvimento da fala e da escrita.

Os professores número 3, 4 e 5, acreditam que os alunos acham o português difícil devido à quantidade de normas gramaticais e suas exceções, a professora número 1, no entanto, menciona que acredita que a culpa é da metodologia "estanque" e de "memorização" e a professora número 2, atribui a consideração por parte dos discentes de que o português é difícil a "tabus" e à falta de discernimento entre fala e escrita.

Perguntado aos professores se a forma correta de falar é a que se aproxima da escrita, os professores número 3 e 5, afirmaram que sim, o professor número 4, disse que a forma correta de falar é a que faz com que o falante seja compreendido e a professora número 1, afirmou, por seu turno, que a fala e a língua são modalidades distintas que exigem construções também distintas. No quadro a seguir, inserimos a síntese dessas questões:

Quadro 44 - Síntese das questões dissertativas sobre aspectos da LP

	1	Essa é a maneira de refletirmos sobre os aspectos históricos, geográficos, sociais e culturais da língua	
1 <sup>a</sup> - Por que é importante	2	Precisamos diferenciar a linguagem oral da escrita	
trabalhar variação linguística	3	Para que saiba adequar sua linguagem às diversas situações comunicativas.	
	4	Por que nosso país é rico em variação linguística	
	5	Por que desenvolve a fala e a escrita	

		_				
	1	Para dialogarmos cto acerca das diferentes formas de fala () para entendermos o uso dessa locução pronominal				
2 <sup>a</sup> - Por que você trabalha o SN	2	Por que precisamos diferenciar a linguagem oral da escrita				
a gente?	3	Para que saibam quando e como utilizar.				
-	4	Por que faz parte da linguagem da maioria dos brasileiros				
	5	Por que é uma variação linguística				
	1	Podemos vivenciar o movimento da língua de maneira mais ampla, observa-se um trabalho mais voltado para o respeito às diferentes formas de expressão do falante, forma de amenizar o preconceito linguístico.				
3 <sup>a</sup> - O que você pensa sobre o entendimento de que o conceito	2	Isso pode ser perigoso, pois se "soltarmos" muito às "rédeas" os desvios de linguagem podem se manifestar de maneira quase irreversível na escrita, o que prejudica no desempenho final do aluno.				
de "erro" em LP tem sofrido alterações no ensino?	3	As regras gramaticais excessivas têm entrado em desusos e o falante tem sido mais valorizado.				
	4	O erro em LP hoje não é visto como algo grave, dessa forma as pessoas acabam banalizando o aprendizado da língua em uso.				
	5	O entendimento do "erro" em língua portuguesa, tem sofrido alterações. A prática da falta de leitura tem contribuído.				
4ª - O que você entende por erro de Língua Portuguesa?	1	Entendo que pela língua perpassam a linguagem formal e informal, sendo o processo de variação inevitável, porque somos falantes ativos, criativos e interativos. Nesse sentido, não concebo nenhum falar ou os diferentes falares a partir da noção de "erro". Esclarece-se que mesmo tendo esse entendimento busco interagir conhecimentos com os educandos com o objetivo de alcançarmos mais saberes acerca da língua, pois entendemos que a oralidade, a leitura e a escrita são instrumentos de maior participação social, de empoderamento do sujeito.				
	2	O erro na LP deve ser visto como um desvio na norma culta língua.				
	3	Aquilo que interfere e prejudica diretamente a comunicação.				
	4	O não cumprimento das regras gramaticais.				
	5	Uma ortografia fora do padrão da escrita				
	1	A forma que são disseminados os conhecimentos sobre a língua, muitas vezes pautados em conceito "definidos", "estanques", com base em memorização.				
5 <sup>a</sup> - O que faz alunos e até	2	Não discernir língua oral de língua escrita e os tabus que foram criados, ao longo do tempo sobre a disciplina.				
alguns professores dizerem que Português é difícil?	3	Pela grande quantidade de regras desnecessárias ao estabelecimento da comunicação.				
	4	As regras gramaticais e suas exceções.				
	5	Realmente, eles ficam apreensivos com os pronomes, verbos.				
	1	Não, a fala e a língua são duas formas diferentes da língua, exigem reflexões e construções diferenciadas.				
6ª - Em sua opinião a forma	2	Não, a forma correta de se falar é aquela que prima pela função essencial da língua a comunicação.				
correta de falar é a que se aproxima da escrita?	3	Sim porque facilita o estabelecimento da comunicação e populariza a escrita.				
-	4	A forma correta de falar é a que faz o falante ser compreendido em seu discurso.				

Fonte: elaborado pela autora.

Diante desses resultados, podemos afirmar seguramente que o "erro" na escola já está sendo repensado e refletido pelos docentes, que sentem essa necessidade, impulsionados pelas mudanças constantes da sociedade ou impulsionados pelas exigências formais de ensino. Contudo, ainda há muito a se avançar nas discussões teóricas e muito mais ainda a se avançar em uma melhor construção do que se pensa a respeito de diversidade e da forma que se atua na prática com relação a esse tema.

### **5 TRAÇANDO UMA ROTA**

# 5.1 A PROPOSTA DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Como culminância deste trabalho, elaboramos uma proposta de intervenção didático-pedagógica que consistia no estudo de letras de músicas brasileiras para exploração da oralidade, relacionando-a aos empregos dos pronomes pessoais do caso reto, especificamente o de 1ª pessoa do plural e o SN *a gente*, ressaltando o uso nas situações que exigirem seu emprego na forma culta.

Com esta proposta, pretendíamos envolver os participantes/educandos em algumas atividades que proporcionariam aos mesmos o cultivo tanto da expressão oral, quanto escrita de elementos indicados como desejáveis pela norma culta através da execução dos seguintes passos:

A priori, o docente deveria realizar:

- 1º A Seleção de letras de músicas brasileiras e observação da sua versatilidade no emprego dos pronomes pessoais;
- 2º A Elaboração de uma lista de nomes de músicas brasileiras nas quais poderiam ser explorados os pronomes pessoais.

A posteriori, os estudantes/participantes:

- 1º Acompanhariam a audição das músicas por meio de instrumento musical e, às vezes, por recurso tecnológico e distribuição da letra;
  - 2º Interpretariam a música, debaterão sobre o tema;
- 3º Realizariam atividade de: leitura, análise e reflexão sobre o emprego e variações linguísticas dos pronomes pessoais, especificamente de 1ª pessoa do plural e o SN *a gente*, abordados nas letras das músicas;
- 4º Realizariam produção textual escrita, preferencialmente usando o pronome pessoal de 1ª pessoa do plural e/ou o SN *a gente*, tema que foi abordado na música;
  - 5º Realizariam uma síntese oral da análise empreendida a partir da produção escrita;
- 6° Realizariam a uma atividade de escrita, para reflexão das variações linguísticas que envolvem o pronome pessoal de 1ªpessoa do plural e o SN *a gente*.

Finalizado a explanação sobre a proposta de intervenção pedagógica, situamos, por meio de um sucinto relatório, como se deu a Oficina.

### 5.1.1 A Oficina pedagógica

A Oficina como uma atividade pedagógica constitui-se em um momento de aprendizado e reflexão. Para aplicação da proposta de intervenção, planejamos uma Oficina com disponibilidade de trabalharmos o conteúdo linguístico em quatro horas/aulas distribuídas em dois dias.

Nessa Oficina, foram exploradas as formas variantes da 1ª pessoa do plural, o pronome *nós* e o SN *a gente*, expresso nas letras musicais, com o propósito de observarmos a função que essas formas desempenham; a que fazem referência; quais os contextos de oralidade e de poesia musical em que estão presentes; bem como a concordância linguística, entre outros elementos. Desejamos assim, levar o estudante a entender que os pronomes são elementos linguísticos importantes na produção textual tanto escrita, quanto oral e que sofrem variações. Contudo, devemos saber empregar a variedade padrão e a variedade coloquial de forma adequada à nossa fala e nossa escrita, a depender da situação social, valorizando as variedades diferentes da nossa, evitando desse modo, o preconceito linguístico.

O material elaborado para essa Oficina é composto pelas letras das músicas exploradas (letras digitalizadas e áudios gravados), das atividades escritas e dinâmica de oralidade. Ao final da pesquisa e apuração dos resultados, reanalisamos o material trabalhado na Oficina com o objetivo de adequá-lo se necessário e, posteriormente, entregá-lo à escola e distribui-lo aos professores de Língua Portuguesa.

#### 5.1.1.1 O relatório da intervenção pedagógica

Nos dias 26, 27 e 28 de setembro do ano 2016, realizamos, na Escola Municipal Gabriel José Pereira, uma Oficina pedagógica com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, selecionados a participarem da pesquisa empreendida para a nossa dissertação.

Após aplicação de atividades para levantamento de dados escritos, entrevistas gravadas para obtenção de dados orais e análise de todos esses dados recolhidos, elaboramos uma proposta de intervenção pedagógica com o objetivo principal de promover reflexão acerca das variações linguísticas, em especial, a variação que ocorre entre o pronome *nós* e o SN *a gente* e sua adequação ao contexto social de produção oral ou escrito em que seja necessária a utilização de tais formas.

Iniciamos no dia 26 de setembro, a Oficina com todo o material preparado e de posse do planejamento da mesma para que tudo ocorresse sem interrupções. Ao adentrarmos na sala, notamos que os alunos da turma foram receptivos, pois já nos conheciam e se mostraram interessados e curiosos em saber como seria a aula. Apresentamos o plano sucintamente e propusemos um diálogo a respeito da Linguagem e suas formas de manifestação. Muitos alunos deram opiniões expressando o que seria linguagem. A partir das falas dos alunos, fomos organizando os conteúdos que, esporadicamente, iam surgindo, até que elencamos todos que seriam contemplados nas atividades da Oficina.

Em seguida, distribuímos aos mesmos a cópia com a letra da música que trabalharíamos e colocamos o áudio. Apressamos em alertá-los que, talvez, a sonoridade da música não os agradasse devido ser composta em 1967 em um ritmo lento, instrumental e permeado de vozes de coral e contracantos. Para nossa surpresa, os alunos gostaram muito da música, balançaram-se ao som e tentaram acompanhar. No final da audição, pediram para a nossa surpresa, que a colocássemos novamente.

Demos início então a um diálogo coletivo acerca da música e muitos participaram expondo seu entendimento. A partir disso, através de uma pequena dinâmica, dividimos a turma em 05 grupos de cinco estudantes, apresentamos as atividades propostas para o dia e as entregamos. Ficamos circulando entre os grupos, oferecendo apoio, esclarecimentos necessários e incentivos. Assim, fizemos algumas orientações nos grupos que solicitaram e estimulamos alguns membros que não estavam interessados em participar. Ao final das duas aulas, as atividades foram recolhidas e as aulas encerradas.

No segundo momento, no dia 27 de setembro, começamos as aulas com a distribuição de um "mimo" e uma pequena mensagem de incentivo. Novamente colocamos o áudio da música para adentrarmos ao tema e aos conteúdos trabalhados no dia anterior. Com a participação dos alunos, fizemos a retomada do assunto, pedimos para se reunirem nos grupos e continuarem a execução das atividades. A atividade desenvolvida ocorreu sem intercorrência alguma. Quase todos os alunos se envolveram muito nas questões propostas, muita conversa entre si, às vezes chamando-nos para esclarecê-los ou ajudá-los a sintetizar as opiniões.

Após a conclusão das atividades propostas, pedimos aos grupos que formassem um único grupo e que participassem oralmente expondo suas ideias sobre a atividade. Foi um momento extremamente proveitoso. Depois dessa sistematização, solicitamos aos estudantes que eles produzissem um pequeno texto escrito, no qual as ideias discutidas oralmente e em grupo fossem registradas e que, também, nesse texto, fosse registrado seu ponto de vista.

No terceiro dia, 28 de setembro, reunimo-nos para que os alunos transcrevessem, para folha destinada a isso, as produções escritas. Iniciamos assim uma retomada sobre os assuntos

trabalhados durante a Oficina, a saber: linguagem formal e informal; modalidade escrita e modalidade padrão; variações linguísticas; respeito à diversidade de falares no país; variação da 1ª p. do plural; e adequação linguística e social; sistematizando e registrando no quadro, para que os alunos pudessem copiá-los se assim preferissem.

Encerramos agradecendo à turma pela participação e nos colocando ao dispor para outras Oficinas e apoio pedagógico, (como a que já realizamos sobre texto: artigo de opinião, solicitado pela professora regente da turma, com o objetivo de ajudá-los na realização do exame para ingresso no IFBA), independentemente desse trabalho de dissertação.

Ao avaliarmos as atividades e as produções realizadas, notamos que os estudantes, de fato, discutiram o tema, debateram e obtiveram entendimento acerca dos conteúdos. Foi um momento proveitoso e que, a nosso ver, alcançou seu objetivo principal, pois trabalhou um conteúdo gramatical, 1ª pessoa do plural e pronomes pessoais caso reto, de forma relevante, funcional, contextualizada, que despertou o interesse dos estudantes e proporcionou uma reflexão sobre a língua real, considerando os momentos sociais de interação, intenção comunicativa, as variações linguísticas e a adaptação dessas aos momentos de produção de fala e de escrita.

Durante o período do intervalo, na mesa do refeitório, conversamos com alguns alunos a respeito da Oficina e pedimos que eles dissessem o que acharam sucintamente em um depoimento que foi gravado. Assim feito, temos em anexo, áudios gravados, de forma simples, com ruídos de pratos, talheres e muito barulho, sem nenhuma reedição, nos quais é possível ouvir o depoimento de alguns alunos sobre a Oficina. O que nos chamou a atenção nos depoimentos discentes foi o fato de eles citarem muito sobre a música que inicialmente tínhamos receio de que não gostassem, mas ainda assim utilizamos na persistência, por acreditar no poder universal que a música tem.

Realizada essa descrição, a partir de agora, faremos uma análise das respostas dos estudantes nas atividades propostas na Oficina, a fim de averiguarmos a compreensão desses a respeito dos fenômenos linguísticos estudados na proposta de intervenção pedagógica e do objeto de estudo na nossa pesquisa.

No início das atividades da Oficina, perguntamos aos grupos por que há tanta repetição da expressão "roda viva" na música em análise? Os estudantes responderam:

Grupo 1 – "Para dar ênfase e fazer referência ao regime militar".

Grupo 3 – "Para enfatizar que a ditadura não permitia nada".

Grupo 5 - "Porque o autor quis destacar o poder que arrancava sentimentos...".

O grupo 2 e o grupo 4 não compreenderam a questão.

Outra questão afirmava: o termo *a gente* é repetido na música várias vezes. Não é bom repetição de palavras muito próxima umas das outras, mas nessa música a repetição tem algum objetivo específico? É proposital? Comente. Os grupos, então, responderam:

Grupo 1 – "O termo *a gente* se refere diretamente a sociedade e como ela vivia naquela época..."

Grupo 2 – "Sim; é proposital..."

Grupo 3 – "Sim, pois cria sonoridade e enfatiza o recado da música".

Grupo 4 – "Ele utiliza o termo a gente se referindo a todos nós..."

Grupo 5 – "Sim, pois o autor quer combinar as palavras, dando melodia à canção".

Por meio dessas respostas, percebemos que os estudantes entenderam a referência do SN a gente e aceitaram a repetição como um recurso linguístico. Desse modo, inferimos que o paralelismo semântico e sintático é algo aceito e cujo sentido é compreendido pelos estudantes, permitindo, dessa forma, uma satisfatória interação.

Quando perguntamos se essa repetição prejudicou a letra e o sentimento que a música transmite, os estudantes responderam:

Grupo 1 – "Não. Porque foi o termo que ele melhor usou para se expressar".

Grupo 2 – "Não, porque não era a intenção de prejudicar a música e sim transmitir a ideia que ele realmente queria".

Grupo 3 – "Não, pois como dito anteriormente cria ritmo..."

Grupo 4 – "Não, por que deu entendimento geral que ele queria expressar no texto".

Grupo 5 – " $N\tilde{a}o$ , por que ele queria expressar em forma de poesia se colocasse o pronome  $n\acute{o}s$ , ficaria sem sentido".

Mais uma vez vemos que com tranquilidade o paralelismo sendo aceito no texto musical.

Quando perguntamos se os estudantes consideram essa repetição importante, eles se posicionaram da seguinte forma:

Grupo 1 – "Sim, para poder representar a sociedade".

Grupo 2 – "Sim, porque ele não queria expressar só a opinião dele, e sim, a de todos".

Grupo 3 – "Sim, porque é fundamental representar o povo..."

Grupo 4 – "Sim, pois ele sempre queria ressaltar isso, a todo momento"....

Grupo 5 – "Sim, pois se colocasse o pronome *nós*, teria que mudar muitas palavras e perderia o sentido".

Entendemos que os estudantes, participantes da nossa pesquisa, acreditam na força da manutenção do termo para uma espécie de intensificação/ ênfase no sentido que se deseja expressar.

Com vistas a perceber como os estudantes se posicionavam em relação à escolha da variante dependente na primeira pessoa pronominal na posição de sujeito, perguntamos aos estudantes se no lugar do termo *a gente*, empregássemos o pronome *nós*, teríamos o mesmo sentido? Eles explicaram que:

- Grupo 1 "Não, porque não iria dar ênfase, não iria dar esclarecer bem o sentido da música".
- Grupo 2 "Sim, por que *nós* e *a gente* é a mesma coisa, ou seja, tem o mesmo sentido".
  - Grupo 3 "Não, pois iria ter que mudar os verbos do poema".
- Grupo 4 "Sim, porque os dois termos, tem o mesmo sentido, mais o pronome nós, ficaria informal".
  - Grupo 5 "Não, pois teria que substituir as palavras do singular para o plural".

Notamos, nessas respostas, que o grupo 1, não concorda com a substituição do SN a gente, por nós. Já o grupo 2 acredita que, ambas as formas têm o mesmo significado. Assim, podem ser permutadas/substituída no enunciado sem prejuízo da referência a que estão a serviço. O grupo 3, diz que a substituição implicaria na mudança dos verbos. Vemos nessa justificativa que esse grupo, deteve-se na questão da concordância verbal. Para o grupo 4, as formas variantes têm o mesmo sentido, porém consideram o pronome *nós* mais adequado porque ficaria mais "informal". O grupo 5 também demonstra uma preocupação com a substituição devido a necessidade de uma adequação na concordância verbal.

Assim, vemos que a concordância verbal e a natureza semântica das formas variantes foram consideradas pelos estudantes no momento da realização da atividade. Por fim, compreendemos que para a maioria dos estudantes o SN *a gente*, desempenha de modo apropriado a função semântica de sujeito.

A variável concordância verbal, analisada na dissertação, também se faz notória nas observações dos estudantes, pois estes compreendem que a forma variante dependente escolhida precisa de concordância verbal adequada, à cada forma específica.

Perguntamos aos estudantes se o pronome *nós f*az referência à mesma pessoa que o termo *a gente*, os grupos responderam:

- Grupo 1 "Não, porque a palavra *nós* delimita e engloba a um certo tipo de pessoa, enquanto, *a gente* é aberta quanto isso".
  - Grupo 2 "Sim, pois ambos se referem à primeira pessoa do plural".
  - Grupo 3 "O termo *a gente* mudou com o tempo para *nós*".
  - Grupo 4 "Sim, porque mesmo sendo palavras diferente, possuem o mesmo sentido".

Grupo 5 – "Não, pois ambos são diferentes e servem para diferenciar as frases".

Analisando as respostas dadas pelos grupos, observamos que o grupo 1 observa o sentido, ou seja, a função +/- generalizada e +/- indeterminada das formas, mesmo se confundindo. O grupo 2 destaca a função pronominal das formas variantes. O grupo 3, aponta para o processo de gramaticalização, porém inverteu os pronomes. O grupo 4, por sua vez, observa apenas superficialmente e afirmam que ambos os termos fazem referência à mesma pessoa, pois tem o mesmo sentido. Por fim, o grupo 5 reconhece que ambos são distintos, mas não conseguem apontar essa distinção. Interessante observar que a tendência à percepção das formas variantes, também, já é trabalhada nesse tipo de atividade.

Pedimos aos estudantes que lessem alguns pares de frases com nós e a gente e imaginassem qual dos pares prefeririam utilizar em sua linguagem, caso a situação fosse de formalidade ou de informalidade. Apresentamos o quadro 45 com as preferências dos estudantes.

Quadro 45 – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação à formalidade/informalidade

Formalidade / Informalidade	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
Tem dias que a gente se sente	Informal	Informal	Informal	Informal	Informal
Tem dias que <i>nós</i> nos sentimos	Formal	Formal	Formal	Formal	Formal
A gente estancou de repente	Informal	Informal	Informal	Formal	Informal
<i>Nós</i> estancamos de repente	Formal	Formal	Formal	Formal	Formal
A gente quer ter voz ativa	Informal	Informal	Informal	Informal	Informal
Nós queremos ter voz ativa	Formal	Formal	Formal	Formal	Formal

Fonte: elaborado pela autora.

Os grupos foram praticamente unânimes em suas escolhas. O pronome *nós*, foi indicado como preferência em um contexto de formalidade, ao passo que o SN *a gente*, foi indicado como preferência em um contexto de informalidade.

Ressaltamos que, através dos dados obtidos em toda nossa pesquisa, concluímos que os estudantes relacionam o conceito de formalidade à modalidade escrita, e assim eles empregam mais o pronome tradicional *nós* por outro lado, relacionam o conceito de informalidade à modalidade oral e nesta eles empregam mais o SN *a gente*.

Confirmamos essa conclusão através do desenvolvimento de outra atividade que solicitava aos estudantes que lessem alguns pares de frases com *nós* e *a gente* e imaginassem qual dos pares prefeririam utilizar diante da necessidade de se expressar na modalidade escrita e na modalidade oral. Apresentamos o quadro 46 com as preferências dos estudantes:

	Oralidade / escrita	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
	A gente vai contra a corrente	Oralidade	Oralidade	Oralidade	Oralidade	Oralidade
SO	Nós vamos contra a corrente.	Escrita	Escrita	Escrita	Escrita	Escrita
IAD	A gente toma a iniciativa.	Oralidade	Oralidade	Oralidade	Escrita	Oralidade
ENUNCIADOS	Nós tomamos a iniciativa	Escrita	Escrita	Escrita	Oralidade	Escrita
E	Faz tempo que <i>a gente</i> cultiva a	Oralidade	Oralidade	Oralidade	Oralidade	Oralidade
	mais linda roseira que há					
	Faz tempo que <i>nós</i> cultivamos a	Escrita	Escrita	Escrita	Escrita	Escrita
	mais linda roseira que há.					

Quadro 46 – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação a oralidade e escrita

Fonte: elaborado pela autora.

Desse modo, notamos que a maioria dos grupos se posicionaram a favor do pronome *nós* no momento de expressar na modalidade escrita e se posicionaram a favor do SN *a gente* no caso em que tivessem de expressar na modalidade oral.

Indagamos, ainda, aos estudantes, caso eles fossem os compositores dessa música, iriam escolher a forma *a gente*, como o Chico Buarque fez? Ou escolheriam o pronome tradicional *nós*? Os estudantes assim se posicionaram:

Grupo 1 – "O pronome "a gente", por conta de a música estar no modo informal".

Grupo 2 – "A gente", pois quase ninguém fala "nós", e o "a gente" é mais utilizado".

Grupo 3 – "Usaríamos *nós*, pois iriamos usar uma linguagem formal para escrever a música".

Grupo 4 – "Não, eu escolheria o termo "nós" seria um grupo maior de pessoas, e "a gente" seria quantidade menor de pessoas".

Grupo 5 – "'A gente", porque deu mais sentido à música".

Vemos que a maioria dos grupos manteria o SN *a gente*, pela informalidade, capacidade de maior entrosamento com os ouvintes e por expressar melhor o sentido da música. Um grupo consegue perceber o fenômeno da referenciação, porém, troca-os e, apenas, um grupo empregaria o pronome *nós*, pois intencionaria atribuir formalidade à música.

Em outra atividade, retiramos de um *site* da *internet*, comentários sobre a música "Roda viva", e pedimos que os estudantes apontassem qual a forma de linguagem os internautas comentaristas utilizaram, se mais formal ou mais informal. Os grupos identificaram os seguintes tipos:

Grupo 1 – mais formal

Grupo 2 – mais informal

Grupo 3 – tem um pouco dos dois

Grupo 4 – mais formal

Grupo 5 – mais informal

Ainda em relação aos comentários do *blog*, perguntamos se o tipo de linguagem usada nas mensagens é adequado ao meio onde foram colocadas? Os grupos afirmaram:

Grupo 1 – "Sim, porque eles tem uma certa liberdade para escrever do meio que quiserem na rede social".

Grupo 2 – "Sim, porque foram expostos em um blog ou site de música".

Grupo 3 – Não compreenderam o enunciado.

Grupo 4 – "Sim, pois foi em uma rede social e não necessita completamente dos critérios linguístico".

Grupo 5 – "Sim, porque na internet é comum o uso da linguagem informal".

Por meio dessa atividade, pudemos concluir que os grupos afirmaram que a linguagem informal foi o tipo escolhido pelos internautas e que esta seria a mais adequada.

A penúltima atividade da Oficina propunha que os estudantes observassem umas figuras que representavam as faixas etárias das pessoas. Pedimos que imaginassem o modo de falar de cada uma delas e indicassem quais formas eles achavam que essas pessoas costumavam empregar em suas falas cotidianas dependendo de sua faixa etária *nós* ou *a gente*.

Ainda analisando esta mesma atividade podemos também inferir sobre a faixa etária que os estudantes atribuíram que empregassem determinada forma variante, desse modo visualizamos no quadro que:

Grupo 1 - A forma  $n \acute{o} s$ , foi atribuída a todos os jovens, adultos e idosos. Já a forma a gente foi atribuída apenas às crianças.

Grupo 2 - A forma  $n \acute{o} s$ , foi atribuída a todos aos adultos e idosos. Já a forma a gente foi atribuída às crianças e jovens.

Quadro 47 - Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação à faixa etária

Faixa etária/	crianças	crianças	Jovens	jovens	adultos	adultos	idosos	idosos
Formas variantes	Nós	a gente	Nós	a gente	Nós	a gente	Nós	a gente
Grupo 1	0	3	1	2	5	0	2	0
Grupo 2	0	3	1	2	4	1	0	2
Grupo 3	1	2	1	2	2	3	1	1
Grupo 4	1	2	1	2	4	1	1	1
Grupo 5	2	1	2	1	2	3	1	1

Fonte: elaborado pela autora

Grupo 3 – Escolha aleatória, não observo nenhum critério.

Grupo 4 - A forma  $n \acute{o} s$ , foi atribuída apenas aos idosos. Nas outras faixas etárias as formas foram distribuídas aleatoriamente.

Grupo 5 - Escolha aleatória, não observo nenhum critério.

Através do quadro 47, fica claro, em nossa pesquisa que, enquanto dois grupos consideram que o uso das formas nós e a gente independem da faixa etária, três grupos consideram o " nós" como um pronome mais usado por camadas com maior idade (o que pode representar escolaridade também) em comparação com outras com a idade menor.

Foi aplicada uma atividade na qual os estudantes teriam que se colocar no lugar de personagens inanimados de acordo com o sexo masculino ou feminino dos desenhos, e atribuir a estes quais das formas variantes eles possivelmente empregariam em suas falas. No quadro 48, vemos que os estudantes fizeram as seguintes atribuições:

Quadro 48 – Preferência das formas variantes da 1ª pessoa do plural em relação ao sexo

Sexo/forma	Masc. nós	Masc. a gente	Fem. nós	Fem. a gente
Grupo 1	05	01	03	04
Grupo 2	03	03	02	05
Grupo 3	02	04	03	04
Grupo 4	03	03	04	03
Grupo 5	03	03	04	03

Fonte: elaborado pela autora

#### Podemos notar que:

O grupo 1, considerou que em relação ao sexo, 05 pessoas do sexo masculino empregariam o pronome *nós* e apenas um, o SN *a gente*. Em relação ao sexo feminino, o grupo supôs que 03 pessoas do sexo feminino empregariam o pronome *nós*, ao passo que 04,

empregariam o SN *a gente*. Então, o grupo 1, acredita que o pronome *nós*, seria mais empregado pelo sexo masculino e o SN *a gente*, seria mais empregado pelo sexo feminino.

O grupo 2, considerou que o SN a gente, seria mais empregado pelo sexo feminino.

O grupo 3, considerou que o SN a gente seria o mais empregado pelos dois sexos.

O grupo 4, considerou que as escolhas entre as variantes estariam em equilíbrio, porém apontam uma leve preferência do sexo feminino pelo pronome *nós*.

Por fim, o grupo 5, também apresenta as mesmas escolhas que o grupo 04, apontando uma leve tendência do pronome *nós* pelo sexo feminino.

Contudo, podemos notar que ambas as formas variantes são distribuídas pelos sexos sem muita distinção ou predileção. Podemos afirmar que para estes estudantes, as formas variantes em relação ao sexo, estão em equilíbrio.

Acreditamos que a realização dessa Oficina<sup>19</sup> em outras turmas com idades diferentes teria um resultado semelhante ao nosso e, assim, concluímos que:

- é possível e, sobretudo, importante trabalharmos a diversidade linguística e
  mostrarmos aos nossos alunos que, sendo frutos de uma sociedade plural, a
  nossa língua não teria como ser una, homogênea, princípios norteados pela
  Sociolinguística;
- é interessante e necessário dialogarmos com os nossos alunos sobre a língua em uso, não querendo propor o ensino de formas variantes, porque essas formas os alunos já conhecem, sabem e utilizam, mas propondo a reflexão sobre o uso de termos que fazem parte do vernáculo deles, princípio norteado pelo Sociofuncionalismo.

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> A Oficina Pedagógica proposta encontra-se no:

Apêndice 05- plano de aula da Oficina;

Apêndice 06 - cópia das atividades;

Anexo 06 - lista de dez músicas;

Anexo 07 - letras das músicas:

Anexo 08 - CD áudio das músicas e;

Apêndice 07 - depoimentos sobre a Oficina.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Após navegarmos toda a carta náutica passando por diversas correntes chegamos a um porto para reflexão de tudo o que já percorremos. Durante toda essa navegação nossos objetos de estudo foram: a forma variante dependente de 1ª pessoa do plural *nós/ a gente*. Ao começarmos a navegar, pensamos em quais fatores linguísticos e extralinguísticos estão condicionando a escolha das duas formas; qual a significação dessa escolha; seu valor social e linguístico; qual o índice de substituição do pronome pessoal clássico pelo sintagma nominal *a gente* em relação à modalidade e realização ou não da concordância verbal.

Com esta dissertação, pretendíamos: (i) analisar os fatores condicionadores que motivam a escolha entre as formas variantes *nós/a gente* utilizada pelos estudantes em situações de comunicação oral e escrita, à luz da Sociolinguística; (ii) analisar a função que o SN *a gente* vem desempenhando, à luz do Funcionalismo; (iii) averiguar de que forma a variação do pronome *nós* e do SN *a gente* é avaliada por informantes que dela faz uso; e (iv) elaborar uma proposta de intervenção didático-pedagógica por meio da exploração de músicas a partir do resultado da pesquisa, à luz do Sociofuncionalismo.

Iniciamos nossa navegação procurando entender as correntes teóricas e como elas entendem a linguagem e as variações linguísticas. Vimos dois polos de estudo da língua, polo Formalista, que engloba as teorias Estruturalismo e Gerativismo: as quais seguem pressupostos tradicionais e, depois, o polo Funcionalista que engloba a Sociolinguística, Funcionalismo e o Sociofuncionalismo e orienta novos pressupostos para a compreensão dos fenômenos da língua.

Após navegarmos por essas correntes, dirigirmo-nos à investigar como as gramáticas prescritiva, descritiva, internalizada e reflexiva trabalham nosso objeto de estudo e as variações linguísticas existentes no uso desses pronomes, buscando compreender os entraves e as contribuições de cada uma em relação ao trabalho com as variações linguísticas na

escola. Depois desse conhecimento voltamo-nos para nosso objeto de estudo analisando seu surgimento e seu enquadramento no sistema pronominal brasileiro.

Toda variação na língua não se dá ao acaso. A substituição do pronome *nós* pelo SN *a gente* é explicada do ponto de vista formal, à luz da Sociolinguística, por sua vez, à luz do Funcionalismo, alcançamos a explicação do ponto de vista funcional. Nessa direção, originalmente, podemos observar que a partir de um item gramatical (gente = conceito de + genérico, + indeterminado, equivalendo a toda e qualquer pessoa) aglutinando-se a outro (a= artigo feminino) e transformando em um novo item (a gente = SN +determinado, +especifico e incluso). Nesse sentido, a mudança na forma, que precede a mudança de classe gramatical, serve às reais necessidades de ampliação das relações comunicativas. Concomitantemente, a variação na função surge em atendimento a uma demanda de maior expressividade na língua, já que com a substituição, o novo item agrega novas funções. Com todas essas mudanças a concordância verbal é alterada, fazendo-se agora uma concordância simples, no lugar de uma complexa, dando mais fluidez à conversação.

No século XXI, o SN *a gente* vem disputando espaço com o concorrente pronome tradicional *nós*, sendo largamente usado pela comunidade linguística brasileira, exercendo cada vez mais a função pronominal, afastando-se da função original de substantivo coletivo. A escolha pelo SN *a gente* ao invés de *nós* dá-se com maior incidência na oralidade, contudo, já percebemos que essa variação também vem ocorrendo na modalidade escrita, principalmente na comunicação publicitária.

Uma das hipóteses que motivou este estudo consistia no princípio de que o SN *a gente* tem uma tendência real de ocupar o lugar do pronome *nós*, especialmente na **posição de sujeito**. No resultado da nossa pesquisa, foi possível constatar que essa hipótese não se confirma, pois, as ocorrências do SN *a gente*, nessa posição não superam as ocorrências do pronome *nós*.

Procuramos averiguar em que **função semântica** tem sido mais produtivo o uso do *nós* e do *a gente*, e os nossos resultados demonstraram que a função de indeterminação foi a mais produtiva, seguida pela função semântica P1=eu, depois pela função semântica de P1=eu+ P3 e P6 e, em último lugar, apareceu a função semântica do P1=+P2+ P5.

Uma hipótese confirmada em nossa pesquisa é a influência do **paralelismo**, pois nossos participantes, ao escolherem entre as formas concorrentes, mantiveram a primeira escolha na sequência de suas produções textuais orais e/ou escritas, e o não-paralelismo, a troca de pronomes, configura-se uma exceção.

A hipótese para a variável **concordância verbal** era a de que o estudante realizasse a concordância verbal não-marcada. Pelos nossos resultados, notamos que a variável linguística concordância verbal na oralidade aponta que o SN na posição de sujeito apresenta grande produtividade de concordância verbal, quando a forma verbal assume a posição da desinência de 3ª pessoa do singular e não ocorreu nenhuma ocorrência não-marcada. Já o pronome tradicional *nós*, apesar de ter menos ocorrência nessa modalidade, das 09 ocorrências, 03 foram de concordância não-marcada. Esses números confirmam a hipótese de que o SN *a gente* possibilita mais concordância verbal.

Em relação ao **tempo verbal**, notamos que nas produções escritas obtivemos grande ocorrência do pronome *nós* e percebemos que a conjugação verbal correspondente que obteve maior produtividade diante do pronome tradicional foi o tempo presente do modo indicativo. Contudo, nas produções orais, pelos resultados da nossa pesquisa o SN *a gente* tende a realizar mais concordância, e essa produtividade se deu com maior incidência no tempo pretérito imperfeito. Quando colocamos juntos os dados de escrita e oralidade, percebemos que a tendência primordial dos nossos estudantes é realizar a concordância verbal.

Nossa hipótese para a variável **tipos textuais** era a de que o SN *a gente*, por sua função + generalizador e indeterminado, fosse o preferido pelos usuários nas produções de textos argumentativos, ao passo que o texto narrativo, por ser mais inclusivo e determinado, favorecesse mais a ocorrência do pronome tradicional *nós*. Contudo, nossos resultados permitiram-nos compreender que, na escrita, obtivemos preponderância do uso do pronome *nós*, e na oralidade, obtivemos preponderância do SN *a gente*. Sendo assim, a modalidade foi o fator que impulsionou a escolha da forma variante e não o tipo textual.

Em relação à **variável extralinguística sexo**, nossa hipótese consistia na afirmativa de que o emprego do SN *a gente*, fosse favorecido pelo sexo feminino em substituição ao pronome *nós*. Porém, notamos que a produtividade do pronome *nós* dentre as ocorrências do sexo masculino e feminino possui uma insignificante diferença de apenas 0,06 (seis décimos) percentuais. Observando a produtividade do SN *a gente*, percebemos que há uma leve diferença devido aos estudantes masculinos optarem pela forma inovadora mais vezes que as estudantes do sexo feminino. Assim, entendemos que essa variável na comunidade pesquisada encontra-se em equilíbrio.

Em toda sociedade existe o problema da avaliação social das variedades linguísticas. Devido à existência de apenas uma variedade linguística de prestígio, a comunidade falante relega a um segundo plano, todas as demais variedades. Estas, que não alcançaram prestígio por não serem as mais utilizadas pela classe social mais favorecida, recebem o critério de uma

avaliação, relegando-as à uma condição de inferioridade em relação à variedade padrão. Por isso aplicamos na escola pesquisada, um questionário para apurar a percepção da avaliação social que professores e alunos fazem das variedades linguísticas e do nosso objeto de estudo.

Feito isto, verificamos que a maioria dos estudantes rejeitaram as duas formas que não seguem as normas gramaticais tradicionais ensinadas na escola. Podemos afirmar que 76% dos estudantes valorizam as formas canônicas na escrita, tanto o pronome *nós* com concordância no plural, quanto o SN a gente com concordância no singular. Observamos certo preconceito em relação à forma inovadora, pois mesmo os estudantes dizendo que fazem uso, na oralidade do SN *a gente*, eles o consideram ruim. Referindo-se à informalidade, os estudantes ficaram divididos entre as opções, porém destacamos que a opção mais escolhida foi concernente à forma inovadora + verbo no singular, perfazendo um total 42% das escolhas. Em relação ao sexo, podemos afirmar que não há nenhuma diferença nas escolhas.

E quanto à percepção da avaliação social que os professores fazem das variedades linguísticas e do nosso objeto de estudo, constatamos que a maioria dos pesquisados tem uma boa compreensão acerca das variações linguísticas. Eles consideram que mudanças devem ocorrer nos currículos, na formação docente e nos livros didáticos. Todos os professores entendem que o conceito de erro em Língua Portuguesa tem sofrido alterações, mas ainda o consideram como desvio da norma culta e o não cumprimento das normas gramaticais. Eles afirmam trabalhar o SN *a gente* e consideram importante trabalhar a variação linguística.

Esses professores acreditam que os alunos acham o português difícil devido à quantidade de normas gramaticais e suas exceções, metodologia "estanque" e de "memorização" e a "tabus" e falta de discernimento entre fala e escrita. Afirmaram que a forma correta de falar é a que faz com que o falante seja compreendido e que a fala e escrita são modalidades distintas que exigem construções também distintas.

A proposta de intervenção pedagógica deu-se por meio do desenvolvimento de uma Oficina, na qual pudemos observar que os estudantes de fato discutiram o tema, debaterem e obtiverem entendimento acerca dos conteúdos. Consideramos que a Oficina alcançou seu objetivo principal ao trabalhar a variação linguística de forma funcional e contextualizada. A Oficina despertou o interesse dos estudantes e proporcionou uma reflexão sobre a língua real em momentos de interação e a adaptação das variações linguísticas aos momentos de produção de fala e de escrita. Por fim, convém afirmar que, através de depoimentos gravados, constatamos a importância dessa Oficina.

Concluímos que a escola em análise tem atingido seu objetivo de trabalhar as normas gramaticais voltadas para os pronomes pessoais do caso reto. Entretanto, almejamos uma

escola onde todos compreendam que devemos respeitar à diversidade e às variedades linguísticas. A escola deve entender que a gramática tradicional e o estudo das variações linguísticas devem fazer parte de um mesmo "espiral". A valorização do falar de uma comunidade e o reconhecimento do seu valor cultural e social devem estar atrelados ao ensino da norma culta, e que esta, sirva como se fosse uma segunda língua que os estudantes precisam dominar para empregá-la em contextos sociais específicos, a fim de que a tenha como uma ferramenta que possibilite abrir portas no contexto social mais privilegiado.

Ancoramos, neste momento, com a convicção de que navegamos por diversas vagas e correntes linguísticas, no entanto, temos a certeza de que há ainda muitas rotas a serem navegadas. Não obtivemos a vaidade de esgotar as análises em volta do nosso tema, contudo, sugerimos rotas que possibilitassem melhor compreensão acerca do fenômeno da variação linguística, em especial, àquele que foi nosso objeto de estudo: nós/ a gente.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Silvana Regina Nascimento; COELHO, Izete Lehmkuhl. Concordância de 1ª pessoa do plural na escrita escolar. In: Ziles, A.M.S; Faraco, C.A. (orgs). *Pedagogia da Variação linguística*: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p.79 - 121.

ALKMIM, Tania. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIN, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (Orgs.) *Introdução à linguística*: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.21-48. 1v.

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Orgs.) *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

ALMEIDA, Rosiane Silva de; ARAÚJO, Silvana S. de Farias. A forma possessiva da gente em comunidades rurais do Semiárido baiano. In: ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Orgs.) *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.

AREAS, Eduardo Kenedy; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. Rio de Janeiro: DP&A editora Ltda., 2003. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado; MARTELOTTA, Mário Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. (Orgs.) *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A editora Ltda., 2003.

BAGNO, Marcos. *Gramática pra que te quero?* Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português. Curitiba: Aymará, 2010.

\_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editoral, 2007.

BALTHAZAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura e GOULART, Shirley. *Singular & Plural:* leitura, produção e estudos de linguagem 7º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante e Ribeiro, Ilza. (Orgs.) *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

BECHARA, Ivanildo. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fronteira, 2010.

\_\_\_\_\_. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. *Novo Diálogo*: 6° ao 9° ano. São Paulo: FTD, 2006.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BARBOSA, Vanessa. Skol muda campanha após polêmica. *Revista Grupo Abril*. São Paulo, 13 fev. 2015. Disponível em: <a href="http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/skol-muda-campanha-de-outdoor-apos-polemica-veja-a-nova">http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/skol-muda-campanha-de-outdoor-apos-polemica-veja-a-nova</a>. Acesso em: 06 de julho 2016

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 18. ed. São Paulo: Vozes, 1988.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. A língua falada no ensino de português. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português*: Linguagens. São Paulo: Atual, 2003.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique e SOUZA, Christiane Ma N.de. (Orgs.) *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/ UFSC, 2010.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria. (Orgs). Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

COLETIVO, Flores de Dandara. *Visibilidade feminista em Eunápolis* @ coletivoflores dedandara. Disponível em: <a href="http://jornalarquimedes.blogspot.com.br/2015/10/visibilidade-feminista-em-eunapolis.html">http://jornalarquimedes.blogspot.com.br/2015/10/visibilidade-feminista-em-eunapolis.html</a>>. Acesso em: 17 maio 2016.

COSÉRIU, Eugênio. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*: cinco estudos. Tradução: Agostinho Dias Carneiro. Revisão técnica de Carlos Alberto Fonseca e Mario Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Tradução e adaptação: Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Tradução de: Inglesa revista e ampliada, 1985.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; MARTELOTTA, Mário Eduardo; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. (Orgs.) *Linguística funcional teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A editora Ltda., 2003.

FARACO, Carlos Alberto; ZILES, Ana Maria Stahl. (Orgs.) *Pedagogia da variação linguística:* língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Linguagem nova*: 6° ano. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Oralidade e escrita*: perspectiva para o ensino de língua. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. *Variação Pronominal nós/ a gente e tu/você* em Concórdia – SC. 2011. 253 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. *Pedagogia da pesquisa-ação*: Educação e Pesquisa. São Paulo, v.31, n.3, p.483-502, set/dez. 2005.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2014.

GIVON, Talmy. Functionalism and grammar. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *Historical syntax and synchronic morphology*: an archaeologist's field trip. Chicago: Linguistic Society, 1971.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: Elizabeth C. Traugott & Bernd Heine (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. V.1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 17-35, 1991.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. Grammaticalization. Cambridge: CUP.1993.

HORA, Dermeval da. (org.) *Teoria da variação:* Trajetória de uma proposta. In: HORA, Dermeval da. *Estudos Sociolinguísticos:* perfil de uma comunidade. João Pessoa: UFPB, 2004.

HOUAISS, Antonio. (Apresentação de.) *Dicionário Prático da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora: Cia. Melhoramentos de São Paulo, 2005. (Baseado na obra: Grande Dicionário Brasileiro Melhoramentos, em 05 volumes, 8. ed. 1975)

JUBRAN, Clélia Spinardi. Tópico Discursivo. \_\_\_\_\_. (Org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015.

KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo Toscano. (Org.) *Manual de Linguística*. São Paulo: contexto, v.1, p.127-140. 2008.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONE, Marina de Andrade. Fundamentos da Metodologia Científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 52. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. São Paulo: Delta, v. 14, n, 2, 1998.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*: percurso histórico. 1999. 213 p. Tese (Doutorado Letras) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro. 1999.

LOPES, Célia Regina dos Santos. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, Tânia Maria (org). *Para a história do português brasileiro* – Novos Estudos. São Paulo: Humanitas. 2002. p.25-46.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português. Iberoamericana/Vervuert, Frankfurt am Main/ Madrid, Iveroamericana/Vervuert Vervuet/ Iberoamericana,v.18, 2003. p.174

LOPES, Célia Regina dos Santos; VIANNA, Juliana Segadas. A variação dos pronomes "nós" e "a gente". In: ABRAÇADO, Jusarra; MARTINS, Marco Antonio. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. (orgs). São Paulo: Contexto, 2015, p. 109-131

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Da fala para a escrita. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MENON, Odete Pereira da Silva. *O sistema pronominal do português do Brasil. Letras.* Curitiba: UFPR – Universidade Federal do Paraná, n.44, 1995. p. 91-106

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Ancienne Honoré Champion, 1965.

MONTEIRO, José Lemos. Morfologia Portuguesa. Fortaleza: Edições UFC – PROED, 1986.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística:* o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MORESI, Eduardo (Org.) *Metodologia da Pesquisa*. Brasília: UCB – Universidade Católica de Brasília. 2003.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

NEVES, Maria Helena Moura. Estudos Funcionalistas no Brasil. D.E.L.T.A. Vol.15. Nº Especial, 1999.

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) *Padrões sociolinguísticos*: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p.185-212.

OMENA, N. P. e BRAGA, M. L. A gente se gramaticalizando? In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Claudia; MOLLICA, Maria Cecília. *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

PRATES, Marilda. *Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa:* 7ª/ 6º ano. São Paulo: Moderna, 1998.

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. 74. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

RICHE, Rosa Cuba; SOUZA, Denise M. *Oficina de textos*: leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Tradução: Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix,1995.

SAVIOLI, Francisco Platão. Gramática em 44 lições. 32. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SILVA-BRUSTOLIN, A.K. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da rede pública de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica* - "ouvir o inaudível". São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (des)caminhos do você:* uma análise sobre variação e mudança na forma, na função e referência do pronome você. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

TAVARES, Maria Alice. (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007.

TAVARES, M.A. *Sociofuncionalismo*: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. Interdisciplinar-*Revista de Estudos em Língua e Literatura*, vol.17, 2013. p. 27-48,

\_\_\_\_\_. A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequênciação retroativa-propulsora de informações um estudo Sociofuncionalismo. 2003. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino da gramática. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

THOMPSON, Geoff. *Introducing funtional grammar*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

VIEIRA, Antenor. *Nova Enciclopédia da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros do Brasil S.A, 1959. 1 v.

ZILES, Ana Maria Stahl. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? Porto Alegre: UNISINOS/UFRGS. *Letras Hoje*, v.42, n. 2. junho, 2007, p.27-44